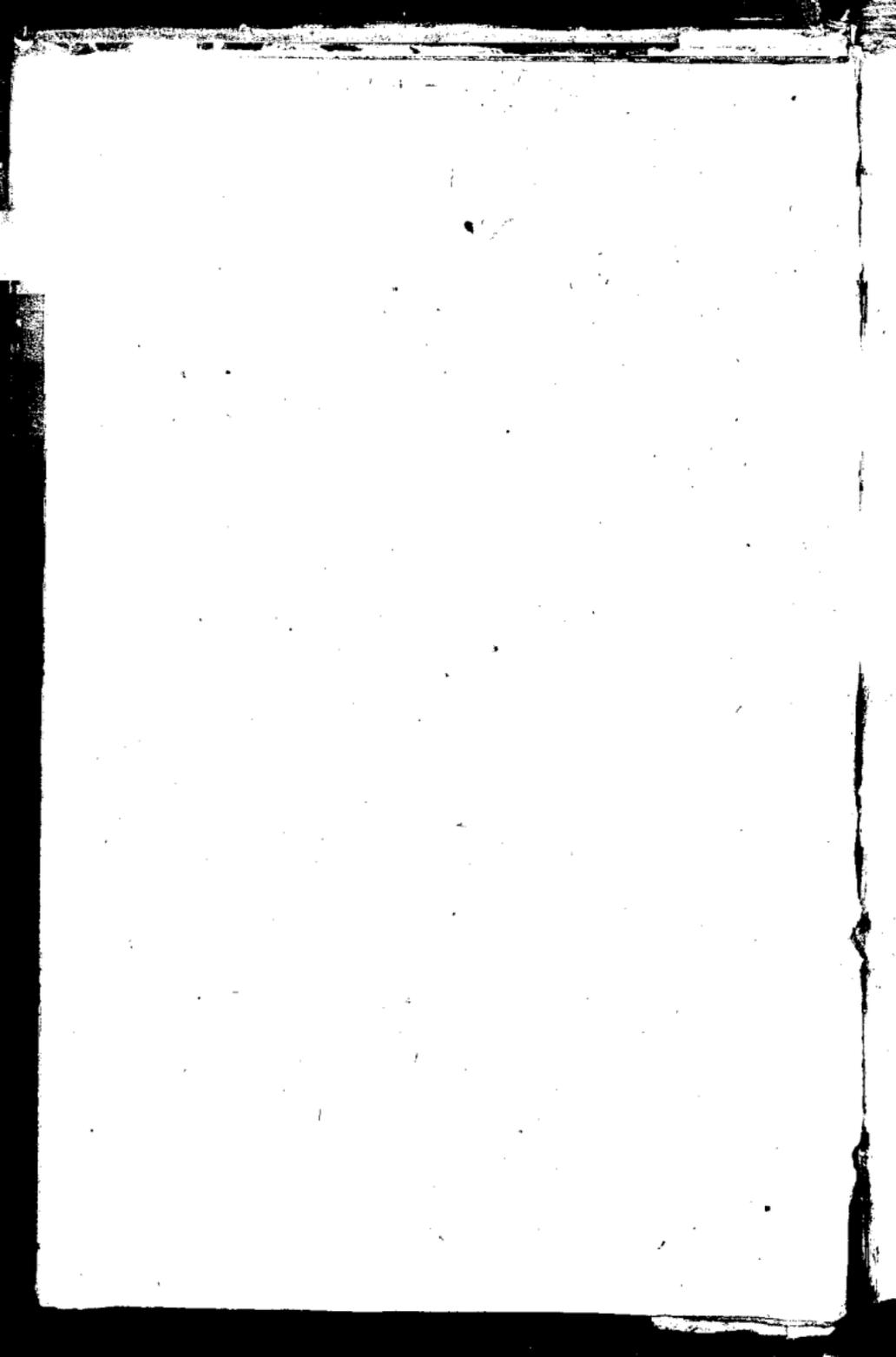






L.  
331\*





P O E S I A S  
D E  
ANTONIO DINIZ DA CRUZ

E S I L V A .

Na Arcadia de Lisboa  
ELPINO NONACRIENSE.

T O M . III.

Que contém as Poesias Liricas.

L  
3314



LISBOA. 1812.

NA TYPOGRAFIA LACERDINA.  
Rua da Condeça ao Carmo. N. 19.

*Com Licença da Mesa do Desembargo do Paço.*

P O E S I A S

ANTONIO PINO DA COSTA

BRASIL

de contem as seguintes

RUA

DITHYRAMBO I. 15

Esse vinho, que brilha,  
 Nessa vasilha,  
 Que vinho he?  
 Se não me engano,  
 Vinho he do Porto,  
 Que o nosso Baccho  
 Para conforto  
 Quando está fraco  
 Costuma usar.  
 Enchão-me pois  
 Desse liquido pyrôpo  
 Todo este côpo.  
 Que inteiro quero  
 Bebello em honra  
 Do grande Andrade.  
 De ti, Andrade,  
 Agora fallo,  
 Que de todos o primeiro,  
 De Verona o cisne imitando,  
 Entre nós gracioso derramas  
 Os curtos, mas picantes epigrammas.  
 Só te vejo n'esta estrada;  
 Mas seguir-te a mi me agrada.  
 E entre tanto de vinho o copo arraso,  
 E em louvor de teu nome já o vaso.

Outro vá igual  
 Ao Corte Real;  
 Que ao Monte-maior  
 Não hei-de brindar.

16 DITHYRAMBOS.

Goarde lá sua Diama  
 Para a gente Castelhana ;  
 Se escrevera em Portuguez ,  
 O brindára d'esta vez :  
 Mas deixar o doce , puro ,  
     Abundante ,  
     Elegante ,  
     E brilhante

Idioma Lusitano ;  
 E por quem ? pelo Hispano ;  
 Não o scffto , nem aturo ,  
 Nem Apollo aturaria :  
 Porque bem que costumado  
 A soltar sua harmonia

Na riquissima Argiva Lingoagem  
 (Que de todas as mais tem vantagem)  
 Na Latina , e Italiana ;  
 Quando falla a Lusitana ,  
 E no Pindo nella canta ,  
 Da Memoria as filhas encanta.

Mas oh que já esquecia-me  
 Do rosado Oriente a joia , a perola ,  
 Tu Fernando belligero ,  
 Que a lança , e a cithara  
     Vibrando intrepido ,  
     Tocando armonico ,  
 D'altas palmas á sombra a voz alçaste ,  
 E a clara Lusitania transformaste.  
     Com este vinho ,

## POESIAS DITHYRAMBICAS:

Quò me , Bacche , rapis tui  
Plenum ? que nemora , aut quos agor in specus  
Velox mente nova ? . . .

*Horat. Libr. III. Od. 25.*

**N**A primeira Collecção ( assim chamamos á Collecção de Poesias originaes de Diniz , que vimos em Coimbra ) apenas se achão os Dithyrambos 2. 5. 6. 7. 9. taes como da primeira vez sahirão da penna do Poeta , e com as muitas , e enfadonhas alterações e emendas , que successivamente lhes foi fazendo. Por isso pon-do de parte este antigo original , seguimos a lição d'humma copia muito fiel da segunda Collecção ( que he a Vimieirense ) emendada ainda pela Collecção terceira , que contém o ultimo Manuscripto original de Diniz , o qual depois da morte deste nos communicou em Lisboa o Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo. Este Volume , além das Poesias Dithyrambicas , contém as Odes Anacreonticas , que adiante se segirem.

Adverta-se que o que vai impresso nas Notas do presente Volume com character Italico , não he do Author.

PHYSICS

1880

1881

1882

DE M A S T R I C I O  
DITHYRAMBOS.

I.

DISCOURSO

Recitado na Arcadia em Conferencia de  
31 de Maio de 1759.

Ludentis speciem dabit, et torquebitur . . .

*Horat. lib. 2. ep. 2. v. 124*

**E**ste que hoje tocar ousado intento,  
Oh Pastores de Arcadia,  
Thyrsigero instrumento, (lo,  
Q<sup>u</sup> primeiro em minhas mãos soa no Mena-  
(E talvez espantado o vulgo. escute)  
Que hum tutor desusado me inspira,  
Que me accende, me eleva, e transpor-  
A minha não he usada lira, (ta,  
Que nas azas suspenso deixa o vento;  
Mas a que Arion pulsava  
Quando Bromio cantava,  
Ou aquella do Reddi affamado,  
Que soltando a voz soberana,  
Fez entrar Baccho em Toscana  
Das Bistonides cercado,  
E do Arno florido nas frescas ribeiras  
Os thyrsos vibrando saltarem ligeiras.

Mas já sinto bramar-me de em torno.

6 DITHYRAMBOS.

O rouco alarido de sistros e vozes.  
 Evohe resoão do Menalo as grutas,  
 Evohe repetem as Melias ferozes.

Sim : he presente o grão Nume,  
 O filho de Jove imberbe,  
 Que meu peito com seu lume  
 Me inflamma, me atija, e me abrasa.  
 Tragão-me vinho do turvo Douro,  
 Seja tinto ou seja louro;  
 Que a grão sedê,  
 Em que me accendo,  
 Nelle pertendo  
 Hoje apagar.

Eis empunho hũ grande copo,  
 E ligeiro alçando o braço,  
 Este, que faço,  
 Brindes suave,  
 Pastores de Arcadia,  
 A vòs, que primeiro  
 Da prisca Roma,  
 Da antiga Grecia  
 As despresadas  
 Naturaes graças  
 Do Tejo ás margens  
 Trazer ousastes :  
 A vòs, que primeiro  
 As silvas segando,  
 Que o Luso Parnaso cobrião,  
 E de agudos abrolhos enchião.

DITHYRAMBO II 78

O grande caminho traçastes,  
Que depois seguirão glóriosos  
Outros novos esp'ritos famosos,  
Arando o mesmo agro;  
A vós o consagro.

Oh cepa venturosa, que produzes  
Licor tão saboroso,  
De teus ramos, se a idéa me não mente,  
Croa o vermelho Bromio a intonsa frente  
No Estio caloroso,  
Quando Sirio ladrando a terra inflamma.  
Nunca do ardente Clatio as claras luzes  
Crestem tua rama, (ma.  
Ou densa nevoa em flor teu fructo oppri-  
Nunca o maligno capro em tuas vides  
O roaz dente imprima.

Outra vez torno a encher o grande vaso,  
Caros pastores! E em honra vossa  
Outra vez com a mesma graça o vaso.  
Oh vinho generoso,  
Por ti sinto elevar-se o meu esp'rito  
Ah! se me irrita  
Com esta lança  
Derrubarei por terra  
A soberba Inglaterra  
A inconstante França

## 8: DITHYRAMBOS.

Oh! se me eu via  
Nas montanhas de Thracia  
C' huma mistica audacia  
Na Bacchanal orgia  
Hum thyrso florendo!  
Que não faria!  
Que não diria!  
A voz levantando,  
Assim cantaria:  
Triunfo! Victoria!  
Cantemos de Baccho  
O louvor e a gloria.  
De Baccho, que alenta  
Os membros cansados,  
De Baccho, que augmenta  
Da formosa Venus a graça e belleza,  
De Baccho, que affasta de nós a tristeza;

Porem que ave estranha nadando nos ares  
Estende humas vezes, outras vezes cerra  
As compridas azas? Ah! já chega á terra.  
Oh pasmo! oh portêto! oh nunca visto ca-  
Este he, oh Pastores, o gentil Pegaso. (so!  
Apollo brilhante (se em tal não te affronto)  
Com tua licença sobre elle me monto.  
Eis já pelos ares me leva voando  
Ao monte difficil do sacro Parnaso.  
Que novo me abraza sacrosanto lume?  
Poeta me sinto, poeta famoso,  
E as plantas estampo no partido cume.

DITHYRAMBO I. 9

Que fontes de vinho espumoso !

Que ulmeiros de vides cingidos !

Que doce harmonia

Me fere os ouvidos !

Ah não he este o cume sagrado (1)

Ao louro Febo ;

Mas ao mitrado , brincão mancebo ,

Que o thyrsó empunhando ,

Os reinos da Aurora

Em viva guerra toi devastando.

Debaixo das heras deitado ,

Dos bailes , das graças cercado ,

Hum trasco de vinho brilhante

Chega risonho á meliflua boca ,

Em quanto Cupido

A lira lhe toca ,

O suave Anacreonte. (2)

O borracho Cratino , (3)

Que delle está defronte ,

Hum copo purpurino

De vinho generoso

Da fabulosa Créta ,

Sorvendo está gostoso.

E o poeta gentil do antigo Lacio ,

Ennio famoso , (4)

Rude n' arte , no engenho poderoso ,

N'hum odre está sentado ,

E ao pé delie deitado

O grande Horacio , (5)

## O Cisne Venusino.

Oh coro divino  
 De Apollo sagrado,  
 As grandes intusas  
 Em louvor das Musas  
 Nesta fonte enchamos,  
 E ledos bebamos.  
 As filhas cantemos  
 De Jove sagrado:  
 E de seus alumnos  
 Em honra e louvor  
 Qualquer de nós próve  
 Do doce licor.

Ora sus! levantai-vos em pé  
 E clamai sem cessar: Evohe.  
 Em quanto prostrado, com tremula mão  
 Encho ebri-festivo hum grande cangirão.  
 Tu que, cantando, do grande Gama  
 Fizeste eterna no mundo a fama,  
 Sempre famoso  
 Ou com as trompas  
 Os arcs rompas,  
 Ou dos amores  
 A doce pena,  
 Que o ceo te ordena,  
 Cantes saudoso  
 Na branda lira,  
 Ou rude avena

DITHYRAMBO I. II

Entre os pastores,  
Tu em meus versos benigno inspira  
De tuas vozes o grato accento :  
E em quanto respeitoso a mente inclino ,  
Dobro o joelho, e o grande vaso empino.

Esta de roixo vinho taça chea ,  
Sangue espremido da gentil parreira ,  
Consagralla pertendo ao bom Ferreira.

Ferreira illustre ,  
Que por modos diversos  
Ou deo versos ás leis , ou leis aos versos.  
Ferreira, que assombrando a culta Athenas,  
Calça o cothurno ás Tagicas Camenas :  
E na lira sonora e som campestre  
He dos nossos pastores sabio mestre.

Tragão-me hum copo já de branco vinho,  
De liquidos topazios fino orvalho ,  
Com que brindar pertendo ao bom Mausius

Ante meus olhos (nho.  
A todo o instante  
Tenho presente  
Da bella Zara

O sonipede ardente ,  
Que o freio mastigando em branca escuma,  
Pelas ventas abertas sopra e fuma ,  
E com o peso  
Da Ninfa bella  
Se embrida mais e altera

A mesma Ninfa  
 Sobre elle vejo,  
 A manga a meio braço recolhida,  
 E a trança d'ouro  
 Aos ventos esparzida:  
 Qual Arpalice,  
 Que ao longo do Ebro  
 O ginete lançando  
 A' rapida carreira,  
 Que o veloz vento corre mais ligeira.  
 Elle ferindo a magestosa cithara  
 C' o plectro soberano,  
 Fez eterno no mundo o Africano;  
 E eu de seu nome em honra agora vaso  
 Este odorifumante cheo vaso.

Este, que agora empunho  
 Nesta taça,  
 Derretido rubim,  
 Este sim,

A ti bebo suavissimo Bernardes,  
 Que nas frescas manhãs, serenas tardes,  
 A' sombra de altas arvores soltando  
 Doces queixas de Amor em doce rima,  
 Tão celebre tens feito o manso Lima.

Mas onde ficas tu, claro Ribeiro,  
 Tu que primeiro  
 No Luso campo as canas ajuntaste;  
 E imitar o Deos Pan, çantando, ousaste &

DITHYRAMBO I. 13

Este pois vinho cheiroso ,  
Saboroso ,  
Generoso  
Da Madeira  
Aqui vindo ,  
Para os brodios  
De Leneu ,  
Racimitero ,  
Porta-thyr-o ,  
Rompe-terra  
A ti brindo.

A ti . . . mas sinto , sinto  
Apollo , que enfadado já me manda  
Outro copo brindar de vinho tinto  
Ao douto Sá Miranda.  
Ninfas do Aonio coro !

Vede que em o fazer me não demoro

Outro brindo em continente ,  
Até ver-lhe o centro occo ,  
A ti grande Gil Vicente ,  
Que calçando o humilde sòco  
Deixar fazes em silencio  
Eupolis e Plauto , Menandro e Terencio :

Venha vinho , venha á pressa ;  
Que brindar quero tres vezes  
Ao illustre Sá Menezes.  
Inda agora o manso Leça

Com as Ninfas vai dançando  
 De teus versos ao som brando ;  
 De seus bosques na espessura  
 Inda o tom suave dura ;  
 Inda o Eco pelas grútas  
 O repete vezes muitas.

D'outro illustre Sá Menezes  
 A grão fama me convida

A beber,

A louvar,

A cantar

Sua gloria aos Ceos subida,  
 Quantas vezes

De Thitonia o triste fado ,  
 Em seus versos celebrado ,

Tem regado

De sentido

Pranto amargo

Na dourada

Chersoneso

As fúlas filhas da Aurora esmaltada!

Quantas vezes

Fulminar estou vendo em seu canto

De Albuquerque terrível a dextra.

O povo infido da terra Malaca !

Ora pois em teu applauso

De bom vinho moscatel

Bebo inteiro hum grande vaso.

*A fl. correspondente da pag. 15 e 16 acha-se (por inadvertencia do encadernador) logo depois da fl. do rosto.*

DITHYRAMBO I. 17

Da Cuba vindo ,  
Eu já te brindo.

Mas hum novo brindes agora me chama.  
Silencio : silencio , que Febo me inspira.  
Oh tu Candido divino ,  
Cujos nome , cuja fama  
Pelo mundo se derrama ,  
O pastor da Arcadia Elpino ,  
Que as leis soberanas , que dictas , recebe ,  
Hum copo brilhante  
De vinho fumante ,  
De vinhe cheiroso  
Em torno saltando já bebe gostoso.

Outra vez a voz levanto ,  
E com ella hum odre , e digo :  
A ti , Foyos , doce amigo ,  
Que nos enches de alegria  
Com teu canto ,  
De soberba malvasia ,  
Mas que caia aqui de borco ,  
Esta grande pele emborco.

As correntes  
De Hippocrene  
Se turyarão ,  
E confusas

Com o susto as ternas Musas  
De mão as liras deixarão :  
E o intonso , auricrinito ,

Potta-lira, ledo Apollo,  
 Arrancando o verde louro,  
 Que a cabeça lhe croava,  
 Pela terra o arrojava;  
 E n'hum teixo a lira de ouro,  
 Que pendente tinha ao collo,  
 Pendurou,  
 Quando a fama publicou,  
 Que a malina  
 Libitina

Contra ti da touce armado  
 Tinha o braço levantado.

¶ Mas na Arcadia inda maiores  
 Desconcertos se observarão.

De repente se murchirão  
 Do Erimanto nas margens as flores,  
 E no Menalo os verdes pinheiros,  
 Quaes se fossem de raio tocados,  
 Quasi todos se virão crestados.  
 As ribeiras sem chuvas crescerão,  
 O campo inundarão,  
 As vinhas perderão.  
 Perderão-se gados,  
 Morrerão rafeitos;  
 E como assombrados,  
 Os tristes pastores  
 Nem lutas tiveram,  
 Nem versos cantarão.  
 O mesmo Silenq

DITHYRAMBO I. 19

Na gruta metido se via sozinho (nho.  
Sem molhar os beiços n'hum frasco de vi-

Mas depois que a bella Hygia,  
Dom de Jove o mais precioso,  
Do ceo veio, e estendendo  
Sobre ti as puras azas,  
Fez fugir a descarnada  
Macilenta morte fea,

Os campos brotarão mil cheirosas flores,  
E a formosa Cytheréa  
Rodeada dos Amores

Com as nuas Graças, e verdes Napéas  
Alegres choréas  
Formarão ligeiras,

Ornámos de rosas as nossas monteiras:  
E o velho caprino  
Saltando de gosto  
No campo vermelho,

E tinto de amoras o peludo rosto,  
De forte agoa-ardente  
A' tua suude  
Já bebe contente  
De hū trago hū almude.

Amigos, toquemos,  
Bebamos, cantemos  
O nome de Foyos;  
A Foyos louvemos.  
Com raras encomios

O seu grande nome  
De Evio Brissêu,  
Do bom Bassareu  
A's orelhas alegres levemos (6).

## NOTAS.

(1) Do Parnaso fabularão os antigos, que tinha dous cumes ( donde lhe vem o epitheto de Bipartido ) hum consagrado a Apollo, e outro a Baccho.

*Parnasus gemino petit aethera colle, (mixto  
Mons Phoebus, Bromio que sacer cui numine  
Delphica Thebanæ referunt trieterica Bacchæ.*

*Lucan. Lib. 4. el. 5. v. 72. e seg.*

(2) Anacreonte, famoso Poeta entre os Gregos, que ou foi, ou se fingio em suas obras muito amigo do vinho.

(3) Celebre Poeta da antiga comedia, e tão apaixonado pelo vinho, que affirmava que sem elle se não podião fazer bons versos.

*Frisko si credis, Moecenas docte, Cratino,  
Nulla placere diu, nec vivere carmina pos-  
Quæ scribuntur aquæ poteribus: ... (sunt,*

*Horat. lib. 1. Epist. 19. v. 1.*

(4) Ennio natural de Calabria, e hum dos mais antigos poetas entre os Romanos, segundo Horacio, tinha huma forte paixão pelo vinho.

*Ennius ipse pater nunquam, nisi potus, ad  
Prosiluit dicenda, &c. (arma*

*Idem, ibid. v. 7.*

DITHYRAMBO I. 21

(5) Ninguém ignora que este Poeta se inculca em suas obras por muito amante do vinho, ou porque na verdade o fosse, ou por mais fielmente imitar os Gregos, que em muitas partes copiou.

(6) Aqui deve findar o presente Dithyrambo, sendo por este modo superflua a Estrofe, que se segue.

Mas oh Ceos! que assombros! o dia se cerra,  
E dos pés parece que me escapa a terra.  
Assopraõ os ventos, os montes se abalão,  
E prenhes de raios as nuves estalão.

Que he? que he? que será?

Mas seja o que for,

Do grato licor

Bebamos, cantemos

O nome de Foyos,

A Foyos louvemos.

Deo. 20

ORMAMENTAL  
DITHYRAMBOS.

## II.

Recitado na Arcadia a 31 de Janeiro de 1758.

Onde estou?  
 Quem me trouxe a este prado?  
 Que agradável espessura  
 Toda ornada de verdura!  
 Os ulmeiros levantados  
     Com as vides  
     Sem concerto  
     Entrelaçados  
 Os olhos vistosos deleitão  
     C'os pendentés  
     Cachos bellos  
 Verdes, roixos, amarellos.  
 Qual será, quem, quem me diz,  
 Tão ameno, abundante país?  
 Que suave fragancia derrama  
     Por entre a viçosa  
     E tremula rama,  
     Murmurando,  
     Espumando,  
     E brilhando  
 De corrente amethista essa fonte!

DITHYRAMBO II. 23

Ah ! que he de vinho , de vinho puro !  
Sim : de Niza he este o monte (1),  
Ou de Naxo a fresca ilha (2).  
Naxo seja , seja Niza ,  
    Ou seja o que for ,  
Beber quero este licor ,  
    Que consola ,  
    Que recrea ,  
Que conforta e dá alento  
A quem dehe amigo he.  
    Evohe (3).

Oh suave licor generoso ,  
Sangue puro das uvas brilhantes  
    Na terra prostrado  
    Te adoro e recebo ,  
    E da Arcadia  
    Á saude já te bebo.  
Mas se a vista não me engana ,  
    Vejo Albano (4) ,  
Que gemendo debaixo d'hum cantaro ,  
    Chega á fonte.  
    Cato Albano , assim reparta  
O fogo-fremente (5) retumbante Jaccho (6)  
Liberal de seus fructos comigo ,  
    Que enchas logo a grande quarta  
    D'esse liquido rubim :  
    Enche , sim.

Lança mais nesta botelha

D'esse nectar saboroso,  
 Que me banha de alegria  
 Todo o peito, e me arrebatada,  
 D'essa doce esplendente ambrosia;  
 Que da adega abundante de Epaphio  
 Ella só  
 A digna he.  
 Evohe!

Toca, e bebe sem demora  
 A saude de Siveno (7).  
 Como he doce o bom Lyeu (8)!  
 Vá hum copo mais pequeno  
 A do nosso Melibeu (9):  
 Que á do grande Coridão (10)  
 Já embarco hum cangirão.  
 Coridão, suave amigo,  
 Até ver-lhe o fundo enxuto  
 Col bottaccio io ti saluto (11).  
 Maior sede agora sinto:  
 Em calor todo me abraso:  
 Lança, Albano, n'este vaso  
 Vinho branco, ou vinho tinto,  
 Ou genebra, ou agoapé. 301 O  
 Evohe!

Este vai do brando Tirse (12)  
 A saude: bebe Albano,  
 Tirse digo, o nosso Tirse,  
 Cujo nome soberano

Ha-de com prazer ouvir-se  
 Pela immensa estera que aperta  
 Com seus braços o padre Oceano  
 Desde hum polo a outro polo.  
 Caro Tirse, tu de Apollo  
 A divina Lira tens,  
 E com ella, quando cantas,  
 Toda a nossa Arcadia encantas.  
 Não me esqueces tu tambem  
 Com teu canto peregrino  
 Doce, e meigo, e terno Alcino(13):  
 Jam, jam, jam tibi propino.

Este copo, que cheo tresborda;  
 De escuma brilhante croado,  
 Com leda mão empinando,  
 Brindo gostoso  
 A Nemeroso..... (14)  
 Mas que estrondo, amigo, he este?  
 He chegado o Deos do vinho,  
 O grão filho de Seméle.  
 Toca toca na thyméle (15):  
 Já dos rympanos (16) soantes,  
 E dos sistros (17) das Bacchantes  
 O ruido sonoro  
 Nos ouvidos me retine.  
 Lança aqui, Albano amigo,  
 Lança aqui  
 Desse liquido ambar puro:  
 Vinho, vinho, he que procuro:

26 DITHYRAMBOS:

Vinho digo,  
Não Cafe.  
Evohe !

Oh ! que já vejo  
O intonso Bromio (18),  
O padre Emonio (19),  
Que da paterna coxa  
Bigenito se alçou a eterna vida,  
No grande carro  
De hera toldado  
C' o verde thyrsos (20)  
Regendo os feros  
Tigres manchados.  
Por entre as curvas pontas,  
Que a fronte prazenteira lhe guarnecem,  
Estão pendendo  
Da tenaz hera,  
Das lentas vides,  
As negras bagas,  
Os brancos cachos.  
Olha, repara  
Como os lascivos  
Pulanti-satyros  
Em torno o cercão,  
E foliando,  
Beberricando,  
Caracolando,  
A solta arêa,  
Ferem saltando

DITHYRAMBO II. 27

Com o bifido pé!  
Como ululando  
Gritão e bramão  
Viva o grão Lysio,  
Viva, Evohe!

Attenta como as Evias crini-sparsãs,  
Nas peles marcheradas  
Das montarazes tigres embrulhadas,  
Vem coriscando  
As pampinosas  
Asteas tremendas!  
E de huma e d'outra parte rodeando  
Vem segurando  
Ao albi-crinito bebado Sileno,  
Que escarranchado  
Sobre o pesado  
Tardi-jumento,  
Todo manchado  
De negro mosto  
O baço rosto,  
Co' as mãos se agarra  
Á rara crina,  
E balançando  
De quando em quando  
Hum odre empina,  
E a voz alçando,  
Os vesgos olhos  
Quasi cerrados  
Arregalando

Diz aos Faunos, que mal vê:  
 Orgio (21), Baccho, Bassareu (22),  
 Dionysio (23), Rompe-terra (24),  
 Jaccho, Jaccho (25), Evohe!

Ah pastor, não te detenas!  
 Lança, lança  
 Neste copo,

Não das agoas, que brota o Canopo  
 Bramindo das aridas brenhas;  
 Mas do vinho picante do Douro  
 Doce, puro, tinto, ou louro.  
 Este vinho soberano  
 Em honra tua  
 Bebo, oh Silvano.  
 Mon ami à ta santé  
 Lyseo, Briseo (26) Evohé!

Outro venha do que cria  
 Da Madeira a illustre Ilha,  
 Joia bella, com que adorna  
 Anfitrite o branco peito.  
 Oh! como brilha!  
 Oh suave Malvasia!  
 Que hes dos vinhos maravilha,  
 De alambres brilhantes orvalho!  
 Em silencio fique eterno  
 Por ti só o bom Falerno,  
 Fique o Massico licer.  
 Doce vinho, meu amor,

DITHYRAMBO II: 29

Grato á vista , ao gosto ameno  
Ao famoso caro Almeno (27)  
Só contigo hei de brindar.  
To your good health Sir.  
Nebrodes (28), Jaccho, Evohe!

Toca , Albano , toca , toca ;  
Que este vinho me provoca.  
Leneo(29), Sabo, Nisio Epaphio(30)!  
Cantemos , bebamos ,  
E juntos digamos  
Evohe.

Oh! Thyoneo, Thyoneo (31),  
Epileneu (32),  
Evohe!

Mas que fero pé de vento  
Desta parte me accomete?  
Huma , duas , vinte , cento ,  
Quatro , cinco , trinta , sete ,  
Oito , dês , e nove estrellas ...  
Ah! não : são pirilampos :  
São bizouros , borboletas.

Nestes campos  
Oh que cousas tão galantes ,  
Tão seiéras  
Hoje a turva vista vê !'  
Nyctileo , Bromio , Evohe.

Dançar quero , toca , amigo ,

Toca a frauta , ou toca a lira,  
 Ai que o monte em torno gira !  
 Salta tu tambem comigo :  
     Haja baile : haja festa ;  
 Que tambem dança a floresta.  
 Vá de pulo , e piroeta ,  
 Contra tempo e balance.  
     Evohe !

Farto já do doce mosto ,  
 Nesta cepa aqui me encosto.  
 Ai que os olhos se me cerrão :  
 Nada vejo : dormir quero ,  
     Pois cerrada  
     A noute he.  
     Evohe.

## NOTAS.

(1) Monte da Asia consagrado a Baccho , onde os Poetas fingem que elle triumphara solemnemente depois de ter submittido todo o Oriente. Veja-se Curt. lib. 8.

Nec qui pampineis victor juga flectit habenis  
 Liber , agens celso Nisæ de vertice tigres.

*Virg. Æneid. l. 6, v. 804. 805.*

(2) Huma das Cyclades consagrada a Baccho ; porque nella triumphou sogigada a India, ou vencidos os Gigantes.

Bacchatamque jugis Naxon...

*Virg. Æneid. l. 3, v. 125.*

## DITHYRAMBO II. 31

(3) Voz que os Sacerdotes costumavão a repetir nas ceremonias de Baccho. He derivada da Grega *Eὖ ὄϊ*, que quer dizer: Bem lhe venha: *Bene sit illi*. Outros a derivão das vozes *Eὖ βιῆ*, que he o mesmo que: *Euge fili*: fabulando que na guerra, que Jupiter tivera com os Gigantes, todos os outros Deoses fugirão amedrentados; mas que Baccho tomando a figura de hum leão, pelejara valerosamente, o que dera occasião a Jupiter a dizer-lhe aquellas palavras, que ficarão servindo de saudação ao mesmo Baccho.

*Evoë, recenti mens trepidat metu.*

*Horat. Od. 19. lib. 2.*

(4) Manoel José Pereira.

(5) As palavras compostas adornão muito hum idioma, e o fazem conciso, e energico.

*Dixeris egregiè, notum si callida verbum  
Reddiderit junctura novum &c.*

diz o grande Horacio na sua Poetica vers. 47. O nosso Camões observou bem este preceito, introduzindo algumas destas palavras na Lusitana, como he por exemplo *Vndivago*.

Esta regra porem tem o seu proprio lugar nos Dithyrambos. Alem disto o adjuncto de Fogo-friamente foi dado a Baccho por *Orpheo*, ou quem quer que seja o Author dos Hymnos que correm em seu nome, no hymno, que tem por titulo: *Hippa suffimentum*.

(6) Hum dos nomes que se dava a Baccho: veja-se o citado Hymno.

(7) O Senhor Silvestre Gonçalves.

(8) Lieu era hum dos nomes que se dava

a Baccho, ἀπὸ τοῦ λέειν, que quer dizer, livrar de cuidados. mas neste lugar se toma pelo mesmo vinho.

Regales inter mensas, laticemque Lyæum.

*Virg. Æneid. l. 690.*

(9) O R. P. Caetano Innocencio.

(10) O Senhor Pedro Antonio Correa Geração.

(11) O intrometter palavras estrangeiras em qualquer obra, he a figura a que chamão Soraismo; e ainda que em outras composições o seu uso seja vicioso, e por isso digno de reprehensão Camões que no seu Poema misturou o verso de Petrarca

Tra la spica e la man qual muro è messo;

nos Dithyrambos tem propriissimo lugar. Della usa frequentemente o Aldeani, ou seja Nicoláo Villani, em hum seu graciosissimo Dithyrambo.

(12) Theotónio Gomes de Carvalho.

(13) Domingos dos Reis Quita.

(14) Feliciano Alves da Costa.

(15) Thyméle, lugar alto e levantado na Orchestra á maneira de pulpito. « Thymelici autem erant musici scenici, qui in organis, et lyris, et cytharis præcinebant. Et dicti Thymelici, quod olim stantes cantabant super pulpitum, quod Thymele vocabatur. » Isidor. lib. 18. c. 47.

(16) Especie de timbale, instrumento proprio do coro estrepitoso de Baccho. Delle havia duas differentes especies. O Author as delineou no seu Manuscrito, copiando-as quanto parece, de Calmet na Dissertação

sobre a Musica dos Antigos, que vem no Tom. 2. do Commentario aos Salmos.

(17) Outra especie de instrumento tambem muito usado nas Bacchanaes. A figura vem em Colmet no lugar citado, donde o Author a copiou.

(18) Nome que se dava a Baccho, derivado do Grego *Ἐβρω*, isto he, bromo, ou de *Ἐβρω*, trovão; pois nasceo com hum trovão, sendo Semele abrasada por hum raio; ou de Bromo, ou Bromio. Ninfa que o creou. Serv. in Virg. Eclog. 6. Hygin. Fab. 18.

Thuraque dant, Bacchumque vocant  
Bromiumque, Lyæumque.

(Veja-se Orph. Lysii Lenai Hymn.)

(19) Emonio, isto he de Thracia; pois nesta provincia foi muito venerado: chamando-se Sithonio, Edonio, Ismaro ou Ismario, e Rhodopeu, de outros tantos nomes da mesma Thracia.

(20) Lança enramada de parras, de que os antigos armavão a Baccho, e as Bacchantes.

Etenim molles tibi sumere thyrsos,  
Te iustrare choro, sacrum tibi pascere cri-  
Fama volat: (nem,

Virg. Æneid. lib. 7. v. 390.

( Porta-thyrso he nome que a Baccho dá Orph. Semeles Suffim. )

(21) Com este nome era tambem Baccho invocado. Orph. Trieter. Suffim.

(22) Outro nome do mesmo Baccho, tomado ou da Cidade de Bassara na Lydia, onde era muito venerado; ou de certo vestido talar de que usavão os seus sacerdotes;

Tom. III.

C

ou da pele de linco, a que os Thraçes davão este nome. (*Βασσαρίς quasi Βασσαρίς lingua titubans, vel blasus. Baxter, ad Horat. Carm. 18. lib. 1. Veja-se Orph. no hymno Dionys. Bassar. Trieter.*)

(23) Nome com que também era adorado. Orph. Dionysii Suffim. (*Διώνσος, quia cum nasceretur femur Διὸς ἐν ἔει; para nascer rompido a coxa da perna de Jupiter, onde este o tinha metido, morta Semele sem se comprir o tempo do parto. Outros o derivão das mesmas palavras, allegorizando νοσσεῖν τὸν δία, isto he, τὸν θεὸν a alma; porque o vinho a perturba. Da etymologia, que Bluteau dá a este nome não sei Author; da antecedente são Passor no Lex. in Hesiod. e Robert. Constantin. L. 8.*)

(24) Título que se dava á mesma fabulosa Divindade. Orph. Trieter. Suffim.

(25) Outro nome do mesmo Baccho, derivado do Grego *ἰαχή*, que he, clamor; tomado do muito que fazião vociferando os seus sequazes.

(26) Estes dous nomes são proprios de Baccho. Orph. Trieter. Suffim. Briseo traz a sua origem de Erisa que significa em Grego a uva. Macrob. Saturnal. 1. 2. c. 18. (*Lyseo, tem a mesma origem que Lyeo, que vai na nat. 8.*)

(27) O Senhor Manoel Nicolau Esteves Negrão, Secretario da Arcadia.

(28) Nebrodes, nome de Baccho, do Grego *Νεβρόδες*. (*Sic dictum, quod Bacchantes pellibus hinnulorum uterentur.*)

(29) Outro nome com que era invocado. (*Non a lenienda mente, ut imperite Denatus putat; sed a τρυγῆ, torcular, pralum vinarium.*)

## DITHYRAMBO II. 35

*Ruus ad Virg. Georg. 2. v. 4. (Veja-se Orph. Lysii Lenai Hymn. e Triet. Suffim.)*

(30) Outros nomes attribuidos á mesma Divindade. (O primeiro, que aqui não explica o Author, estava explicado na nota 2. do Dithyrambo 5. Baccho imberbe, Baccho ardente; as quaes notas supprimio nas ultimas Collecções; talvez por serem absolutamente huma recopilada traducção do que disse Mr. Tourreil nas notas á Oração de Demosthenes a favor de Ctesifonte; onde se pode ver a applicação das palavras: Sabol, Yés, Attés, Evohe. O segundo nome Nysio, vem de Nysa, onde foi creado Baccho segundo a fabula. O terceiro Epaphio, pode vir de ἐπαφίω, que significa irritar, incitar contra, agular; e todos sabem quanto o vinho irrita, e incita a ira. Todos estes nome dá Orph. a Baccho nos hymnos Hippa Suffim. Lieliti Suffim. Trieter. Suffim. Lysii Lenai Hymn.)

(31) Outro apellido do mesmo Baccho, derivado de βῶω, que significa enfurecer, e enlouquecer; tomado dos effeitos, que produz o vinho.

(32) Outro apellido que se lhe dava. (Composto do de Leneu, que já se explicou na nota 29. e que per força da preposição ἐπι que nelle entra, poderá significar, que preside aos lagares. Veja-se Orph. Lysii. Lenai Hymn.)

## DITHYRAMBOS.

## III.

Mandado ao Author no anno de 1759.  
 que então se achava enfermo de se-  
 zões, por Theotônio Gomes de Car-  
 valho, e Feliciano Alves da Costa:  
 chamados na Arcadia o primeiro Tir-  
 se Minto, e o segundo Nemeroso  
 Cilleno.

Que das sezões  
 Já livre estejas,  
 Porque possas beber cidras, cervejas,  
 E dos tintos cortidos boriachões  
 Os vinhos puros,  
 Letificantes,  
 Odori-spumantes,  
 De que tu, grande filho de Semele,  
 Nos enches a pele;  
 O teu Tirse extremoso,  
 E o teu Nemeroso  
 Muito desejão.

Eia bebamos,  
 Oh Nemeroso,  
 De saboroso

DITHYRAMBO III. 37

Bom moscatel,  
Mais doce que o mel;  
E á sua saude  
Se despeje este almude.

Não quero d'esse;  
Pois mais me aquece  
A malvasia,  
Que a Ilha cria,  
Ou o Falerno  
Bom para o Inverno.

A tudo topo:  
Chega esse copo,  
Seja qual tor:  
Que este licor  
Sempre he de Baccho,  
E alegre o caco.  
Oh que bello rubim!  
Toca, toca, tim, tim.

Venha mais, oh meu Tirse, venha mais  
A saude de Elpino  
D'esse licor divino;  
Porque da cama logo se levante,  
E comnosco de Baccho o louvor cante.

Omnipotente Emonio,  
Duas vezes parido, oh padre Aonio,  
Tu que as tristezas e sezões molestas

Aborreces, detestas ;  
E aos teus confrades  
Seculares, Frades,  
E á mais sordida turba,  
Que não se perturba,  
Alegras, confortas  
Endireitas, e entortas ;  
E em ondi-bamboleantes manejos,  
Em os festejos,  
Os Gallegos molles  
Com gaitas de tolles  
Pelas ruas trazes,  
E cantar os fazes :  
Se te merecem (cem,  
Estes dous copos, que hoje a ti se off're-  
O teu favor divino,  
Dá saude, saude ao bom Elpino.

## DITHYRAMBO

## IV.

Em resposta ao antecedente , feito pelo  
 Author estando com huma sezão.

**T**irse ditoso ,  
 E Nemeroso ,  
 O doce estado  
 Está mudado ,  
 Em que comvosco  
 Com plectro tosco ,  
 Movido de hum furor Dithyrambifero ,  
 A Baccho Bassareu cantei ignifero  
 Hymnos sagrados.  
 Virão-me os fados  
 Com triste aspeto ,  
 E hum esqueleto  
 Me tem tornado.

As ali-negras ,  
 De Flegetonte  
 Filhas tremendas ,  
 As descoradas  
 Sezões horrendas ,  
 Hirsuta a frente ,  
 De neve e fogo

Todas armadas ,  
 De mi em torno  
 Andão voando ,  
 E esvoaçando ,  
 Co' a garra adunca  
 Arrepellado ,  
 Arripiado  
 Me tem por tantas vezes ;  
 Que mais que nunca  
 Agora temo  
 Os seus revezes.

Do pobre leito  
 A curto espaço  
 O seco braço  
 Do curvi-ferreo , sanguineo-baculo,  
 Que tremendo , que triste espectaculo !  
 A dura Parca  
 Eu vejo armado.  
 Se sobre mim furiosa não emprega  
 A touce cega ,  
 Ai que contemplo ,  
 Com vituperio  
 Do Luso imperio ,  
 De Camões renovado o feo exemplo.

Pobreza fea  
 De pesares cercada  
 A cama me rodea ;  
 E de espectros cruéis acompanhada ,

A pallida e voraz malincolia.

Estou de sorte,  
Que a doce vida  
Tão suspirada,  
Me he mais pesada,  
Que a triste morte.

Por ver se posso  
Quebrar-lhe a ira,  
Com thyrsigero plectro  
De Evio-fremente lira,  
Com que faço, oh inveja, que te mordas,  
Ferir as cordas  
Talvez intento.  
Mas oh! que em vão o busco!  
Que o carregado e tusco  
Barbaro Rei da região opaca  
Doce lira infeliz jamais aplaca.

Mas eis o frio,  
Qual se estivera  
Entre os horrores da Circacia fera,  
Do Tanais dentro no gelado rio,  
Me corre os ossos,  
Caros pastores:  
E ao repetir os vossos,  
E de Brisseu louvores  
Em alto accento, (to.  
Me embarga as vozes hum tremor violen-

## DITHYRAMBOS.

## V.

**B**accho imberbe, Baccho ardente,  
 Porta-sono, prazer e alegria,  
 De nocturnos festejos o guia,  
 Que refrescas, aqueces a gente,  
     Frio, e quente,  
 D'esse cume peregrino,  
 Que ao teu nome he consagrado,  
 Solta hum rio arrebatado  
     Espumoso,  
     E cheiroso  
 De purpureo ou branco vinho,  
 Onde beba os teus furores:  
     E qual o trovão,  
     Que os montes abala  
     Quando a nuvem prenhe  
     Rasgando-se estala;  
 Cante a Arcadia e seus pastores  
 D'este dia altos louvores.

De Aganippe assás na fonte  
 Já molhado tenho a boca:  
     Agoa pura  
     Não provoca  
     A cantar,  
     A bailar,

E a saltar,  
 Como a lucida tintura  
 D'essa planta, que enroscada  
 Trazes na mitrada  
 Cornigera fronte.  
 Eia, eia! que o monte  
 De vinho se enche, se inunda, e se alaga.

Licor almo e generoso,  
 Rubim puro, ambar desfeito,  
 Com que gloria, com que gozo  
 Em ti banho a boca, e peito!  
 Atés, Hyés,  
 Hyés, Atés,  
 Viva, viva o dia  
 De tanta alegria.

Oh se eu podera  
 Em boca e lingoas  
 Todo tornar-me,  
 Só por farrar-me  
 D'este elixir!  
 Então, Dioneo,  
 Na tenaz hera,  
 Ou no Idumeo  
 Cedro oloroso  
 Teu gordo vulto  
 Lavrara, erguera:  
 E para mais realçar os teus adornos,  
 Na soberba ara

Os brancos cornos  
 Em puro Ofir  
 Eu te curvara.  
 Doce elixir,  
 Que as almas purgas  
 De espectros tristes,  
 Que triste gera  
 A pallida e voraz Malincolia,  
 Vem neste dia  
 Dobrar da Arcadia  
 A pura alegria.

Oh suave dia, dia venturoso!  
 Em que o teu mimoso  
 Coridão nasceo!  
 Oh grão Bassareu!  
 Atés, Hyés,  
 Hyés, Atés.  
 Viva, viva o dia  
 De tanta alegria.

Dia, que os saltantes  
 E capri-barbudos  
 Corni-pedes Satyros  
 Co' as ebri-festantes  
 Lascivas Bissarides  
 De prazer saltando  
 Pelas montanhas alegres cantarão;  
 E de quando em quando  
 Gritando,  
 Bramando,

DITHYRAMBO V. 45

Assim repetição:  
Saboé, Arcadia,  
Arcadia, Evohe!  
Já o teu Coridão nascido he.

E que bella se derrama  
De alegria ardente chama  
Do Erimanto nas florestas!  
Pelas bocas das cavernas  
Em ecos festivos sonoros respondem  
Os montes soberbos de Arcadia famosa  
Aos golpes, que os ferem,  
De liras suaves,  
De tympanos graves,  
De sistros agudos  
De crotalos duros!  
Ah! sim, caros pastores,  
Brilhe, brilhe a alegria:  
Coroemonos de flores.  
Cantemos suavemente o grande dia,  
Que á Arcadia nos traz tanta alegria:  
Dia que trouxe  
Rosado ao mundo  
O bom Coridão,  
Coridão, que jucundo  
As antigas,  
Esquecidas  
Mascaras carcomidas  
Animoso tomando,  
E entre o hirsuto capri-saltante Coro

As vozes levantando ,  
 O triste e feo bando  
 Dos multiformes vicios  
 Faz da Arcadia fugir com seus convicios.  
 Evohe! Saboé.  
 Saboé! Evohe.  
 Viva , oh pastores , viva o grande dia ,  
 Que comsigo nos traz tanta alegria.

Eia , eia pastores ,  
 Cantemos , bebamos ,  
 Bebamos , cantemos :  
 Tão ditoso dia  
 Com esta ambrosia  
 Ledos festejemos.  
 At's , Hyés ,  
 Hyés , Atés.  
 Viva , viva o dia  
 De tanta alegria.

Eis-me já nos nocturnos misterios  
 De corimbo e flores croado ,  
 Nas mãos cerrando as grossas serpentes.  
 Eis já deixo dos troncos pendentes  
 As imagens sagradas ,  
 E entre os copos de vinho espumando  
 Vou , Coridão , seguro saltando  
 Em teu louvor os odres untados ,  
 Sobre os prados hervosos deitados.  
 Evohe , Saboé.

DITHYRAMBO V. 47

Saboé, Evohe.

Viva, oh pastores, viva o grande dia  
Que comsigo nos traz tanta alegria.

Ah! venha hum capro lascivo malvado  
Ao altar pelos cornos puxado;  
E expie o sangue seu fervido, e quente  
Quantas já estragou vides co' dente.

Thyise-potente Jaccho,  
Oh bipolarido Baccho,  
Se a victima te he grata,  
Que humilde te offereço,  
Ah! por ella te peço

Que jucundo, grato, placido,  
Risonho, meigo, e lepido  
Com o teu licor tepido,  
Doce e não acido,  
Nos conserves ao Menalo  
Em Coridão

O seu brasão:  
Que de louros croado,  
Que cheo de alegria  
Nascer mil vezes veja tão bom dia.

## DITHYRAMBOS.

## VI.

**E**Is o sombrio, gelado Inverno  
 Com as mãos ambas das grossas nu-  
     Fero dardeja,      (ves  
     Troveja,  
     Chameja :  
     E Aquilão rigido,  
     O corpo rorido  
 Ajaesado de negras plumas,  
     Do polo frigido  
     Guiando hum turbido  
     Esquadrão horrido  
     De ventos rispídos,  
 Ataca, fere, derruba, estronca  
 Os freixos, os juncos, as canas, os cedros.  
     Coridão, Coridão, amigo,  
 Ah ! contra elle busquemos abrigo.

Mas já te vejo confuso, attonito,  
 Sordido, pallido, timido, lugubre,  
 A hirsuta cabeça coçando,  
 Perguntar-me com mil extremos :  
 Onde, Elpino, enconrallo podemos?  
     Mackdowel experto,  
     Que no lenho concavo  
     Vai rasgando impavido

Entre as ondas humidas  
 As campanhas tumidas  
 Do inconstante pelago,  
 Mostrar-t'ò bem pode,  
 Pastor engraçado ;  
 Pois nasceo na frigida,  
 Soberba, belligera  
 Insula Britanica,  
 Da qual he indigena  
 O bom ponche rubido :

O ponche illustre, de alábres liquidos  
 Orvalho odorifero, (chuvras  
 Que os gelos, q̃ os ventos, q̃ as nuves, q̃ as  
 Enveste, derrota, derruba, affugenta.

Ah! quantas vezes o povo orgulhoso  
 De Eolo fero, bramando horroroso,  
 Em rijas brizas sobre elle desfeito,  
 Das negras vergas roubar-lhe intentou  
 O pane, q̃ aos sopros fia dos Zefiros!  
 Ah! quantas vezes do reino espumáte  
 Erguidas serras rolando arrogante,  
 Do baixel fulminante

O costado  
 Espalmado

Lhe descose com ellas!

Assustáo-se os nautas, e a rouca celeuma  
 A's estrellas vòa ;  
 De tristes gemidos  
 O ar se povòa :

Porem elle impavido,  
 Huma taça empunha d'este almo licor,  
 E com ella dos ventos amansa o furor.

Fia pois, amigo,  
 Confoita-te, alegre-te:  
 E na mesa optima,  
 Aonde cercado  
 De Febo e das Musas,  
 Com a grande cithara  
 Do Cisne de Apulia,  
 Quando a doce voz levantas,  
 O Parnaso todo encantas;  
 Com pudim e ponche  
 Esta noute espera-me,  
 E me verás lepidio,  
 Com o copo gravido  
 Do bom licor tepido,  
 Affrontar impavido  
 Os furores do Inverno engelhado.

## DITHYRAMBO

## VII.

**P**Ois que Noto ali-nevoso  
 Pelo ceo raivoso vaga,  
 E furioso

As plantas, as flores  
 Com o venenoso

Bafo estraga:

Dá-me, oh Filis, huma taça,  
 Com que o frio fugir faça,  
 Que me tem enregelado,  
 D'esse vinho açucarado;

D'esse digo, que tem a cor branca,  
 Que he manná que estillou Peramanca.

Dá-m'o, oh Filis, dá-m'o á pressa;  
 Que o cruel de neve armado

Se arremessa

Contra mim bramando irado.

Vê quão rapido galopa

No cavallo procelloso,

Conduzindo revoltoso

De mirda saraiva huma tropa!

Dá-me o copo, Filis bella,

Que eu, coberto d'este escudo,

Do teroz vento não temo

O gelado dardo agudo.

Já o enxugo : bravo ! bravo !  
 Doce vinho ignipotente,  
 Que dos vinhos empunhas o cetro,  
 Por ti nas batalhas  
 Sem colete,  
 Capacete,  
 Grevas, malhas  
 Ardente guerreiro  
 Com semblante inteiro  
 Se lança animoso.  
 Por ti do Pegaso  
 Nas azas brilhantes  
 Sobre o cumé do verde Parnaso  
 Vôão triunfantes  
 Os grandes Poetas.

Entre os sustos, entre as penas,  
 Que no peito lhe derrama,  
 Quando o inflamma,

O frecheiro Porta-penas,  
 Por ti baila, por ti canta,  
 Folga e ri o triste amante,  
 E entre os jubilos esquece  
 Cloe ingrata, ou inconstante.  
 Oh mil vezes mil ditoso

O terreno,  
 Que produz no seio ameno  
 Este nectar saboroso,  
 Este balsamo odoroso,

DITHYRAMBO VII. 53

Que pôde curar n'hum instante  
Ferida que he tão penetrante!

Outro venha : que alegria  
Na minha alma provo e recebo.

Quando o sorvo, o engulo, e bebo!  
Já não sinto do Noto os assaltos ;  
Já deposta a soberba arrogante ,  
Com que as ondas bufando anaçava ,

O pó revolvía ,  
O bosque açoutava ,  
As flores crestava ,  
E as mãos me feria ;

Foge , corre a homisiar-se ,

Encovar-se ,  
Emboscar-se ,  
Embrenhar-se

Da Groelandia nas grutas geladas.

Venha outro , e venhão mais ;

Que brindar quero agora

A Aglaia , a quem adora

Constante o coração em seus extremos :

A' bellissima Aglaia ,

Que de seus olhos

Com a azagaia

Em cem partes o peito

Me trespassa , me fere ,

Me zarguncha , azagaia :

A' bellissima Aglaia

Auri-crinita ,  
 Nevi-rosada ,  
 Do opulento Brazil rico diamante ,  
 Mais puro , mais brilhante ,  
 Que o setemplice raio luminoso ,  
 Que dardeja do Ceo Febo lustroso.

Na tarde serena  
 Encarnada rosa  
 Não he tão formosa ,  
 Como a linda Aglaia  
 Aos olhos que a vem.

A Ninfa vistosa  
 Filha de Thaumante ,  
 Da nuve orvalhosa  
 Cem cores vibrando ,  
 Não he tão brilhante ,  
 Não he tão pomposa ,  
 Como a linda Aglaia  
 Aos olhos que a vem.

Da Feriz se cria  
 Que d'ouro esmaltando  
 As plumas purpureas ,  
 Aos ares subia  
 O sol registando :  
 Foi ficção galante  
 De Musa gentil.

Mas a minha Aglaia,  
 Portento mais bello,  
 Purpura nas faces,  
 Ouro no cabello  
 Ostenta brilhante  
 Aos olhos que a vem.

Mas já sinto no peito accender-se  
 Rapida chama,  
 Que a mente inflâma :  
 Baccho fremente de pôtas taurinas (me :  
 C'o thyrsó punge-me, move-me, agita-  
 Dentro nas veias o sangue me escuma :  
 Fugi, profanos ; q' o corpo se empluma.  
 Cisne canoto  
 Do Aonio coro  
 Vòo cantando no ar transparente.

Mas que Ninfa he esta,  
 Que nas leves azas de tenros Amores  
 A's nuves se eleva de flores croada ?  
 Será da floresta  
 A Deosa sagrada ?  
 Ou será das flores  
 A mái delicada ?  
 Será de Cithéra  
 A Diva engraçada,  
 Que vòa ás estrellas  
 D' Amores cercada ?  
 Mas oh ! que he Aglaia !

Formosa pastora ,  
Porque assim te apartas  
De quem te idolatra ?  
Onde vas ? Quem te guia ?  
Attende a quem te ama ,  
Te brada , e te chama .  
Mas já entre os astros  
Sintilla serena !

Sús oh mortaes , minhas vozes ouvi ;  
Que Leneu seu furor inspira em mi .  
O ignifero Cupido , contemplando  
De Aglaia a formosura ,  
Entre os nitidos astros a colloca ,  
Fausta constellação aos que navegão  
Seu vasto mar , e a seu furor se entregão .  
De hoje em diante erguei-lhe templo , arás :  
Ali em seu louvor hymnos cantando ,  
Ternos desejos , lagrimas ardentes ,  
Victimas que propicio Amor aceita ,  
E aligeros suspiros lhe offertai :  
Ali lhe consagrai  
Fervidos e devotos  
Da passada borrasca os puros votos .

## DITHYRAMBO

## VIII.

Foi cantado a tres vozes na Sessão Academica, que se celebrou em applauso do Illustrissimo, e Excellentissimo Marquez de Pombal em casa do Morgado de Oliveira em 20 de Janeiro de 1774. Elpino cantou o Tenor. *Composto por Antonio Diniz da Cruz e Silva, e Theotonio Gomes de Carvalho. Os versos do primeiro são os notados com o Asterisco. Foi impresso na Officina Regia no sobredito anno.*

## PRIMEIRO TENOR.

- \* **E**M cem negros cavallos procellosos
- \* Por entre as grossas nuves galopando
  - \* Do austral polo gelado
- \* O fero Noto sai bramindo irado :
- \* E barbaro senhor do campo etherio
  - \* Com dispotico imperio
  - \* Ora inchando as bochechas
- \* De crespia fria reluzente neve
  - \* Borrifa os altos montes ,
- \* Os rios prende, prende as claras fontes ;
  - \* Ora arroja insofrido

- \* Sobre a tímida terra
- \* Agudas setas de gelada chuva,
- \* E em densas sombras, negro nevoeiro
- \* Do ceo cerrando o rubido luzeiro,
- \* A noute faz descer mais appressada
- \* Na carroça de trevas carregada.
- \* Mas em vão esbraveja, corre e freme,
- \* Se contra a sua furia
- \* Bassareu Porta-fogo nós defende (r)
- \* Com a lança fatal, que o mundo rende.

- \* Se a noute embrulhada
- \* Das sombras no manto
- \* Nos cobre de espanto,
- \* Nos enche de horror:
- \* Accendão-se fachas,
- \* E contra o Inverno
- \* Do Luso Falerno
- \* Nas taças fulmine
- \* O vivo fulgor.

## SEGUNDO TENOR.

Fulmine, sim, fulmine o Ebri-festante  
 Padre Leneu o seu fulgor brilhante.

Eia pois, aqui temos o espumoso

Almo licor da parra, que virente

Enrama o grão Tridente

Do Tejo caudaloso:

Almo licor, que o Inverno enregelado

Torna ledo e rosado,

DITHYRAMBO VIII. 59

Que affugenta as mortaes melancolias,  
E em teu regaço , fresca Oeiras , crias.

A coruscante  
Dextra de Jove,  
Que os raios move  
A' fragil terra  
Com dura guerra,  
Dardeie-troveje  
Fulmine-arruine ;  
Que armado e cercado  
De Baccho potente,  
A máquina ingente  
Impavido , immovel  
Verei estalar.

PRIMEIRO TENOR.

- \* Lança pois , oh Tirse ditoso (2),
- \* D'esse almo licor saboroso (3)
- \* Neste copo brilhante e dourado (4);
- \* Dos Heroes ás saudes dicado.

SEGUNDO TENOR.

Aqui tens a suave ambrosia ,  
Que de-perta , que inspira alegria ,  
Que ferve , que cheira , que espuma,  
Que as aras de Baccho perfuma.

PRIMEIRO TENOR.

- \* Agora que brilha croada

60 DITHYRAMBOS.

- \* Do licor rubro a nitida taça ,
- \* Pela terra me lanço e derrubo
- \* E respeitoso á boca a subo (5)
  - \* Em honra e louvor
  - \* Do grande Carvalho ;
- \* Do famoso Carvalho , que alçando
- \* A's estrellas a fronte sublime ,
- \* Com a sombra benigna que estende,
  - \* Ampara , protege , defende
- \* Os ditosos pastores do Luso.

- \* Em honra e louvor
- \* Do grande Carvalho
- \* O cheiroso orvalho ,
- \* Que das cepas mana ,
- \* Que produz ufana
- \* A viçosa Oeiras,
- \* Neste copo empino.

CORO.

- \* Viva o grande Carvalho , viva , viva.

SEGUNDO TENOR.

Basta , basta , calai-vos , ouvi-me.

Esta de vinho  
Taça primeira ,  
Que á boca encaminho ,  
A' verdadeira  
Constante amizade

DITHYRAMBO VIII. 61

Consagro devoto :

Aceita, oh bom Carvalho, o puro voto.

No cume das grandezas,

“Onde te elevão solidas virtudes,

Não foges, não despresas,

Inda q̄ humildes, corações que te amão.

Do tausto a luz brilhante,

Cujo falso esplendor a tantos cega,

Não muda teu semblante.

Quanto no mundo he rara esta virtude,

Tanto mais a Grande Alma nos cativa.

CORO.

\* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

\* Venha hum copo de vinho do Douro

\* De rubins destillados rocio,

\* Vinho que vence os vinhos de Chio,

\* Que derruba, que prostra por terra

\* A possante, soberba Inglaterra :

\* Vinho, que Bromio alegre e salrante

\* Para seus brindes colhe e vindima,

\* Vinho, que cresce em preço e estima,

\* A' sombra ditosa

\* Do grande Carvalho ;

\* Que á sua saude

\* Outra vez a brindar me convida

\* Por cem bocas a Fama, cantando

\* As virtudes, que acolhe em seu peito.

## CORO.

\* Viva o grande Carvalho , viva , viva.

PRIMEIRO TENOR.

\* Venha , amigos , outro copo.

SEGUNDO TENOR.

\* Pronto , pronto aqui está.

PRIMEIRO TENOR.

\* Venhão sinco , quatro , seis.

SEGUNDO TENOR.

\* Aqui prontos todos tens.

## CORO.

\* Viva o grande Carvalho , viva , viva.

PRIMEIRO TENOR.

\* Evohe ! grão Leneu.

\* Que doce frenesi a alma me agita !

\* Já de alegres espiritos fervendo (6)

\* Huma violenta alboratada tropa

\* Felas inchadas veias me galopa.

\* Oh bom Dioneu !

\* Lança-de-ouro , terrível , fulminante ,

\* Féro exterminador de ancias , tristezas,

\* Saboé ! vibra o thyrso fulgurante ,

E a vil plebe ignorante

DITHYRAMBO VIII. 63

Me affasta de diante. (to

- \* Sús, silencio, silencio, que em meu pei-
- \* De cantar altamente o Deos me inspira.
  - \* Ah! soe a sonora
- \* Thymele ebri-saltante, estrepitosa,

- \* Sõem fagotes,
- \* Sõem timbales,
- \* Sõe a trombeta
- \* Que a furia incita:
- \* Nos fundos valles
- \* Eco repita
- \* Tan tan ran tan.

CORO.

- \* Viva o grande Carvalho, viva, viva.

PRIMEIRO TENOR.

- \* Mas q̄ vejo! q̄ assombros! q̄ portentos!
- \* Dés, vinte soes, quarêta, trinta estrellas!
  - \* Ah! não, são Ninfas bellas,
- \* Que eclipsão com seus bellos resplendo-
- \* Do louro Febo os nitidos fulgores. (res
  - \* Tragão-me vinho,
  - \* Tragão-m'ô á pressa.

SEGUNDO TENOR.

- \* Aqui ha louro.

TIPLE.

- \* Ha carmesim,
- \* Sangue cheiroso
- \* De brilhantes racimos.

SEGUNDO TENOR.

- \* Qués do topazio (7) ?

TIPLE.

- \* Qués do rubim?

PRIMEIRO TENOR.

- \* Tragão-me d'esse q̃ tem a cor branca (8),
- \* Puro manná, que estillou Peramanca,
- \* Doce licor, que por doce se preza;
- \* Que em teu louvor, e que á tua saude
- \* Delle pertendo beber hum almude,
- \* Oh de Pombal excellente Marqueza.
- \* Já dobrando o joelho
- \* Pela terra me inclino,
- \* E a chea taça denodado empino.

CORO.

- \* Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

TIPLE.

A' margem viçosa  
Do Danubio undoso  
O Tejo invejoso

DITHYRAMBO VIII. 65

A foi demandar.  
Alma tão formosa,  
De virtudes cheia,  
Adora, e recea  
A Musa brondar.

Mas em fim ha de ser; venha a botelha,  
Que encerra o saboroso  
Licor espirituoso de Champanha,  
Que muito gosta a gente de Alemanha.  
Da aguda faca a lamina buida  
Quebre a loura resina, salte a presa  
Cheirosa escuma, e em bolhas mil ergui-  
Saude a Grão Marqueza; (da  
E retinindo  
Pelos erguidos  
Tectos dourados

Os reciprocos brindes alternados,  
Vereis, ah! sim, vereis,  
Do grande Daun o grão Nome ouvindo,  
Attonitas fugindo  
Do Odder nas ribeiras  
Destroçadas fileiras,  
Bater a Aguia Imperiosa  
De sangue as negras pennas salpicadas,  
Voar victoriosa;  
Marte horrendo inclinar a fronte altiva.

CORO.

\* Viva a Grande Marqueza, viva, viva.

## PRIMEIRO TENOR.

- \* Não quero Borgonha :
- \* Não quero Champanha :
- \* Não quero Tockai ;
- \* Nem vinho do Cabo :
- \* Os vinhos estranhos
- \* Não provo : não gabo.
- \* Quero vinho , q̄ alegre , que aquente :
- \* Dá-me d'esse que goarda na cuba
- \* Doce çumo Mação excellente ,
- \* Camarista estimado e válido
- \* De Evio Lysio na Casa enramada ,
  - \* Por isso chamado
  - \* Da chave dourada.
- \* Este pois , oh formosa Condessa ,
- \* Gloria e timbre de Oeiras formosa ,
  - \* Te brindo e consagro.

## CORO.

- \* Viva a grande Condessa , viva , viva.

## PRIMEIRO TENOR.

- \* Quando sai do Horizonte
- \* Na fogosa carroça o sol dourado ,
- \* O sol de immensa luz perenne fonte ,
- \* Não vem de tantos raios coroado.
- \* Tão formosa e engraçada ,
- \* De flores adornada ,
- \* Não sai do Ganges fóra

DITHYRAMBO VIII. 67

- \* Na fresca madrugada  
\* As nuvens roixeando a bella Aurora :  
\* Ao terno Esposo ,  
\* Cujo espirito raro e generoso ,  
\* Mais que da terra, do alto Ceo he digno,  
\* Em casto laço santamente unida  
\* Brilhar se vem as duas almas bellas,  
\* Quaes os Gemeos de Leda entre as es-

(trellas.  
CORO.

- \* Viva o Esposo gentil, a Esposa viva.

TIPLE.

Mas que fero gigante  
De setas armado ,  
Os campos talando ,  
As plantas crestando ,  
Com fina navalha  
Os beiços retalha ,  
Me off'rece batalha ! (te,  
Hes tu , bem te conheço, impio Nordes-  
Dos mortaes crua peste.  
Não fujo , não fujo ,  
Espera , suspende ;  
Que a ti não se rende  
De Baccho o valor

Dá-me d'esse , que tem a cor loura ,  
Impenetravel rigida coura ,  
Que do Oceano as nitidas filhas

68 DITHYRAMBOS.

Me mandarão de mimo das Ilhas.  
Venha hum copo, dous copos, tres co-  
Capacete, rodela, e montante: (pos,  
Dize agora que venha o gigante.

Mas que esquadrão formoso  
De aligeros soldados,  
De viçosa oliveira coroados,  
Com suave harmonia o ar povòda,  
E a soccorrer-me vòda!

Os leves Amores,  
As candidas Graças  
Em torno das taças  
Alegres voando,  
Entoão louvores  
De Amalia gentil:  
Amalia excellente,  
De tronco viçoso  
Ramo florecente,  
Que em laço ditoso  
Promettes, seguras  
Mil bens, mil venturas  
Ao Esposo feliz.

A ti pois, oh Amalia formosa,  
De raras virtudes compendio,  
A taça cheirosa  
De vinho espumoso  
Consagro rendido:  
Tambem a consagro

DITHYRAMBO VIII. 69

A teu grande Esposo,  
Que louros cingindo  
Vai ao templo da Gloria subindo.

CORO.

Viva Amalia gentil, o Esposo viva.

PRIMEIRO TENOR.

- \* Mas que sinto ! que vejo ! q̃ escuto !
- \* Se Epaphio fremêre, de pôtas taurinas(9),
- \* Que acceso inflâma-me, embrulha-mé o

PRIMEIRO TENOR. (cerebro(10),

- \* Não me illude, T

SEGUNDO TENOR.

M'o finge,

TIPLE.

Me engana,

PRIMEIRO TENOR.

- \* A terra agita-se, abana-se, move-se.

SEGUNDO TENOR.

- \* Os ares cerrão-se, engrossão-se, turbão-  
(sc.

TIPLE.

- \* Rugem com impeto rigidos Africos.

70 DITHYRAMBOS.

PRIMEIRO TENOR.

- \* Brilhão relápagos subitos, lugubres,
- \* Rôpendo a concava maquina etherea.

SEGUNDO TENOR.

- \* Accesas, tremulas, rubidas viboras
- \* Horriveis bramão por farpadas lingoas.

TODOS.

- \* Oh vite-comado, tarfante Brisseu,
- \* Brincão, pampinoso, mancebo Liêu!
- \* Que he! que he! que será!

TIPLE.

- \* Quem tanta desordem,
- \* Oh Ceos, causará?

CORO.

- \* Mas seja o que for,
- \* Cantemos, bebamos,
- \* Dancemos, durmamos
- \* Do grande Caryalho
- \* A' sombra feliz.

acima abigir

## NOTAS.

(1) As palavras Bassarêu, Bromio, Epaphio, Lança-de-ouro, &c. são apellidos dados a Baccho por Orpheu, ou quem quer que he o Author dos Hymnos, que se lhe attribuem; e por outros muitos Poetas Gregos e Latinos: a maior parte dos quaes denota as qualidades e predicados, que os Ethnicos attribuião a esta falsa Divindade, (ou antes os *effeitos fisicos*, que o vinho produz em quem o bebe). O uso das Nações mais polidas as admittio, e approvou em semelhantes composições. As palavras novas e compostas, como igualmente a frequente variedade de metro, e uso de Metaphoras atrevidas, são os adornos proprios d'esta extravagante e fantastica Poesia, como indicão estes versos de Horácio:

Seu per audaces novâ dithyrambos

Verba devolvit, numerisque fertur

Lege solutis.

*Od. Libr. 4. Od. 1. (al. 2.) v. 10.*

Sobre ella se pôde ver Quadrio no tom. 2. liv. 1. Distin. 2. cap. 3. e Menzini liv. 3. onde, ao mesmo tempo que ensina as regras, dá hum excellente exemplo.

(2) Este verso he chamado Enneasyllabo, ou de nove syllabas, e pertence á primeira classe delles, que devem levar os accentos na terceira, quinta, e outava: como se pode observar nos Autores que o introduzirão, e lhe derão a regra.

72 DITHYRAMBOS.

(3) Outra especie de versos de nove syllabas, que deve levar os accentos na segunda, quinta, e outava: como se pode observar no seguinte verso que he de Jose Gaetano Salvadori, ou de Loretto Mattei.

Di perle, di tremulo gelo.

(4) Verso Decasyllabo; os quaes tem seus accentos ou na terceira, sexta e nona, ou na quarta, setima, e nona; de que ha muitos exemplos em Reddi, e no Aldeano, ou seja Nicolao Villani. Este verso não he novo em Portugal.

(5) Outro verso de nove syllabas com os accentos na quarta e outava; de que he Author Gabriel Chiabrera na sua Canzoneta:

A duro stral di ria ventura,  
Miserò me! son posto segno,  
E l' empio duol, ch' io ne sostegno,  
Miserò me! non ha misura.

(6) O Author na revisão dos Dithyrambos mudou aqui dous versos: e lendo-se no impresso:

Já de alegres espiritos huma tropa  
Pelas veias fervendo me galopa.

*escreveo na revisão como vai emendado.*

(7) Qués, he syncopado de queres. Semelhantemente diz Camões na Ecloga 3.

E se qués ver se ardentes são seus tiros.

(8) Esta especie de versos só differe dos mais endecasyllabos em levar os accentos na quarta, setima, e decima. Delle se vem muitos exemplos em Camões, Ferreira, &c. mas o seu proprio lugar he nos Dithyram-

## DITHYRAMBO VIII. 73

bos, por terem huma armonia alegre, e estrepitosa.

(9) Verso de doze syllabas. Este verso he dos mais antigos de que usárão os Portuguezes, se he certa a invenção do Poema da Perda de Hespanha, achado no Castello da Louzã em tempo de ElRei D. Affonso Henriques: não ha duvida porem que no Cancioneiro de Resende ha muitas poesias compostas neste metro.

(10) Verso chamado Choriambico, que leva os accentos na quarta e setima, acabando com esdruxulo, fazendo cesura na sexta syllaba: delle são os seguintes exemplos tirados do Reddi no seu *Baccho em Toscana*, e Campelli na sua Tragedia *La Gerusalemme cattiva*.

O come l'ugula bacciami, e mordimi  
 O come in lagrime gl'occhi disciogli- } Reddi.  
 (mi.)

Ma qual distruggemi rapida furia  
 Come spaventami l'Erebo, e seg- } Campelli.  
 (nami.)

## DITHYRAMBOS.

## IX.

Baccho em Lusitania.

**H**Uma tarde de Maio serena  
 Quando o sol se banhava nas ondas,  
 A's ribeiras do Tejo, que corre  
 As campinas de flores bordando,  
 N'hum carro de vides toldado,  
 Por tigres ferozes  
 A passo tirado,  
**Entre o som confuso de sistros e vozes**  
**Loução** chega o filho de Jove sagrado.  
 Trazia a seu lado  
 Das Graças cercada  
**A formosa Ariadna de estrellas croada.**  
**De tenros Amores aligeira turba**  
 Voava ligeira  
**Por entre a ramada da fresca parreira,**  
 Que o carro toldava.  
 Dalí fulminava  
**Mil setas brilhantes, que o ar abrasando**  
 Amores geravão  
 Por onde passavão:  
 Amores travessos,  
 Que logo adejando

DITHYRAMBO IX. 75

As azas soltavão,  
E dos dous amantes nas almas entravão.

Caracolando cercavão o coche,  
Ululando, saltando, cantando  
As fogo-frementes  
E Jaccho-gritantes  
Lascivas Bacchantes,  
Ou grossas serpentes  
Nas mãos apertando,  
Ou tyrsos vibrando.  
Seguia-se logo  
A chusma incomposta  
De Faunos galhudos,  
Cornipedes Satyros,  
Que pegas trazião,  
E fallar fazião,  
Evohe gritando,  
Nebrodes chamando,  
Dithyrambo uivando.

Huns tocavão soantes adufes,  
Outros saltando batião nos ares  
Crotalos, cymbalos, tympanos, sistros.  
Nem falta Silvano,  
Que ás costas trazia  
Com grandes raizes  
Hum grande pinheiro.  
O Deos dos pastores  
De amoras pintado, e vestido de flores  
Nas mãos conduzia a sagrada ciranda.

Tu tambem, de Lampsaco  
 Nome impudente,  
**Companheiro** fiel do brincão Baccho,  
 Ali presente  
 A longa cana  
 Ao ar alçavas,  
 Com que o vento e as aves açoutavas.  
 Roncava a Frygia, tumida tibia  
 Por entre os rigidos horridos crotalos.  
 Canta de Satyros fervida casila  
 Em Dithyrambicos turgidos numeros,  
**E** o velho Sileno banhado de mosto,  
 Picador mesquinho de imbelle jumento,  
 Levantando a vara, que o burro feria,  
**Ao** coro estrondoso o compasso batia.

Quando subitamente  
 Alto: bradou o filho de Semele,  
 E n'hum ponto cessou toda a thymele.  
 Ao grande acceno  
 Do burro se desmonta o bom Sileno:  
 Mas como velho,  
 E tomado dos vinhos,  
 Cai ao descer na arêa de focinhos.  
 Cerreo a levantallo toda a tropa,  
 Hús lhe pegão das mãos, outros da ropa;  
 E posto em pé com mal seguro passo  
 Vai a Baccho, que desce, dar o braço.  
 A quem Ariadna segue tão formosa,  
 Que na belleza o mesmo sol vencêra,

DITHYRAMBO IX. 77

Se o mesmo sol então não se escôdera:  
 Logo o Deos bipolarido se encaminha  
 A huma gruta que ali está vizinha,  
 Guarneçada de musgos e videiras,  
 E em torno rodeada de parreiras:  
     Onde indigenas Ninfas,  
     Deixando as claras linfas,  
     Vem a passar as sestas  
 Em doces jogos, em alegres festas:  
 E em quanto pela arêa caminhava,  
 De Jaccho ao braço a Ninfa se encosta-  
     E a terra de mil flores (va;  
 Ao passar lhe alastravão os Amores.

Tanto que na frondosa lapa entrárão,  
 Sem ceremonia todos se assentárão  
     Nas verdes almofadas,  
 Que a destra e subtil mão da Natureza  
     Sem estudo estofara,  
     E broslara  
 De mil lustrosas desvairadas cores,  
 Que em seu seio ostêtavão lindas flores:  
 E só em pé ficou a vil caterva  
     De Faunos petulantes,  
     E lascivas Bacchantes,  
 Que retôção saltando sobre a herva.

Então o loução Deos a voz desbrochando  
     Do tundo do peito,  
     Com suave aspecto

Desta sorte foi a todos aregando:  
 Ariadna bellissima,  
 Esposa carissima,  
 Doce emprego e idolo  
 Desta alma ternissima!  
 E tu oh solícito  
 Sileno capripede,  
 Ayo amabilissimo,  
 De todos meus jubilos  
 E trabalhos asperos  
 Socio fiel e intimo!  
 Vós tambem dos rusticos  
 Pastores e agricolas  
 Oh Numes beneficos!  
 E toda a mais recova  
 De Faunos e Satyros  
 E soltas Bassarides,  
 A mi devotissimos!

Supponho que nenhum de vós ignora  
 O quanto grato  
 Não só agora,  
 Mas já ha muito  
 Me foi da Lusitana terra o trato,  
 A pesar de quanto escreve,  
 E a dizer de mi se atreve  
 O velhaco de Camões.  
 Elle foi por certo Poeta,  
 E das Hespanhas Archipoeta:  
 Porem foi meu inimigo.

DITHYRAMBO IX. 79

Eu com tudo lh'ò perdõo ;  
 Porque sei q̃ aos grandes Vates  
 De fingir lhes deo licença  
 Meu Irmão o louro Apollo.  
 Eu lh'a dou , eu lh'a concedo ;  
 Pois assás estou vingado  
 No desdem com que o tratárão  
 Os seus mesmos Lusitanos ,  
 Cujos feitos mais que humanos  
     Elle cantou ,  
     E eternizou.

Mas deixando digressões ,  
 E o velhaco do Camões ,  
 Lysio meu caro amigo , e companheiro  
 Do vencido Oriente nos triunfos ,  
     Aqui firmou guerreiro  
 O magestoso trono , e lhe deo nome.  
 Aqui de verdes pampanos croada  
     A terra brota  
     Mil cepas , mil bacelos  
     Com o peso curvados  
 De saborosos cachos bellos , (los ;  
 Quaes brancos , quaes roixos , e amarel-  
 Que á vista se apresentam mais brilhantes  
     Que os rubins , q̃ os diamantes,  
 Que os jacinthos , granadas , amethistas ;  
     E na pia marmorea espremidos  
     E derretidos ,  
 Em cheirosa ambrosía se tornão ,  
 Que em rios suaves entornão ,

Convidando  
 Seu humor  
 Com a cor  
 A bebello,  
 Rebebello

O estrangeiro e o natural.

Por estas causas pois, e sobre tudo

Porque da florente  
 Antiga Silveira  
 A flor mais virente  
 Hymeneo meu filho,  
 De Urania gerado,  
 Com nó apertado,  
 Lisonjeiro prende

A hum tenro novo ramo florente  
 Do robusto Carvalho, que alçando  
 A's nuves a coma soberba,  
 Do Luso os pastores abriga  
 No furor da procella inimiga:  
 Deixando Nyza, Naxos e o Oriente,  
 E do Arno famoso  
 As frescas ribeiras,  
 Onde á sombra de opimas parreiras,  
 De mil vinhos  
 Oodorosos,  
 Saborosos,  
 Generosos,  
 Preciosos  
 O Reddi affamado

DITHYRAMBO IX. 81

Hum banquete me deo bem delicado ;  
Neste bosque applaudir comvosco intento,

Caros confrades ,  
Tão ditoso ajuntamento ,  
Que Hymeneo  
Ledo teceo.

Dos tenros Esposos  
Gentís e mimosos  
Em honra e louvor  
Aqui beberemos ,  
Aqui brindaremos ,  
Aqui cantaremos ,  
Aqui bailaremos ,  
Aqui gorgomilos ,  
Aqui peito e boses  
Com o grato çumo

De illustres famosas videiras  
Ledos regaremos ;  
Embalsamaremos :

E da solta alegria  
Entre os extremos  
Nos emborracharemos.

A vós , caros confrades ,  
Dou toda a liberdade , e só prohibo  
Inflexivel , severo  
Dos vinhos estrangeiros hoje o uso.

O Tockai deixe-se  
Ao robusto Hungaro ;

82 DITHYRAMBOS.

Deixe-se ao Baravo  
 O licor de Africa,  
 Que o nome arroga-se  
 Do cabo celebre,  
 Que arando de Neptuno os ermos paramos  
 O Luso intrepido  
 Ousado descobrio ao mundo attonito:  
 O Francez lepido  
 Beba o que espreme-se  
 De Borgonhezes, Champanhezes pampa-  
 Succo aromatico. (nos  
 Do Rheno no fumante branco balsamo  
 Gostoso entrasque-se  
 O Alemão frigido.  
 Goste o molle Italo  
 O seu Monterapoli,  
 E o que de Rei por mi tomou o titolo  
 Por empenhos que me fez o Reddi inclito,  
 Montepulchiano grato, illustre e celebre.  
 O Ibéro tumido  
 Beba o seu Malaga,  
 E o Britano ardego  
 Alague-se,  
 Encharque se  
 Em ponche tepido,  
 Cerveja rubida;  
 Que hoje em paz lhe consinto, e em paz lhe  
 Todos esses licores. (deixo  
 Nós beberemos, Collegas, somente  
 Os ricos vinhos, os vinhos famosos,

DITHYRAMBO IX. 83

Que estes campos brotão ,  
Que alegres esgotão  
Francezes , Inglezes ,  
E até esgotára ,  
Se acaso os provára ,  
A pesar do seu Santão ,  
E de todo o Alcorão ,  
O seu Opio deixando e o seu Café ,  
O soberbo barbarrão  
Do fanatico Muftí.

Se algum de nós houver tão despejado,  
Que se atreva a quebrar o grande edito,  
De minhas alegres nocturnas Orgias ,  
E mais folias

Sem recurso será logo proscrito :  
E por maior vergonha condenado  
Com intamia e com magoa  
A beber somente agoa.

Só para variar de quando em quando  
Permittirei beber hum calizinho  
Do generoso vinho ,  
Que no regaço ufano  
Nutre a fresca Madeira ,

Por ser tambem hum vinho Lusitano.  
Eia pois , principie a grande festa :  
Fuja , fuja  
A tristeza de nós grave e molesta.

Tragão-me d'esse esplendente carmim,

Que de Ceilão brilha mais que o rubim ,  
 Que em cheiro vence o suor odoroso

Da Capreúba,  
 Inda techado  
 Dentro na cuba ;

Sangue brilhante de cepa estremada ,  
 Que Mação avaro e zeloso

Goarda nas pipas com chave dourada.

Ariadna , bebe  
 Desta ambrosía.  
 Oh ! que alegria  
 N'alma recebo ,  
 Quando te bebo ,  
 Grato licor !

Vá á saude  
 Da nova Esposa ,  
 Que he mais formosa  
 Que o mesmo Sol.

Vá á saude  
 Da nova Esposa ,  
 Que he mais formosa  
 Que o mesmo Sol ,  
 Repete a chusma  
 Dos convidados :

E em quanto contentes bebião ,  
 Do coro folião a grande tropa ,  
 Que em torno á lauta mesa estava em pé ,  
 Cantava em altas vozes : Evohe.

DITHYRAMBO IX. 85

Este copo brilhante e lavrado

( Ariadna dizia )

Este copo brilhante e dourado

Em que brilha em que fuma escumado

O manná, que derramão suaves

Frondentes vides

Em Peramanca :

Este que grato me apaga e me estanca

A ardente sede :

Este sim , que o nectar excede ;

Vá , vá á saude

Do recém Esposo

Gentil e garboso ,

Que de aceiro armado

De Marte he traslado ,

E delle despido

Parece Cupido.

Vá , vá á saude

Do recém Esposo

Gentil e garboso ,

Que de aceiro armado

De Marte he traslado ,

E delle despido

Parece Cupido ,

Repete a chusma

Dos convidados :

E em quanto contentes bebião ,

Do coro tolião a rude tropa ,

Que em torno á lauta mesa estava em pé ,

86 DITHYRAMBOS.

Cantava em altas vozes : Evohe.

Então de Lampsaco  
O Nume potente  
Hum frasco tomando  
De vinho odoroso ,  
Que em seus cápos produz a Chamusca;  
Em quanto a rolha porosa sacava ,  
Assim aos mais commensaes fallava :  
Esta viva desteita granada  
Neste claro cristal engastada

Vai á saude  
Da Esposa bella ,  
Que nova feniz  
Viva e reviva  
Sempre gentil.

Vai á saude  
Da Esposa bella ,  
Que nova feniz  
Viva e reviva  
Sempre gentil,  
Repete a chusma  
Dos convidados ,

Que os vasos ledamente despejarão.  
E em quanto contentes bebião ,  
Do core folião a rude tropa ,  
Que em torno á lauta mesa estava em pé ,  
Bradava em altas vozes : Evohe.

Seguio-se logo  
 O bom Silvano ,  
 Que hum grande jarro  
 De vinho enchendo  
 De Carcavellos,  
 Ao claro Esposo  
 Assim brindou.

Oh tu nova vergontea florecente  
 De alto tronco em Heroes sempre fecundo  
 Ou nas artes da Paz , ou nas que escreve  
 Com roixo sangue Marte furibundo ,  
 Cuja gráo fama vaga pelo mundo :

Este vaso ,  
 Que no bucho  
 Pronto vaso ,

E qual fero robusto Tudesco ,  
 Que bebe e rebebe animoso ,  
 Com elle os bofes  
 Régo e refresco ,  
 Em honra tua ,  
 E do futuro

Successor , que ledó te auguro ,  
 Manso , manso vou entornando.

Em honra tua ,  
 E do futuro

Successor , que ledó te auguro ,  
 Manso , manso vou entornando :

Repete a chusma  
 Dos convidados.

E manso , manso  
 Os gordos vasos  
 Todos gró , gró  
 Forão vasando.

E em quanto contentes bebião ,  
 Do coro folião a rude tropa ,  
 Que em torno á lauta mesa estava em pé ,  
 Bradava em altas vozes : Evohe.

Em pé então  
 Se levantou  
 O agreste Páo ,  
 E hum cangirão  
 Nas mãos tomou ,  
 E assim bradou :  
 Enchão-me prestes do ardente pyrópo ,  
 Que o Lavradio fecundo destilla ,  
 Este , de que uso ,  
 Rustico copo.  
 E n'hum ponto  
 Hum Sileno  
 Diligente ,  
 A quem toca  
 De copeiro alí o officio ,  
 Lh'o enche todo até á boca.

Com as mãos ambas  
 O Semicapro  
 Alegre o toma ,  
 E antes que beba

Assim fallava :

Este vinho puro e macio ,  
Oh se caudal manasse d'elle hum rio !

A' saude vá  
Da Esposa gentil ,  
Que conserve o Ceo  
Por seculos mil.  
Qual rola innocente  
Que em densa floresta ,  
Ou hervoso prado  
O parceiro amado  
Fiel acompanha ,  
E sempre a seu lado  
Constante se vê ,  
E leda rolar :  
Do Esposo extremoso  
Ao lado se veja  
Contente extremosa  
De amor suspirar  
Por seculos mil.

A' saude vá  
Da Esposa gentil ,  
Que conserve o Ceo  
Por seculos mil ,  
Repete a chusma  
Dos convidados :

E em quanto contentes bebião ,  
Do coro folião a rude tropa ,  
Que em torno á lauta mesa estava em pé ,

Bradava em altas vozes : Evohe.

Neste ponto o bom Sileno  
 A' bagagem corre.  
 Das ancas do jumento despendura  
 A grande infusa,  
 Pela qual usa  
 A seu sabor beber quando tem sede  
 Das doces uvas o licor fumoso,  
 E as azas tinha do pegar çafadas;  
 E a tremula voz alçando assim dizia :  
 Eu não uso beber por acipipe :  
 Peramanca, Mação e Carcavellos,  
 Chamusca e Lavradio são bons vinhos,  
 São gratos, são bellos :  
 Mas para a gente hum pouco delicada,  
 E a opiperas mesas costumada.  
 A minha pituita  
 Me pede outro molho :  
 E fallando sem refolho,  
 Quero vinho cascarrão,  
 Que se gasta nas tavernas,  
 Que a cabeça logo logo  
 Me perturbe e mais as pernas,  
 Que a lingua trave-me,  
 Que o esofago (me ;  
 Rasque-me, morda-me, pique-  
 Este que se bebe nas selvas  
 De toscas vinhas campeche estillado  
 Nas lagariças

DITHYRAMBO IX. 91.

E talhas de Elvas,  
De teu nome em honra  
E da tua prole,  
Oh flor graciosa  
De ter til Silveira,  
Mais fresca e formosa  
Que em verde roseira  
Pudibunda rosa,

Ledo e pronto todo embarco

C' o suave esposo  
De tenros filhinhos  
Em torno cercada,  
Qual fertil videira  
De cachos ornada,  
Cada vez mais bella  
E mais engraçada,  
Desfruta contente  
Do doce consorcio  
O fructo feliz.

A teus longos annos  
Em dourada roca  
Benevola Clotho  
Lentamente tire  
O fio feliz.

Disse, e de hū sorvo o cantaro despeja  
Sem deixar-lhe se quer o turvo pé:  
E o rustico coro de Faunos, Bacchantes  
Sem cessar gritava, Evohe, Evohe:  
E ao som dos ruidosos instrumentos  
Em romper proseguia os vagos ventos,

D'esta arte cantavão ,  
 D'esta arte solitos  
 Hymeneo chamavão.

## CORO.

Desce propicio ,  
 Desce do ceo ,  
 Oh loução filho  
 Do bom Lyeo.  
 Vem Hymeneo ,  
 Vem Hymeneo !

Já Febo esconde  
 O rosto seu ,  
 Suppra seus raios  
 O facho teu.  
 Vem Hymeneo ,  
 Vem Hymeneo !

Sacode as teas ,  
 E o roxo veo  
 Traze ligeiro ,  
 Traze do ceo.  
 Vem Hymeneo ,  
 Vem Hymeneo !

Delle coberra  
 O pudor seu  
 A Esposa vença :  
 O lume teu

Siga Hymeneo:  
Vem Hymeneo!

O nó suave,  
Que Amor teceo;  
Estreita, aberta  
Casto Hymeneo.  
Por teu trofeo  
Vem Hymeneo!

Impaciente  
Do vagar teu  
Daun te accusa,  
Se queixa ao Ceo.  
Vem Hymeneo,  
Vem Hymeneo!

Ah não demores  
O prazer seu,  
As esperanças  
Que o ceo nos deo  
Neste Hymeneo.  
Vem Hymeneo!

Mas já sintilla  
No claro ceo  
A luz brilhante  
Do facho teu.  
Vem Hymeneo,  
Vem Hymeneo!

94 DITHYRAMBOS.

Inda bem a seu canto estrepitoso

O temulento coro fim não dera,

Quando Baccho sequioso

Por matar a sede ardente

Assim brada impaciente:

Satyrosinho,

Gentil copeiro,

Corre ligeiro,

Corre de trote:

Traze hum pipote.

Mas de que vinho?

Traze d'esse generoso,

Espumoso,

Precioso,

Que mais longe lança a barra,

Os vinhos gabados de Chipre e de Chio;

Que o vinho affamado,

Vinho de ouro em Syria chamado,

Que Tripoli cria,

E como reliquia de lá nos envia,

Esse vinho chamado da Ponte:

Oh! quem me derá d'elle hũa fonte,

Mais perenne

Do que a fonte da Hippocrene!

Disse, e n'hum pulo

O Satyro lh'o traz hirsuto e fulo.

Então o brincão Deos assim prosegue:

Vinho suave,

Da fonte do prazer registro e chave,

- DITHYRAMBO IX. 95

Quando neste rustico copo  
Lingoa e padar em ti ensopo ,  
Quando teu grosso jorro cá no peito ;  
As guelas lavando , cae e chove ,  
O nectar não invejo a meu pai Jove.

Tu hes o saudavel

Ouro potavel ,

Que a vida alentas ,

Que o coração

Refocillas , sustentas ,

Vigorisas , confortas :

Do alcaçar dos gostos tu abres as portas.

Tu da tristeza

Veloz affugentas

As lugubres trevas.

Tu as almas suspendes , elevas ,

E a ver novos mundos nas azas ardentes

Os astros calcando conduzes e levas.

Se do Menalo o audáz pastor Elpino ,

Que só agoa bebendo se arroja

A cantar guerreiros famosos ,

De melhor lira assumpto digno ,

Em ti sua boca molhára ,

Então dignamente

As grandes proezas cantára :

Então eu lhe encommendára ,

Que de Thebas no carro montado ,

Brilhantes estrellas trilhando ,

Pelo mundo fosse cantando

Deste grande Hymeneo o Epithalamio:

Certamente que elle ignora ,  
 Ou assella por mentira  
 O que já Argiva Lira  
     Publicou  
     E assellou ,  
 Quando disse , que hum vinho famoso  
 Era aos Poetas ginete brioso.

    Mas já que se obstina  
     Somente em beber  
 Agoa pura e cristallina ,  
 Com sua agoa se fique o mesquinho ;  
 Pois ffar tão grande empreza  
 De quem só agoa bebe e não vinho ,  
 He pequice , he sandice , he leveza.  
 Diz que aos olhos lhe faz mal :  
 He mentira , não ha tal ;  
 Que eu mais vejo , se mais bebo.

    Se he de dia ,  
 Vejo tres e quatro soes :  
 Se he de noute , pelos ares  
 Vejo aos centos , aos milhares  
 Nadar juntas as estrellas ,  
 E outras cousas muito bellas ,  
     Como são  
 Rebentar d'hum embrião  
 As idéas de Platão :  
 De Epicuro enxergo os atomos ;  
 E huns com outros vejo , vejo  
 De Renato os turbilhões  
 De continuo aos empurrões ;

DITHYRAMBO IX. 97

E outras cousas muito bellas,  
 Que não vejo, nem percebo  
 Se não bebo.

Mas já que se obstina  
 Somente em beber

Agoa pura e cristallina,  
 Com sua agoa se fique o mesquinho,  
 Que eu inveja lhe não tenho.

O sublime empenho  
 De mais alto engenho  
 Fiarei.

Quem sera, eu cá o sei;  
 Mas agora o não direi;

Porque temo que o povo do Pindo  
 Agravado,  
 E picado

Desta minha preferencia,  
 Solte as redeas á insolencia,

E com satyras mil me caia ao rabo;  
 Que hum poeta irritado he hum diabo:  
 Quanto mais hum enxame de poetas,  
 Ou roucas rãs dos charcos da Hippocrene,  
 Que grasnando com tumido boato,  
 Em vez de versos trovas mil entoão,  
 Que os cegos pelas tuas apregoão.

Mas a culpa tem Apollo;

Pois que atura tanto tolo

Sem que á pressa

stans A cabeça

Lhe não rache,

98 DITHYRAMBOS.

ou escache  
Com a lira , ou c'o cajado ,  
Com que hum tempo desvelado  
De Thessalia nos pacigos  
Pastorava  
Branco gado.

Mas onde me transporta  
Contra hum bebedor d'agoa a justa sanha,  
Que no peito concebo ,  
Que esqueço o que por hora mais impor-  
Que não bebo (ta ,  
Este balsamo cheiroso ,  
Este liquidó rubim ?

Gentil Esposa ,  
Ao Esposo unida  
Vive gostosa ,  
Vive feliz :  
Qual fertil vide ,  
Que em mil abraços  
C' os verdes braços  
Tenaz aperta  
O olmo gentil.

Disse : e gorgolejando ,  
Todo o pipote  
Nas aridas entranhas foi vasando.

Gentil Esposa ,  
Ao Esposo unida  
Vive gostosa ,

Vive feliz,  
 Repete a chusma  
 Dos convidados,  
 E os cheos vasos  
 De vinho rasos  
 Ledos e emborcão,

E em tanto dos Faunos e soltas Bacchantes  
 A tropa festiva, que em giro saltava,

Os verdes thyrsos brandindo espantosa,  
 Huns apòs dos outros, a boca applicava  
 Ao jorro que espalha fumando de em torno  
 D'hum tonel bojudo e cheiroso

O largo torno:

E de quando em quando  
 Bramindo, ululando  
 E vociterando,  
 Evohe gritava:

Evohe!

Evohe!

Sinto girar-me de em torno a cabeça:  
 A selva se dobra e tresdobra a meus olhos:

Vejo bailar as arêas do Tejo:

E as cerulicrinitas Tagides vejo

Sobre as ondas formarem corêas.

O carro c' os tigres voltêa de em torno:

Cabriola comnosco a floresta:

Que gosto, que prazer, que alegre festa!

Ariadna dizia,

E assim proseguia:

ICO DITHYRAMBOS.

As toscas nebrides  
Larguem as Menades :  
Os racimiteros  
Thyrsos horribicos  
Deixem os Satyros :  
Teçáo levissimos  
Coréas lepidas  
Ao som armonico  
Dos rijos crotalos ,  
Das gaitas turgidas,  
Dia tão celebre  
Por nós celebre-se  
Com baile e canticos ;  
E os nossos jubilos  
Augmente prodigo  
O sangue liquido  
De cepas incl tas.  
Teça-me , teça-me  
De vós , Bassarides ,  
A mais solícita  
Verdes lauréolas  
De frescos pampanos ,  
De hera frondifera ,  
Donde pendáo vistosos os corimbos ;  
Que em sinal de alegria ,  
Neste de almo prazer solemne dia ,  
As soltas tranças  
Coroar pertendo com ellas.  
Seráo mais brilhantes ,  
Que a outra de estrellas ,

DITHYRAMBO IX. 101

Que no ceo sinilla  
Por dadiya tua,  
Thyoneo gentilissimo,  
Esposo carissimo.

E tu em tanto,  
Pincerna rustico,  
D'esse chrysolito  
Doce, odorifero,

Que de grata fecunda videira  
Colhe e pisa e prepara a Madeira,  
Esta copa luzente e sagrada,  
D'ouro com rico lavor tauxiada,  
Traz-me chea.

Disse, e qual sae fusil da nuve fea,  
O Satyro fragueito lhe obedece.

Então tomando Ariadna o rico vaso,  
E a branda voz soltando,  
Que sobre as tremulas humidas azas  
As soltas Auras suave prendia,  
D'esta arte proseguia:

Feliz Esposa,  
Que hes mais formosa  
Que a roixa Aurora,

Quando nas conchas o pranto, que entor-  
Em netas per'las (na,  
Converte e torna:  
Ao terno Esposo  
Sempre liada  
Lysia te veja;

E com inveja,  
 A tenaz hera,  
 D' alto azinho no tronco enrolada,  
 Estale em mil pedaços  
 Pertendendo emular tão doces laços.  
 Esta que derramou meliflua uva,  
 De fragantes jacinthos rica chuva,  
 Porque assim seja,  
 E Lysia o veja,  
 Com immenso prazer empino e vaso,  
 E a grande sede mato em que me abraso.

Porque assim seja,  
 E Lysia o veja,  
 Este grão vaso  
 Empino e vaso,  
 Repete a chusma  
 Dos convidados;  
 E alegres todos  
 As grandes taças  
 Tocão e beijão,  
 Sorvem, despejão.  
 E em tanto a turba  
 De Evias e Faunos,  
 Que beberricava,  
 Caracolava,  
 Tripudiava,  
 Ferindo a arêa  
 C'o solto pé,  
 Sem cessar brada:

DITHYRAMBO IX. 1031

Evohe  
Evohe

Quãde vós me traz, oh Silenos,  
Huma pipa de vinho do Douro

Vermelhaço,  
Brilhantaço

Para nella cortir este couro

Grita então

De Hellesponro o Nume potente,  
E hum Fauno lhe apresenta hũ çangirão

Este vaso

Não he azo,

Replicou,

A matar a sede ardente,

Em que meu peito arder se sentere

Mas se outro mais pronto não ha,

Que remedio e paciencia:

Este vaso

Oh quinta essencia

Dos vinhos todos!

Que noutro tempo beberão os Godos,

E agora iebes nois

A gente Ingleza,

Que tanto se preza

De beberi

E entender

Dos bons vinhos a excellencia.

E te dá a preferencia

Sobre os vinhos de Borgonha,  
 De Bordòs e de Champanha,  
 Que o Francez vão, orgulhoso  
 Tanto gaba, e tanto jacta:  
 Eu te bebo respeitoso  
 Em honra do novo Carvalho  
 Que a crescer começa viçoso;  
 Porque de astro benigno amparado,  
 E á formosa Silveira accostado,  
 Novos ramos brotando fecundo,  
 Com seus pimpolhos encha todo o mundo.

Porque de astro benigno amparado,  
 E á formosa Silveira accostado,  
 Novos ramos brotando fecundo,  
 Com seus pimpolhos encha todo o mundo,  
 Em honra do novo Carvalho,  
 Que a crescer começa viçoso;  
 Eu te bebo respeitoso,  
 Grato vinho generoso:  
 Repete a chusma  
 Dos convidados,  
 E as grandes taças,  
 Do Duriense: heor todas croadas,  
 Deixão lavadas:  
 É em tanto a plebe  
 Ebri-festiva  
 Beberricando,  
 Tapudiando,  
 Em leves pulos

DITHYRAMBO IX. 105

Ao ar saltava ,  
Bitendo a terra  
C' o solto pé ;  
E ululava , bramia  
Triambo , Dithyrambo :  
Evohe , Evohe.

Agora me sigo , Silvano dizia :  
Agora me sigo , tambem Pão dizia.  
E sobre qual delles primeiro faria  
D'hum novo prolfça respeitosa off'renda,  
Entre ambos se move estrondosa conten-  
Até que Lyeo (da.  
Que a grão rixa vio , O  
Assim decidio.  
Em tão fausto dia  
Não haja pendencia  
Que a paz nos perturbe ,  
Que o prazer nos turbe :  
Brindemos todos  
Sem preferencia.  
E pois Silvano  
Fallou primeiro ,  
Em brindar seja  
Pão derradeiro.  
Com tal decisão  
Lançou logo mão  
De hum borrachão  
O Nume campestre.  
Oh ! vinho suave ,

106 DITHYRAMBOS. I

Oh! ambre desteito,  
 Que na Vidigueira  
 Orvalho generosa videira,  
 (C' o vinho fallando  
 : odms Silvano exclamava)  
 Como teu lume  
 O peito inflamma-me,  
 Da mente affia-me  
 O subtil gume,  
 Porque possa  
 E repossa  
 Celebrar  
 E louvar,  
 Oh Esposos gentis, a gloria vossa!

A  
 Dos mimos cercado  
 Já ve o dija vejo  
 O Esposo extremoso,  
 Que ardendo em desejo  
 Procura animoso  
 A Esposa gentil.  
 De encantos cercada  
 Já ve o dija vejo  
 A Esposa formosa  
 Que chea de pejo  
 Equiva medrosa  
 O Esposo gentil.  
 Amor que os inflamma,  
 Hymeneo que os guias,  
 Soprai vossa e chamas.

DITHYRAMBO IX. 107

Triunfem Desejos,  
E tujão os Pejos,  
Amor! Hymeneo!  
Ah! não demores  
C' o prazer seu  
A nova ordem dos grandes soccessores.  
Porque assim seja,  
E Lysia veja  
Comprido o fausto agouro,  
Despejo alegre o empantufado couro.

Porque assim seja  
E Lysia veja  
Comprido o fausto voto  
Este puro licor bebo devoto:  
Repete a chusma  
Dos convidados,  
Embarcando cada hum veloz contente  
O vaso cheo do licor ardente.

Seguiu-se Páo,  
Que assim dizia:  
Venha hum quartão  
De roixo vinho,  
Que os vagos ares  
Todos perfume,  
Que borbulhe, q' ferva, que escume.  
Ah! traze-me d'essa brilhante triaga,  
Barbiponente ligeiro Sileno,  
Que da Anadia

108 DITHYRAMBOS. Q

Os cheirosos lagares alaga,  
 Que os tristes cuidados,  
 Veneno da vida,  
 Sumerge, dissipa, anniquila, e estraga.

D'esta tiorba  
 Ao som suave  
 Da linda Esposa,  
 Do guapo Esposo,  
 As ternas graças,  
 O gesto vivo  
 Descantarei,  
 Celebrarei:

Ella he Cyprina,  
 E elle Gradivo. (mente,  
 Mas porque mais e mais se inflamme a  
 D'ambos em honra  
 Este grão vá....  
 Este grão vá....  
 Este grão vaso empunho reverente.

Disse: e de ardente sede e prazer cheio,  
 D'hum sorvo o levou até ao meio,  
 Então descançando  
 E o quartão pousando,  
 Assim continúa  
 Na pratica sua:

Gentil Donzella,  
 Tu hes mais bella,  
 Que a Ninfa ingrata,  
 Que ainda em longo arbusto cõvertida,

Fera homicida  
De amor, de saudades me mata.

Nas tuas faces  
Rubras, formosas

Trazes as rosas:

Na boca trazes

Perolas, cravos:

E na garganta,

Que a vista encanta,

Tens os jasmims,

Tens mogarins.

Gentil Esposo,

Quando te vejo,

Quanto te invejo!

Tu tantas flores

Na companhia

De mil Amores,

Tu, venturoso,

Tu colherás.

Ah que ambos sois

De Marte e Venus

Retrato vivo:

Ella he Cyprina,

E tu Gradivo.

Mas porque mais o jubilo se augmente,

Em que meu peito trespordar se sente,

Em honra vossa,

Oh venturosos

Ternos Esposos,

O grão vaso despejo reverente.

110 DITHYRAMBOS.

Mas porque mais o jubilo se augmente,  
Ei que meu peito trespord r se sente,

Em honra vossa,

Oh venturosos

Ternos Esposos,

O grão vaso despejo reverente :

Repete a chusma

Dos convidados,

E as grandes taças

Todas enxugão.

E a plebe que em torno bailava,

Evohe pulando gritava,

Evohe.

Evohe.

O velho Sileno

Que em tanto matreiro

Hum vaso apòs outro

Sorvia e bebia

Sem tregoa lhe dar,

Agora que a solemne vez lhe toca

De beber e brindar,

Antes que falle dando huma risada,

Aos ledos commensaes assim palrava :

Redomas e copos,

Garratas e frascos,

Intusas, quartões,

Picheis, borrachões,

Odres e potes

Vasos são para mamotes.

DITHYRAMBO IX. III

Eu quero hum grande tonel,  
Para nelle de vinho tartar-me,  
Mergulhar-me, lavar-me, ensopar-me.

Venha d'esse villãozão,

Em que se entrasca

E se encarrasca

O sordido Gallego nas tavernas:

Que o faz ondear,

Bailar e saltar,

Gritar e cantar:

Pois quando as guélas me lava,

E o padar me pica e trava,

Nos gorgomilos

Tão suaves cocegas sinto,

Que de ri... Que de ri...

Que de riso me sinto estalar.

Em honra vossa, felices Esposos,

Eu todo o sorverei por hum funil:

E por mais não tardar,

Já sofrego o começo a despejar.

A rustica turba

Que cabriolava

Festiva de em torno;

E de quando em quando

A boca applicava

Da pipa ao torno;

Em quanto o tonel

O velho espichava,

Evohe clamava,

Evohe.

Evohe.

Neste ensejo o brincão Deos  
 Assim brada : Amigos meus ,  
 Aqui ha da Cuba  
 O liquido alambre ;  
 O grato , o puro ambre ,  
 Que goarda na cuba  
 Feliz Lamarosa :  
 Aqui da Anadia  
 Sintilla o fumante  
 Elixir fragante ,  
 Que do Mondego nas saudosas fraldas  
 Gerááo vegetantes esmeraldas ,  
 Em cachos de jacin hos e amethystas .  
 Temos o vinho  
 De Fonte Arcada ;  
 E o affamado  
 De Taboado ;  
 E para mais requintes  
 Tambem o vinho temos  
 Da nobre Avintes ,  
 Com outros muitos  
 Hú branco, outro vermelho , outro lou-  
 Que em rios brotáo (to ,  
 As altas margens  
 Do turvo Douro .  
 Nem falta o tamoso  
 Rocio gostoso ,

DITHYRAMBO IX. 113

Que em Monção orvalhão  
Erguidas videiras :

Que na cor flamigera  
Excede da purpura  
O resplendor nítido,  
E no gosto é cheiro

Da divinal odorosa ambrosia  
Tem conseguido levar primasia.

A' saude dos novos Esposos

Poderá cada qual gostar,

E beber,

E tostar,

Rebeber,

Retostar

O que mais grato for a seu padar.

Eia pois, amigos, a elles :

Eia amigos, a elles, a elles !

Neste de vinhos diluvio cheiroso,

Nesta corrente de humor precioso

A boca, a lingua, as entranhas lavemos,

E até cair a grão sede matemos :

Que em seu tempo e lugar perder o siso

He, parceiros, prudencia, e he juizo.

Eia pois aos vinhos, amigos !

Sem cerimonia,

E comprimto,

Que nojosa torna a mais leda assembléa.

Sem medida, sem regra

Aos Consortes brindemos.

Fuja a negra,

114 DITHYRAMBOS.

A voraz melancolia ;  
Reine entre nós festival alegria.  
Viva a Esposa gentil , o Esposo viva !

Viva a Esposa gentil , o Esposo viva ,  
Repere a chusma  
Dos convidados ;  
E em pé alçados ,  
Alvoraçados ,  
Alboratados ,

Hum gritava , da Cuba me tragão  
O alambreado licor refulgente ;  
De Monção pelo vinho excellente  
Outro pinchando bradava contente ;  
Outro cantando com voz sonora

Da Lamarosa

Ora pedia

O puro vinho ,

Ora o famoso

Lá da Anadia :

E retòçando , bebendo e cantando ,

A grande folia

A selva de em torno

Retumbar fazia .

Quando Sileno ,

De esgotar acabando

A aze da zurrapa da bojuda pipa ,

Os vegos olhos

Arregalando ,

DITHYRAMBO IX. 115

E balançando ,  
Dos Consortes em louvor assim dizia :

Generoso Daun  
Silveira bella ,

A quem hoje de Baccho o filho ingéte,  
O suspirado gentil doce Hymeneo ,  
Para gloria e prazer da Lusa gente ,  
Guiado de propicia e fausta estrella ,  
Com casto nó benigno ajúta e prêde :  
Vivei em santa paz sempre ditosos  
Immensos dias , annos numerosos ,  
Dando de vós os fructos desejados ,  
Que Thalasio , que os Fados  
Ha tanto á Lusitania tem traçados.  
Chegue a dourada Idade ,  
A nova ordem de têpos: d'alta fama. . .

Arrebatado

E transportado ,

Vejo, sim, vejo (crede-me, oh profanos!)  
Descer do seio dos brilhantes astros  
Nova immortal Progenie ,  
Os grandes Successores ,  
Que robustos pisando a grande estrada,  
Que trilhárão gloriosos  
Os Carvalhos famosos, (zes,  
Os Daús, mais os Silveiras, Sás, Mene-  
Hás rompendo Mahometicos arnezes,  
Outros ao som da lira descantando  
Seus feitos portentosos ,

Outros em fim dictando  
 Ao mundo novas leis, e á patria cara,  
 Aos astros lhe realção,  
 De Fama coroada, a fronte altiva,  
 Fazem que o Tejo corra mais ufano  
 Que no Lacio correo hum tempo o Tibre  
 Feudo a cobrar do indomito Oceano.  
 Assim o tem o inexcrutavel Fado  
 Em seus Fastos de sua mão gravado:  
 Elle, rasgando do futuro a nevoa,  
 A' minha accesa, extasiada mente  
 Benevolo m'ò faz hoje patente.

Ah ferreo velho alado,  
 Rei dos annos voraz! vem mais ligeiro!  
 As negras bate tragadoras penas:

Os novos heroes traze.  
 Traze... porem q' he isto! o campo treme!  
 Estou no mar? estou na firme terra?  
 Ah! sim, no mar estou, e c' os marulhos  
 Sinto de arrebeçar, sinto os engulhos.  
 Ai que os pés me resvalão, e c' o peso  
 Me não rege a cabeça: sinto o caco  
 Vertiginoso: Bromio, Lysio, Baccho!

Eu tremo, eu me desmaio:  
 Ah! quem me pega: Bromio! eu caio, eu  
 Disse: e dos fumos, q' subtil exhala (caio!  
 O vinho trepador, a testa chea,  
 Sem mexer-se cahio na molle area.

Então a temulenta companhia

DITHYRAMBO IX. 117

Victor ! gritou ; e dando mil palmadas ,  
Soltou de riso grandes caquinadas.

Mas logo pouco e pouco  
Forão sem excepção todos cahindo ,  
Do muito vinho e grão sono vencidos ;

E a resonar entrarão  
Com tão grande ruido ,  
Que das palmeiras rás , nocturnos grillos,  
Que a cantar começavão ,  
Os importunos cantos não soavão. (1)

SE NÃO  
- 117 117

---

(1) Este Dithyrambo não chegou a publicar-se, nem ainda a dar-se ás Illustrissimas Pessoas, que forão causa d'elle se fazer.

## ODES ANACREONTICAS.

Nec, si quid olim lusit Anacreon,  
Delevit atas;

Horat. Libr. IV. Od. 8.

**N**A Collecção primeira achão-se as Odes 1. 2. 3. 4. 6. 10. 11. 18. 25. e 41: porem a lição do texto he bastante imperfecta, e carregada de variantes. Mais exacto e aperfeiçoado he o exemplar da Collecção segunda, o qual contem as primeiras 32 Odes. Este he o mesmo exemplar que o Poeta nos ultimos annos da sua vida havia retocado, e accrescentado com as ultimas 9 Odes; o qual nos foi communicado pelo Senhor Marechal de Campo Mathias José Dias Azedo, e nos servio para a presente Edição. He até escusado advenir, que nenhum uso se fez de innumeraveis copias mais ou menos fiéis, mas sempre incorrectas, que tem apparecido das Odes Anacreonticas de Diniz, nem tão pouco das que se imprimirão em 1809 bastantemente defiguradas n'humas Collecção de Poestas inéditas. Em quanto ás Variantes, não só omittimos todas as que se achavão na

primeira Collecção, que já o *Autor* havia despresado na segunda e terceira, mas algumas das poucas que elle ahí conservou. O contrario offerceria huma lição summamente empegada, e desagradavel.

## ODES ANACREONTICAS.

## I.

**D**E seguir no alto monte  
 Fatigado as bravas teras,  
 Huma fonte,  
 Que toldavão verdes heras,  
 E bordava o fresco prado  
 De junquillos,  
 De violas e tomilhos,  
 A buscar baixo appressado,  
 Por matar a sede ardente  
 Em a frigida corrente.

Quando Amor, que repousava  
 De Nigella no regaço,  
 Despertava  
 C' o rumor, que ao passar faço:  
 Ergue o rosto, e ao ver que eu era,  
 Quem buscando  
 Da fontinha o cristal brando,  
 Sua doce paz lhe altera;  
 Toma o arco, que deitado  
 Entre a relva tinha ao lado.

Huma seta, cuja ponta  
 Era de ouro o mais brilhante,  
 Nelle aponta.

Voa o raio penetrante ,  
E veloz me passa o peito.  
O Tiranno  
A ferida vendo ufano ,  
Com hum riso contrafeito ;  
Olha , diz , pastor grosseiro ,  
Se he Amor destro frecheiro.

E voltando-se a Nigella ,  
D'esta sorte continua :  
Ninfa bella ,  
A conquista será rua :  
A' tua ira , aos teus rigores  
Novo emprego  
Neste louco hoje te entrego :  
Morra em vão por ti de amores ,  
Soffra e cale o seu agravo ,  
Pois t'ó entrego como escravo.

Ai de mi ! que a deshumana  
Tomou bem esta doutrina ;  
Pois tiranna  
O meu mal , minha ruina  
Só deseja , só pretende.  
Improperios ,  
Crueldades , vituperios  
O servilla só me rende ;  
E de tão injusta sorte  
Só livrar-me póde a morte.

## ODES ANACREONTICAS.

## II.

**T**Urva a chuva as claras fontes,  
 Que risonhas murmuravão ;  
 E os ribeiros  
 Escumando caem dos montes ,  
 As campinas alagando ,  
 Que pouco antes lisonjeiros  
 De mil flores esmaltavão ,  
 Frescos Zephyros voando.

Brama o Noto , e enfurecido  
 Grossas nuvens envolvendo ,  
 Em seu seio  
 Nos esconde o Sol luzido.  
 Com estranha ligeireza  
 Rompe a Noute , e o manto feio  
 Sobre os campos estendendo ,  
 Cobre os peitos de tristeza.

Bella Eralia , em quanto irado  
 Brama o polo , o Ceo tropeja ,  
 Nyctileu ,  
 E de Chipre o Deos vendado ,  
 Seus prazeres derramando  
 No teu peito e peito meu ,  
 Da sua ira nos proteja ;

Torne o tempo alegre e brando.

Entre as taças , que derramão  
Hum suave e vivo fogo ,  
Os Amores

Ardem mais , e mais se inflâmão :  
Ao enxame dos Desejos ,  
Dos Desejos brincadores  
Livre o campo deixão logo  
Brandas Iras , falsos Pejões.

Eia pois não te demores ,  
Vem , Eralia , entre os meus bra-  
Nelles croe ( ços :  
O Prazer nossos amores.  
Reine o gosto e a alegria ;  
Pois ou vente , ou chova , ou troe ,  
Entre tão suaves laços  
He rosado sempre o dia.

## ODES ANACREONTICAS.

## III.

**D**Á-me o frasco, e dá-me a lira,  
 Que beber e cantar quero,  
 Oh bellissima Nigella,  
 Não de Marte acceso em ira  
 O estrago horrendo e fero:  
 Cantarei de Aglaia bella,  
 Beberei em seu louvor  
 De Thyoneo o bom licor.

Cantarei do gentil rosto  
 A suave formosura,  
 Cantarei que a natureza  
 Liberal nelle tem posto  
 Lirios, rosas, neve pura  
 Para idéa da belleza.  
 Beberei em seu louvor  
 Deste copo o bom licor.

Cantarei de seu cabello  
 Longo, fino, crespo, e louro,  
 Que já preso ou solto ao vento,  
 Faz que seja menos bello,  
 Menos rico o fino ouro,  
 Almas prende cento e cento.  
 Beberei do bom licor

Outro copo em seu louvor.

De seus olhos triuntadores  
 Cantarei, que o sol dourado,  
 Quando as luzes lhes admira,  
 Os brilhantes resplendores  
 A esconder corre appressado  
 Com vergonha, e cheo de ira.  
 Beberei do bom licor  
 Outro copo em seu louvor.

Da vermelha linda boca,  
 Onde as Graças tem morada,  
 Cantarei, que hum só sorriso  
 Dos que a vem a alma colloca,  
 Em prazeres encantada,  
 N'hum suave paraíso.  
 Beberei do bom licor  
 Outro copo em seu louvor.

Da columna cristallina,  
 Onde tanta formosura  
 Se sustenta, e se levanta,  
 Cantarei, que á neve Alpina  
 Leva a palma na candura.  
 Oh bellissima garganta!  
 Beberei do bom licor  
 Outro copo em teu louvor.

Que direi do gentil seio,

126 ODES ANACREONTICAS.

Onde o ninho , Amor, tens feito,  
Donde feres . e onde enlaças . . .  
Mas cantar delle receio :  
Tu , Amor , do branco peito ,  
Tu, que as sabes, conta as graças ;  
Que eu já bebo em seu louvor  
D'outro frasco o bom licor.

Do que esconde fina Hollanda ,  
E por fé humilde adoro ,  
Eu cantára , se pudéra ;  
Mas Amor calar me manda ,  
Pois misterios são que ignoro :  
Venturoso se os soubera !  
Beberei do bom licor  
Todo o frasco em seu louvor.

## O D E

## I V.

**J**A' batendo a roixa Aurora  
 De ouro as redeas sintillantes  
 Aos cavallos estellantes,  
 Veloz sae do Ganges fóra ;  
 E guiando o novo dia,  
 Enche a terra de alegria.

De rubins a fronte ornada,  
 E o regaço de alvas flores,  
 Pisa as nuves de mil cores  
 Das subtís auras cercada ;  
 E de lirios cobre os montes,  
 E de luz os horizontes.

Táo ditoso, alegre dia,  
 Branda lira, descantemos ;  
 Doces hymnos lhe cantemos,  
 Doces hymnos de alegria ;  
 Pois de Aglaia, Aglaia bella  
 Nasceo nelle a nova estrella.

Já rompendo o leve vento  
 Coroados de aureas flores  
 Se derramão os Amores  
 Pelos ares cento e cento,

128 ODES ANACREONTICAS;

Que mil circulos formando  
Seu alvergue andão cercando.

De Erycina o filho amado,  
Que o lustroso esquadrao guia,  
Vibra o arco de harmonia  
Nao de dura seta armado;  
E tocando aureo instrumento  
D'esta sorte prende o vento.

Bella e fresca em prado ameno  
He a rosa nacarada,  
De ouro e purpura esmaltada,  
Qual estrella em Ceo sereno:  
Mas mais frescas, mais formosas  
De teu rosto são as rosas.

Bella rompe, e bella brilha  
Da botrasca entre os horrores  
Com o manto de cem cores  
De Thaumante a gentil filha:  
Mas mais bella tu serenas  
De hum amante peito as penas.

A tormenta embravecida  
Ella aplaca alegremente,  
Ella traz do sol luzente  
A luz clara e apeteccida:  
Mas tu trazes no semblante  
Outro sol, que he mais brilhante.

Deixa pois , Aglaia bella ,  
 Que he já tempo , o leito brando :  
 Venhão teus olhos raiando ,  
 Qual da Aurora vem a estrella ;  
 Faça o rosto teu formoso  
 Este dia mais ditoso .

Vem , Aglaia , vem contente ,  
 Com teu rosto peregrino  
 Alegrar o triste Elpino ,  
 Que te aguarda impaciente ;  
 Que este dia n'aurea lira  
 A fazer eterno aspira .

## V.

**J**A' no Oriente  
 D'alva a Estrella  
 Risonha e bella ,  
 De alegres luzes  
 Croada a frente ,  
 Na aurea carroça  
 Vem desfazendo  
 A sombra grossa ,  
 Que a fea Noute  
 Triste espalhou .

Do alvo regaço ,  
 Entre esplendores ,  
 Fragantes flores

130 ODES ANACREONTICAS.

Lança em chuveiros  
O eburneo braço :  
E os passarinhos  
Com doces cantos  
Pelos raminhos  
Estão saudando  
Seu resplendor.

Neste almo dia  
Aglaia bella ,  
Que avara estrella  
D'esta ribeira  
Ha tanto havia  
Cruel roubado ;  
C' os olhos bellos  
O verde prado ,  
Floridos montes  
Torna a alegrar.

Colhei , Amores ,  
Mirtos e rosas :  
Colhei , formosas  
Ninfas do Tejo ,  
Conchas e flores :  
Ricas capellas  
Ledas tecendo ,  
Vinde com ellas  
As tranças de ouro ,  
Vinde , ennâstrar.

Ea que vos chamo  
Serei o guia :  
Assim dizia  
Amor voando  
De ramo em ramo.  
Então ao prado  
Veloz descendo ,  
Hum delicado  
De lindas flores  
Ramo teceo.

E a mi voltando ,  
Me diz : Elpino ,  
Feliz destino  
He hoje o teu :  
Parte voando ,  
A' Ninta bella  
Leva este ramo :  
Dize , que a ella  
Por ti lh'o envia  
O mesmo Amor.

## ODES ANACREONTICAS.

## VI.

**J**A' vem a primavera  
 Os prados matizando ,  
 De verde murta e de hera  
 As selvas coroadando ;  
 E as aves entre as flores  
 Renováo docemente os seus amores.

Venus em companhia  
 De mil Ninfas formosas ,  
 Pela selva sombria (1)  
 Colhe lirios e rosas ,  
 Com que os longos cabellos  
 Destramente ennastrando faz mais bellos.

Os Risos , a Alegria ,  
 Os Brincos a acompanháo ,  
 E sobre a fonte fria  
 Voando as azas banháo ;  
 Que logo sacudindo ,  
 De branco orvalho a Deosa vão cobrindo.

---

(1) Var. Citherea cercada  
 De mil Ninfas formosas ,  
 Pela selva intrincada

Hum delles ao parceiro  
Dentro nas agoas lança,  
Que voando ligeiro  
Delle a tomar vingança,  
Este de astucia cheio,  
Da branca Deosa foge ao branco seio.

Mil em torno adejando  
Das Ninfas peregrinas,  
Sobre ellas vão lançando  
Em chuvas as boninas;  
E as faces hum lhe toca,  
E o mais descomedido a linda boca.

Amor alegre vò  
Em repetidos giros;  
Ferido o vento sò  
Dos amorosos tiros;  
Ardem em vivas fragoas  
O bosque, o ar, as flores, Ninfas, agoas.

Zephyro suspirando  
A linda Cloris chama,  
Que travessa occultando  
Se vai por entre a rama;  
Mas ao vello impaciente  
Entre seus braços corre velozmente.

Os Faunos namorados  
As Melias vão seguindo,

134 ODES ANACREONTICAS:

Que contra seus agrados  
Brandas iras fingindo,  
Se metem de ardilosas  
Da selva pelas matas mais frondosas.

A doce liberdade  
Do campo affasta ufana  
A triste seriedade,  
Dos prazeres tiranna;  
Que leva em companhia  
A pesada e cruel melancolia.

O campo pois, oh Cloe,  
Solicitos busquemos;  
Antes que o tempo voe,  
Do tempo nos gosemos:  
Que huma parte da vida  
Aos brincos, e aos amores he devida.

Dos alemos frondosos  
A' sombra reclinados,  
Façamos venturosos  
Nossos doces cuidados;  
Antes que a idade breve  
Nos roube os gostos, e o prazer nos leve.

## O D E

## VII. LIRA

**O**H Lira das Graças amiga,  
 De Baccho, de Venus alúna,  
 Que zombas do tempo e fortuna,  
 Da ambição e do fansto inimiga,  
 Que em feliz ocio innocente  
 Pobre vives, mas contente.

As douradas cordas affina,  
 Cantemos de Aglauro a belleza;  
 Aglauro, em quem a Natureza  
 Ajuntou suave e benina  
 Graça, alinho e formosura  
 Aos encantos da doçura.

Em seus negros olhos formárão  
 Amores travessos morada,  
 E por sua a boca engraçada  
 Os Risos, as Graças buscarão:  
 De Abril nas faces formosas  
 Lhe florecem vivas rosas.

Seu cabello do evano excede  
 A fechada cor tão lustrosa:  
 Nelle faz Amor que gostosa  
 Huma alma se prenda e se enrede:

136 ODES ANACREONTICAS.

Que alí presa e cativa,  
Da prisão vaidosa viva.

A neve dos Alpes gelados  
O collo lhe fórma e garganta ;  
E os peitos , que tem graça tanta,  
São da mesma neve formados.  
Olhos que vellos merecem,  
De mais ver alí se esquecem.

De alabastro ou marfim brunido  
Torneou Natura seus braços ,  
Para serem gostosos laços  
De hum mortal de Amor escolhido.  
Oxalá que elle quizerá  
Que esta sorte me coubera !

Se seguindo accorde instrumento,  
Sólta a voz suave e sonora ,  
Como serea encantadora  
As almas prende , prende o vento,  
Circe tão activo encanto  
Nunca teve qual seu canto.

Cantemos pois , candida lira ,  
A sua immortal formosura ,  
E da maga voz a doçura  
Cantemos pois , candida lira :  
Rasgue eterno em teus accentos  
O seu nome os leyes ventos.

NOTA:

Esta Ode he quasi toda composta de versos enneasyllabos. Delles ha quatro diferentes especies. A primeira tem os accentos na terceira, quinta e outava syllaba. Taes são os seguintes versos de Cino de Pistoia:

Che s'accorse, ch'era partita,  
Chi mi porse quella ferita.

E taes são os desta Ode:

Seu cabelo do evano excede  
A fechada cor tão lustrosa.

A segunda especie leva os accentos na terceira, sexta e outava. Taes são os seguintes de Reddi:

Quel rubino ch'e il mio tesoro.  
De la terra tapeti vivi.

E taes os desta Ode:

D'alabastro, ou marfim brunido.  
Para serem gostosos laços.

A terceira leva os accentos na quarta e outava. Taes são os de Chiabrera:

A duro stral di ria ventura  
Misero me! son posto segno.

Taes os desta Ode:

Aglauro, em quem a Natureza.  
Como serêa encantadora.  
As almas prende, prende o vento.

A quarta e ultima especie leva os accentos

## 138 ODES ANACREÓNTICAS.

na segunda, quinta e outava. Tal he o seguinte de Loretto Mattei :

Di perle, di tremulo gelo.

**E taes são os da presente Ode :**

Oh Lira, das Graças amiga,  
De Baccho e de Venus alúna.

Este verso enneasyllabo faz boa união com o de oito syllabas, que são os ultimos de cada Estrofe, com a medição certa de levar em o accento na terceira e setima.

O D E

V III.

**P**Ois que o raivoso  
 Celeste cáo,  
 Como hum leão,  
 Por fauces, olhos  
 Chamas vibrando,  
 Vem abrasando  
 A terra e ceo: (.....)

Vem a meus braços,  
 Licoris bella,  
 E a fera estrella  
 Deixa que ladre  
 Em raiva accessa;  
 Pois que a defesa  
 Já pronta está.

Essa nevada,  
 Grão sorveteira  
 Abre ligeira,  
 Abre contente;  
 Que dentro nella,  
 Oh Ninfa bella,  
 Tu a verás.

De roixas ginjas

140 ODES ANACREONTICAS.

A doce calda ,  
Do Sol que escalda  
Ella defende.  
A fria neve ,  
Que a cerca , em breve  
Toda gelou.

Esta bebida  
Suave e pura ,  
Que na doçura  
Excede o nectar ;  
Que da amethysta  
Offrece á vista  
A grata còr ;

Só domar póde  
Os seus furores :  
Bebe , Licóres ,  
Bebe , e com ella  
Gostosa entria  
Do ardente dia  
O vivo ardor.

Que eu de teu seio  
Nos delicados  
Pomos nevados  
Apagarei  
A viva chama ,  
Em que me infláma  
Por ti Amor.

## O D E

## I X.

**J**A' a neve a calva fronte  
 Desempara  
 Do alto monte,  
 E a ribeira corre clara,  
 Que pouco antes enlodada,  
 Espumosa,  
 Furiosa,  
 Fervia,  
 Corria  
 Pelo campo arrebatada.

Já a Aurora no Oriente  
 Raia pura,  
 E refulgente (1),  
 Sem que grossa nuve escura  
 Entre sombras pavorosas  
 A luz clara  
 Cubra ávara;  
 E as aves  
 Suaves  
 A festejão armoniosas.

---

(1) O Poeta quiz talvez elidir o E por acabar o verso antecedente em vogal.

142 ODES ANACREONTICAS.

Já cantando , ao pasto usado  
Os pastores  
O seu gado  
Vão levando , que entre as flores  
Ora pasce , ora se espalha  
Pela selva ,  
E na relva  
Saltando ,  
Brincando ,  
As boninas enxovalha.

De fragantes flores finas  
A verdura  
Das campinas  
Se matiza , e na espessura  
Altas arvores , que os ventos  
Destolharão ,  
Estroncárão ,  
Brotando ,  
Lançando  
Ramos , folhas vão aos centos.

Torna Abril ; e a terra toda  
De alegria  
Se enche em roda.  
Só eu fico em agonia ;  
Pois sem ver , gentil Néera ,  
Teu semblante ,  
Porque amante  
Suspiro ,

Deliro ,  
Nasce em vão a primavera.

X.

**Q**ue não sou o vento brando !  
Que o cabelo  
De Licoris encrespando ,  
Brandamente o rosto bello ,  
Alvo collo , e as mãos lhe toca ,  
E o coral da linda boca !

Que não sou a fresca rama !  
Que zelosa ,  
Quando o sol a terra inflâma ,  
Com a sombra deleitosa ,  
Que na verde grama estende ,  
De seus raios a defende !

Que não sou a flor graciosa !  
Qu' ella colhe  
Na manhã fresca e saudosa  
Pelos prados , e a recolhe  
Em o seio cristallino ,  
Onde brinca o Deos menino !

Que não sou a verde relva !  
Que ella pisa ,  
Quando airosa pela selva  
Segue as feras , e matiza

144 ODES ANACREONTICAS.

De seu sangue as varias flores ,  
Rodeada dos Amores !

Ou o rio cristallino ,  
Onde banha

O seu rosto peregrino ,  
Quando desce da montanha ,  
No calor da sesta ardente ,  
A buscar sua corrente !

Feliz rama , aura serena ,  
Flor graciosa ,  
Verde relva , fonte amena !  
Vós a luz pura e formosa  
De seu rosto ficais vendo ,  
E eu me vou de amor morrendo.

Quando a virdes , por piedade  
De meus males ,  
Lhe contai minha saudade :  
Sim , dizei-lhe vós , oh valles ,  
Que a morrer leva o destino  
Deste campo o seu Elpino.

## O D E

## XI.

**J**Á pelo verde monte  
 De cachos coroado  
 Levanta a terva fronte  
 O outono desejado ;  
 E abranda docemente  
 O calor da terra ardente (1).

As vinhas resplendem  
 Das uvas matizadas,  
 Que aos olhos off'recem  
 Mil cores engraçadas ;  
 E os tímidos cultores  
 A Baccho dão louvores.

Hum do tecto affumado  
 Os cestos despendura,  
 Outro o ferro emborado  
 Affia á pedra dura ;  
 Outro os toneis limpando,  
 Em roda os vai raspando.

Entre as vinhas contente

Tom. III.

K

---

(1) *Veja a nota á Ode IX.*

146 ODES ANACREONTICAS.

Os cachos decepando,  
Ferve a rústica gente:  
E em chusmas desantando,  
Faz c'o som armonioso  
O trabalho gostoso.

Seguindo o lento guia,  
Das tinas carregado  
C' o peso o carro chia  
Dos tardos bois puxado,  
Deixando nas estradas  
As rodas sinaladas.

Nos cheirosos lagares  
Da Celeuma (1) o alarido  
Se espalha pelos ares,  
Do Eco repetido;  
Enchendo de alegria  
A rude companhia.

Ali a agreste gente,  
Os vasos coroando,  
Ao ar pula contente,

---

(1) Ainda que esta voz se costuma applicar á grita, que os Marinheiros fazem, excitando-se mutuamente com ella ao trabalho; a sua original significação he exprimir a grita alegre dos Vindimadores. Isaias cap. 16. v. 10. Jeremias cap. 48. v. 33.

Os Faunos imitando :  
 Ali dança Licóres,  
 Qual a Mãe dos Amores.

Na cava e chea pia  
 As uvas vai ligeiro,  
 Banhado d' alegria,  
 Pisando o lagareiro;  
 E ao bater da agul planta,  
 De Baccho as glorias canta.

Aqui sorvendo a escuma,  
 Que fermentando entorna  
 O licor que já tuma,  
 Na grande e chea dorna  
 Tinge hum de negro mosto  
 O seco adusto rosto :

Ali outro da mão  
 Pichel faz; e contente  
 N'hum velho cangirão  
 Bebe outro o çumo quente;  
 Outro correndo em torno  
 A boca applica ao torno.

Os Jogos innocentes  
 No vinho remolhando  
 As azas esplendentes,  
 Aqui andão voando;  
 A quem seguem ligeiros

Os Risos prazenteiros.

Aqui, Tirse, te chega:  
Tristes e vãos cuidados  
Aos ventos os entrega;  
Aos ventos denodados,  
Que os levarão n'hum ponto  
Alem do negro Ponto.

Aqui croando a fronte,  
Teu brando plectro fira  
Do terno Anacreonte  
A delicada lira:  
Aqui Amor cantemos,  
Aqui Baccho exaltemos.

## XII.

Ves, Lisio amado,  
Como branqueja  
Co' a neve o prado!  
Ves como alveja  
Do calvo monte  
A crespa fronte!

Como soprando  
O Noto frio  
Vai congelando  
O claro rio,  
E na floresta

As plantas cresta!

Em vão forrado  
De martas finas,  
Seu bato irado  
Vencer destinás:  
Que o sopro agudo  
Penetra tudo.

De Baccho ardente  
A ignea lança  
O inverno algente  
He quem amansa,  
Quem lhe faz guerra,  
Quem o atterra.

Tristes cuidados,  
Da vida algozes,  
Aos denodados  
Ventos ferozes,  
Meu Lisio, entrega;  
E aqui te chega.

A' branda chama,  
Que em secos troncos  
Arde e se inflâma,  
Do Noto os roncós  
Escutaremos,  
E beberemos.

Vinhos e cidra  
 Prontos estão ;  
 Do inverno a hydra  
 Estroncarão :  
 Quaes tu quizeres ,  
 Quaes escolheres .  
 Voão os annos ,  
 E o tempo leve  
 Cobre de danos  
 A vida breve ,  
 Que por fim sega  
 A morte cega .

Passa o prudente ,  
 Que a razão preza ,  
 Vida contente ,  
 Pois com tristeza  
 Atormentalla ,  
 He encurtalla .

Ou da riqueza  
 No molle seio ,  
 Ou da pobreza  
 No gremio feio ,  
 E da desgraça ,  
 Ella em fim passa .

E igual a Parca  
 De hum pobre a vida ,

E a de hum Monarca  
Corta insoffrida:  
E ao Rei e ao pobre  
A terra cobre.

## XIII (1).

ιστοριον

**A** Minha Lira,  
Que n'outro tempo  
Heroes cantou;  
Subitamente,  
Aglauo bella,  
O som mudou.

De invicto peito  
Cantar pertendo  
Raro valor:  
E a lira terna,  
Da mão ferida,  
Só canta Amor.

Mudo-lhe as cordas,  
Os pontos mudo;  
Mas he peor.

---

(1) Esta Ode he huma excellente imitação da de Anacreonte εις λυραν. Começa θελω λέγειν Ατρεΐδας.

Pois ao tocalla,  
Tenaz repete  
Amor, amor.

De Marte os louros,  
Com que algum dia  
Tanto se honrou,  
Por tenros mirtos  
De Citheréa  
Hoje trocou.

Desta mudança  
Em ti a causa  
Devo suppor:  
Pois desde a hora,  
Que vi teus olhos,  
Só vejo amor.

Deixemos pois  
Da brava guerra  
O fero horror:  
E só cantemos  
As brandas iras  
Do brando Amor.

## O D E

## XIV.

**P**Elo campo hum dia  
 Livre de receio  
 Aglauro tecia,  
 Para ornar o seio,  
 Hum ramo engraçado  
 Das varias boninas,  
 Que juncão o prado.

Amor, que entre as flores  
 Brincando voava  
 Com os mais Amores,  
 E pronto espiava  
 Da Ninfa o intento,  
 Huma trama lhe urde  
 Subtil, fraudulento.

Por entre as boninas  
 Se mete atrevido:  
 Então escondido,  
 Entre as flores finas(1),

---

(1) Seria preciso trocar estes dous versos 3.º e 4.º para a uniformidade da rima; á qual o Author não attende em outros lugares, como a pag. 161, 165, 167 &c. & no que (ou isto seja negligencia ou liberdade Poetica) teve elle por si alguns dos nossos bons Poetas antigos.

154 ODES ANACREONTICAS.

Por pôr-se em seu peito ,  
Astuto se torna  
N'hum amor perfeito.

Ella , que o engano  
Não teme , não sente ,  
No ramo o tiranno  
Prendeo innocente.  
E no peito posto ,  
Amor em beijallo  
Se ceva a seu gosto.

XV.

**O** Utro cante embora ufano  
O destroço ou as victorias  
Do fanatico Orhomano :  
Que eu á vista deste frasco ,  
Deste são , puro elixir ,  
Nada curo do Visir.

Ou as Aguias generosas ,  
Ou as Caudas de cavallo  
Sejão , ou não victoriosas ,  
Isso a mim nada me toca.  
Só me toca esta ambrosia ,  
Viva fonte de alegria.

Doce vinho , que no Porto  
Doces uvas espremerão :

Doce vinho , em quem conforto  
2 De prazeres e de graças  
Hum tesouro achar espero ,  
De ti só cantar eu quero.

Se feroz do polo algente  
Noto sae alinevoso ,  
E nos corta cruelmente  
Mãos e faces engelhadas ,  
Tu hes só quem na tormenta  
Lhe resiste , e nos aquenta.

Se da Noute tenebrosa  
A Tristeza afflicta filha  
Nos ataca , e furiosa  
Nos abate e attribula ,  
Tu com tua valentia ,  
Tu nos tornas a alegria.

Cante pois outro severo  
Em tom alto e magestoso  
O furor de Marte fero ;  
Que eu ao som de Achiva lira  
Cantarei suavemente  
Teu valor ignipotente.

## ODES ANACREONTICAS.

## XVI.

**A**Mor, que fugia  
 De Venus formosa,  
 Que irada e raivosa  
 Veloz o seguia,  
 Contra seu furor  
 Assustado buscava favor.

Até que encontrando  
 Com Aglauro bella  
 Amor, corre a ella  
 Alento tomando.  
 Em seus olhos quiz,  
 Mas em vão, esconder-se o infeliz.

Que a Ninfa, que esquivava  
 O seu cruel fogo,  
 De bronze a seu rogo,  
 D'este asylo o priva:  
 Os olhos fechou,  
 E o triste sem protecção deixou.

Amor conaternado  
 Em tanta afflicção  
 Em meu coração  
 Se mere appressado:

Mas mal nelle entrou,  
Hum voraz fogo ali ateou.

Em seu vivo ardor  
Me sinto abrasar  
Sem remedio achar:  
Se Aglauro de Amor  
Não tem compaixão,  
Que esperar deve o meu coração?

## XVII.

**H**Uma pomba, mais que a neve  
Branca e bella, rodeava  
A aurea lira, que eu tocava;  
E cruzando solta e leve  
Huma e outra vez o vento,  
C'o biquinho do instrumento  
Mansa as cordas me feria  
Com suavissima armonia (1).

Eu ao vella tão mansinha

- 
- (1) Huma pomba, mais que a neve  
Branca e bella, me saltava  
Sobre a lira que tocava.  
Hia e vinha solta e leve,  
Sem temor rasgando o vento:  
E c'o bico do instrumento  
Meiga as cordas me feria  
Com suavissima armonia.

De huma vez a mão estendo,  
E ao fugir veloz a prendo:  
D'a gentil branca pombinha  
Ter caçado satisfeito,  
Dentro a meto no meu peito:  
Mas, ai triste! de repente  
Se tornou n'huma serpente.

A farpada cauda então  
Me terrou no esquerdo lado,  
E d'ali tem derramado  
Seu veneno ao coração.  
Era, Aglauro, Amor tiranno  
Que tramou tão feo engano,  
Para que eu ardesse vivo;  
Porém tu foste o motivo.

## O D E

## XVIII.

**E**Ssa linda borboleta  
De cem cores esmaltada ,  
Que em mil giros inquieta  
Destas rosas namorada ,  
Ora as cerca , ora bateja ,  
Ora as pica , morde , ou beija .

He hum vivo emblema claro  
Do que sinto , amado emprego ;  
Sim , oh Clori , eu t'ó declaro ;  
Borboleta sem socego  
He meu terno coração ;  
Os teus labios rosas são .

## ODES ANACREONTICAS.

## XIX.

**A**Mor, que ouvir desejava  
 Das Musas a melodia,  
 Ao Pindo subir queria;  
 Mas de subir receava:  
 Pois ao vellas tão esquivas,  
 As temia vingativas.

Longo tempo vacillou  
 Entre o desejo, e o receo:  
 Em fim de seu valor cheo  
 Occulto ao monte voou.  
 Mas rapaz travesso, esperto,  
 Como estaria encoberto?

Qual relampago brilhou  
 Por entre a rama virente  
 De seu facho a luz ardente,  
 E o monte todo assustou:  
 As Musas se alboratárao,  
 E para o punir se armárao:

Toda a floresta intrincada  
 Com subtil rede cingirão,  
 E arditos a cobrirão  
 Com a rama levantada.

Amor, que não tem cautela,  
De improvizo cahio nella.

A' rede as Musas corrêrão,  
E as tenras mãos delicadas  
Com cadeas lhe prendêrão  
De niveos jasmims formadas:  
Rente as azas lhe cortárão,  
Arco e setas lhe quebrárão.

Depois de assim espancado,  
Sem ouvir suas razões,  
O deixáo com mil baldões  
D'hum rosal ao tronco atado:  
Suspitar, bradar ao Ceo,  
De nada ao Amor valeo.

As liras então velozes  
Tomando cheas de gloria,  
A cantar sua victoria  
Se dispõem em altas vozes:  
Mas em vão, que a seus accents  
Não convem os instrumentos.

Huma e outra vez concertáo  
As liras de ouro esmaltadas;  
Mas co' as notas levantadas  
Por esta vez não acertáo:  
Com as notas, de que usaváo  
Quando só Heróes cantaváo.

Em vez dos sons magestosos ,  
 Que de gloria o peito inflâmão ,  
 Huma e outra vez derramão  
 Huns accentos maviosos ,  
 Que provocão a ternura  
 Do monte a penha mais dura.

Hum brando ardor de repente  
 Se espalhou pela montanha :  
 Hum fervor , huma ancia estranha  
 Em toda a parte se sente ;  
 Hum confuso sentimento ,  
 Que he prazer , e que he tormento.

De tão raras maravilhas  
 Attonitas , admiradas ,  
 Por algum tempo assustadas  
 Ficão da Memoria as filhas ,  
 A que até ali notoria  
 Só fora a paixão da gloria.

Mas que era Amor o motivo  
 Destes prodigios no Pindo  
 Pouco depois reflectindo ,  
 Soltar vão o moço esquivo :  
 Do monte mandão que deça ,  
 Que ali mais não appareça.

Mas Amor , que nesta empresa  
 Perdera ditosamente

Com as penas juntamente  
A inconstancia e a leveza ;  
E preso das Musas bellas ,  
Só feliz se cre com ellas :

Lança-se a seus pés ligeiro ,  
E com rogos e ternura  
Lhe pede , protesta e jura  
Ser seu fiel companheiro ;  
De as seguir sempre contente  
A' sua voz obediente.

D'aqui vem que em toda a parte  
Amor co' as Musas se mira ;  
Que elle em seus cantos inspira  
Novas graças e nova arte :  
Que em vão quer sua armonia  
Sem Amor a Hypocrisia.

## ODES ANACREONTICAS.

## XX.

**D**E meu triste cuidado  
 Na triste companhia  
 Passeava o outro dia  
 Por hum ameno prado :  
 Quando a meus pensamentos  
 Interrompem o fio  
 Huns languidos lamentos ,  
 Que de hum bosque sombrio  
 Tão sentidos sahirão ,  
 Que a alma me ferirão .  
 De compaixão tocado ,  
 Ao mato espesso corro ,  
 Por ver se algum soccorro  
 Dar posso ao lastimado .  
 E pouco andado havia ,  
 Quando vejo hum menino ,  
 Que junto á margem fria  
 De hum rio cristallino ,  
 As agoas lhe augmentava  
 C'o pranto que exhalava .  
 Delle pego piedoso ,  
 E o levanto ao meu collo :  
 Nelle o beijo , e o consolo ,

E seu rosto mimoso  
Ao rosto meu ajunto :  
Quem he, e o que fazia  
Tão cheo de agonia ,  
E tão só , lhe pergunto ,  
Naquellas brenhas teras ,  
Covil de brutas teras.

Amor sou , respondeo ,  
Amor , a quem desterra  
A tão distante terra  
O cruel Destino seu.  
O meu genio imprudente ,  
Ligeiro e revoltoso  
Entre esta inculta gente  
Me conduzio vaidoso.  
Triunfar della esperava :  
Mas quanto me enganava !

Entre os homens procuro ,  
Apenas aqui chego ,  
Protecção ou emprego.  
Em vão de os servir juro  
Em tudo obediente ,  
Que em nenhum acho abrigo.  
De meu braço potente  
A força então lhe digo ,  
Que a Amor tudo obedece ;  
Mas nenhum me conhece.

Em fim desenganado  
 De achar nelles soccorro,  
 Entre as mulheres corro  
 Por achar gasalhado;  
 Pois por experiencia  
 Achei que a Natureza  
 De ternura e clemencia  
 Dotou sempre a belleza.  
 Mas nesta estranha terra,  
 Quem assim pensar, erra.

Ellas que assim me vião  
 Tão nú e tão despido,  
 Que excellente vestido!  
 Por mófa me dizião.  
 Da apparencia, que encobre  
 A muitos, enganadas  
 Julgavão-me por pobre,  
 E contra o pobre iradas,  
 Fóra pobre, clamavão,  
 E as portas me fechavão.

Vendo-me sem piedade  
 De todos espancado,  
 Corrido e envergonhado  
 Fujo a cruel cidade.  
 Minha triste ventura  
 Choro aqui escondido;  
 De minha vá loucura,  
 Mas tarde, atrepellido:

Eis porque tão sozinho  
Me vês, e me amesquinho.

De tanto desamparo  
Eu então condoido,  
Lhe off'reço enternecido  
Em meu alvergue amparo.  
Amor o aceita grato:  
E eu pela mão o trago.  
E movido do affago,  
Dos mimos com que o trato,  
Me jura, oh Lilha impia,  
Punir tua tirannia.

## XXI.

**D**A-me, Aglauro, essa pôcheira  
D'ouro e flores esmaltada,  
Que na China celebrada  
Destra mão pintou ligeira.  
Da-me o frasco refulgente,  
Onde, qual topazio, brilha  
Do Brazil pura agoa ardente,  
De aureas canas aurea filha.

Não te esqueça o refinado,  
Tento açúcar, mais seletto  
Que o mel de Hybla, que o de Hy-  
Dos Poetas tão gabado: (metto,  
Nem tambem a fructa bella,

168 ODES ANACREONTICAS.

Agra sim , mas doce e grata ,  
Que de timida donzella  
Os gentis peitos retrata.

Traze agoa , e quente seja :  
E se o inverno desabrido ,  
De crueis tufões seguido ,  
Solto ronca , e se esbraveja ,  
O bom ponche aqui façamos ;  
O bom ponche , que despresa ,  
Quando Noto estala os ramos ,  
De seus batos a cueza.

Em brilhantes , limpas taças  
Aqui ambos o bebamos ,  
E do inverno escarneçamos  
O furor e as ameaças.  
Coroados de hera e flores ,  
Tu de Amor doces empresas ;  
E eu , de Baccho entre os furores ,  
Cantarei suas proezas.

## O D E

## XXII.

**J**A' do sol o raio ardente,  
As campinas abrasando,  
As boninas vai crestandô,  
E as hervinhas juntamente,  
De que Flora matizados  
Tinha os montes, tinha os prados.

As ribeiras, que engrossadas  
Pelas chuvas cristallinas  
Alagavão as campinas,  
A seus leitões já tornadas,  
O furor, com que corrêrão,  
Com as agoas já perdêrão.

E os curvados segadores,  
Em suor todos banhados,  
Vão cortando os trigos grados,  
Que esmaltados de mil flores  
Pouco havia verdejavão,  
E prazer aos olhos davão.

Lilia minha, Lilia bella,  
De meus olhos doce encanto,  
Em quanto arde o sol, e em quan-  
do ceeste cão a estrella, (to

Deste bosque á sombra fria  
Passaremos ledo o dia.

Eu de murtas mil capellas  
Tecerei, e tu de louro:  
Eu as ricas tranças d'ouro  
Te ornarei, Lilia, com ellas,  
Tu com ellas juntamente  
Me ornarás, meu bem, a frente.

Eu tocando a eburnea lira,  
Tu soltando a voz sonora,  
Quando raia a roixa Aurora,  
Quando o dia se retira,  
Nosso amor celebraremos,  
Nosso amor feliz faremos.

Destramente entrelaçados  
O meu nome e o nome teu,  
Creceirão ao alto Ceo  
Em seus olmos entalhados:  
Creceirão nossos amores  
Doce exemplo aos amadores.

## O D E

## XXIII.

**A**urea lira , lira amada ,  
Deixa em paz altos loureiros ,  
Com que a fama dos Guerreiros  
Já croaste desvelada :  
Tenros mirtos pede agora  
Ao suave Anacreonte ,  
Com que ornar possas a fronte  
De Neéra encantadora.

Se em brilhante companhia  
Ella luz , ella apparece ,  
Qual o sol quando amanhece ,  
Enche tudo de alegria :  
As mais Ninfas , bem que bellas ,  
Fazem campo aos seus primores ,  
Como á rosa as outras flores ,  
Como á lua as mais estrellas.

Se ella os passos com destreza  
Move ao som de aureo instrumêto ,  
Sobre as azas pára o vento  
Só por ver-lhe a ligeireza.  
Se em accentos mil suaves  
Solta a voz ao doce canto ,  
Emmudecem com espanto

172 ODES ANACREONTICAS.

Por ouvilla as ternas aves.

Tem na boca , quando falla ,  
Tal doçura , tal agrado ,  
Que o mel de Hybla tão prezado  
De suave a não iguala :  
As tres Graças , quando a virão ,  
Por morada a procurarão ,  
E depois que alí entrarão ,  
Nunca mais dalí sahirão.

Falle em fim , ou baile , ou cante ,  
Qual a Deosa de Cithera ,  
Dos que a vem nos peitos gera  
Mil amores n'hum instante.  
Eia pois , oh lira de ouro ,  
Tenros mirtos procuremos ,  
E com elles lhe enastremos  
O cabelo ondado e louro.

## O D E

## XXIV.

**J**A' que o Inverno  
 Do sol que nasce  
 A roixa face  
 Cobre veloz ,  
 E envolto em nuves  
 Aquilão rigido  
 Do polo frigido  
 Ruge feroz :

Bebamos, Mysis ,  
 Desta amethysta ,  
 Que he grata á vista  
 E ao paladar.  
 Deixa que mófe  
 O vulgo estolido ,  
 Que allivio solido (1)  
 Nella has de achar.

Depois que em frascos  
 Foi encerrado (2)

- (1) Var. Censor estolido ,  
 Que hum prazer solido  
 (2) Var. Dês que em cristaes  
 Está lacrado

Já tem passado  
 Vindimas aés.  
 Contra os furores  
 Dos ventos tumidos,  
 Dos ares humidos  
 He forte arnez.

Do Luso Baccho  
 Potente lança  
 Por terra lança  
 O triste humor.  
 Ao varão serio  
 Jocosos e lepido,  
 Ao fraco intrepido  
 Faz seu furor.

No Lavradio  
 Foi espremido,  
 Vinho he subido  
 Dos vinhos flor.  
 Elle restaura  
 Forças invalidas,  
 E as faces pallidas  
 Dá viva cor.

Se em viva guerra  
 Amor cansado  
 Jaz desmaiado,  
 Sem forças já:  
 Para a peleja,

Elle magnanimo  
Esprito e animo  
Pronto lhe dá.

Nelle montado  
Gentil Poeta  
Do Pindo á meta  
Póde voar :  
Que hum vinho puro  
Mais que o flamigero  
Pegaso aligero  
Sabe trotar.

Eia bebamos,  
Mysis galante,  
De tão brilhante  
Almo elixir :  
E verás logo  
O Inverno hispido,  
Que ronca rispido,  
Veloz fugir.

Inda encerrado  
Lá nas redomas,  
Olha que aromas  
Lançando está.  
No cheiro, Mysis,  
Vence as riquissimas  
Drogas finissimas  
De Asia e Sabá.

176 ODES ANACREONTICAS.

Ah! bebe, e o dia  
Triste e turbado,  
Almo e rosado  
Verás tornar.  
Verás Amor  
E as Graças floridas  
Das copas roridas  
Junto adejar (1):

Ellas dos vòos  
Cheas de gosto,  
Ninfa, em teu rosto  
Repousarão.  
E o Deos tiranno  
De setas gravido,  
Buscará avido  
Meu coração.

Ó

---

(1) Var. Amor em torno  
Das copas roridas  
E as Graças floridas  
Verás soar.

## O D E

## X X V.

**D**E suor todo banhado,  
 Anelante, espavorido,  
 De Amathunta entra Cupido  
 No alcaçar venerado:  
 E a formosa mái ao vello,  
 Corre afflicta a recebello.

Em seu collo o toma anciosa,  
 Nelle o abraça ternamente;  
 E de algum grave accidente,  
 Lhe pergunta, receosa:  
 „ Meu Amor, meu filho amado,  
 „ De que vens tão assustado? „

„ A huma pomba, que cortava  
 „ ( Amor diz ) ligeira o ar,  
 „ Para, Venus, te offeriar,  
 „ Lá no bosque a rede armava:  
 „ Quando a mi da mata espessa  
 „ Cerval lobo se arremessa.

„ De temor então cortado,  
 „ Largo a rede sobre a relva;  
 „ E por entre a basta selva  
 „ A fugir entro appressado:

178 ODES ANACREONTICAS.

„ Mas a fera carniceira  
„ Apòs mi corre ligeira.  
  
„ Táo feroz e com tal ancia  
„ A cruel me perseguia ,  
„ Que sem forças já me via :  
„ E a não ser breve a distancia ,  
„ Sem valer-me a ligeireza ,  
„ De seus dentes tóra presa. „  
  
„ Porque as seras não vibraste ,  
„ Filho meu , para rendella ? „  
„ Não as tinha , Venus bella. „  
„ Pois ai triste! onde as deixaste? „  
„ Da gentil Marilia , ao vellos ,  
„ As deixei nos olhos bellos.

XXVI.

**E**M seus cabellos  
Negras violas  
Tem o meu bem ;  
Nas mãos pequenas  
Tem açucenas ,  
E lírios cem :  
Flores tão lindas  
Abril não tem.

Em sua boca  
Vermelhos cravos

Abrir se vem :  
 Purpureas rosas  
 Tem nas formosas  
 Faces tambem :  
     Flores tão lindas  
     Abril não tem.

No niveo seio  
 Oh que de flores  
 Brotando vem !  
 Brancos jasmims,  
 Mil mogarins,  
 Lirios tambem (1):  
     Tão lindas flores  
     Abril não tem.

Flores tão frescas  
 Oh quem colhêra !  
 Oh Ceos ! oh quem !  
 Mas mil Amores  
 Tão frescas flores  
 Em goarda tem (2).  
     Quem as colhêra !  
     Oh Ceos ! oh quem !

M ii

- 
- (1) Var. Entre os jasmims  
 Os mogarins  
 Brotão tambem.
- (2) Var. Tão lindas flores  
 Vigião bem.

## ODES ANACREONTICAS.

## XXVII.

**A** Glaia bella,  
 Unico objecto  
 Da minha lira,  
 Do meu affecto:  
 Eu não cobiço  
 Metaes brilhantes,  
 Pérolas netas,  
 Rubins, diamantes  
 Filhos do sol.

Só ver teu rosto:  
 E quando o vejo,  
 Se ceva em vello  
 O meu desejo.  
 Se vello brando  
 A Amor mereço,  
 Que o rico Midas,  
 Que Attalo ou Cresso  
 Mais feliz sou.

Em teu cabelo  
 Ondado e louro  
 Sintillar vejo  
 Mil fios de ouro.

Vejo em teus olhos  
Vivos, brilhantes,  
Quando os contemplo,  
Dos diamantes  
A luz brilhar.

Perolas alvas  
Vejo nos dentes,  
Rubins nos labios  
Resplendecentes.  
Tanta riqueza  
Ah! quando a vejo,  
De vella pago,  
Mais não desejo  
Que a possuir.

Põe-me onde a neve  
O mar entrea,  
Põe-me onde ferve  
C'o sol a arêa.  
Esta alma minha  
Em toda a parte,  
Aglaiia bella,  
Ha de adorar-te  
Sempre fiel.

Se qual promettes  
Constante me amas,  
Verei contente  
O gelo e as chamas.

Alí pulsando  
 Meu plectro terno,  
 De Aglaia o nome  
 No mundo eterno  
 Ledo farei (1).

## XXVIII.

**B**orboleta que innocente,  
 As subtís azas soltando,  
 Em mil giros vas cercando  
 D'essa véla a luz ardente,  
 Que a procuras enganada  
 De seus raios namorada:

De teus vòos a carreira  
 Ah! suspende! d'essa sorte  
 A buscar a propria morte  
 Oh! não vòes tão ligeira!  
 Que essa luz, que te namora,  
 Consumir-te ha de traidora.

O teu fim, tua desgraça  
 Evitar quero e desejo:

---

(1) O verso 7. da primeira Estrofe, e o da terceira faltavão no original, e se supprirão para não ficar a simmetria das Estrofes errada.

Mas ai louco , que não vejo  
Que por mi o mesmo passa !  
Que a buscar corro sem tino  
Outro , ao teu igual , destino.

Pois de Aglauro , Aglauro bella  
A minha alma namorada ,  
Bate as azas , e encantada  
De mi foge , e corre a vella :  
Sem olhar que a Ninfá ingrata  
Só da minha morte trata.

Alma minha , que encantada  
No brilhar dos olhos bellos  
Tão veloz corres a vellos ,  
E me deixas enganada ;  
Alma minha , toma exemplo  
Nesse insetto , que contemplo.

Cerra as azas , que atrevida  
D'ella em torno vas batendo ,  
Se nas luzes , que estás vendo ,  
Consumir não qués a vida :  
Qual a simples borboleta  
Em a luz que cerca inquieta.

## ODES ANACREONTICAS.

## XXIX.

**E**U vi a Baccho,  
 Crede oh vindouros!  
 Baccho potente;  
 Que em vez de louros,  
 De verdes parras  
 Tinha a mitrada,  
 Galhuda fronte  
 Toda enramada.

Ao som da lira  
 Brincão cantava,  
 E de Silenos  
 O rodeava  
 Festiva tropa;  
 Que na harmonia  
 Toda embebida,  
 Suspensa o ouvia (1).

Do vinho as graças  
 Em livre canto  
 Elle exaltava:

---

(1) Var. Que attenta ouvia  
 De seus accents  
 A melodia.

E a turba em tanto  
De quando em quando  
As mãos batia,  
E a cada pausa  
Bravo! dizia.

Por largo espaço  
Com seus accentos  
Deteve os rios,  
Prendeo os ventos:  
Até que pondo  
Ao canto fim  
Ledo e risonho  
Me falla assim:

De Amor a quem  
Tanto cantaste,  
Ah! dize Elpino,  
O que tiraste?  
Que tens de Marte  
Tambem tirado,  
Que em seus alumnos  
Tens exalçado?

De Marte deixa  
E de Amor a ira:  
Toma ligeiro,  
Toma esta lira,  
Lira que a furia  
Dos leões quebranta,

Que amansa os tigres,  
E a mi só canta.

Ah canta Elpino!  
Que ao beneficio  
Teu serei grato,  
Farei propicio,  
Que as tuas vides  
Sempre floreação,  
Que opimos cachos  
Sobre ellas creção.

Se eu não possuo  
Campos, nem vinhas,  
Como crer devo  
Que vides minhas,  
Então lhe torno,  
Fertis floreação,  
E de almos cachos  
Gravidas creção?

Em breve, Elpino,  
Elle replica,  
De Alceste a mão,  
Potente e rica  
De largos campos  
Far-te-ha senhor:  
Desta promessa  
Sou fiador.

Então a lira  
Tomando ousado,  
A ti e a Baccho,  
Alceste amado,  
Nesta esperança  
Canto contente:  
Em ti espero;  
Que o Deos não mente.

X X X.

A Lisio.

**E**M meu aluergue  
Não ha de prata  
Copas que ornou  
Destro boril:  
Nem de Alemanha  
Finos cristaes,  
Que esmaltou d'ouro  
Pincel subtil.

Não ha do Rheno  
O branco çumo,  
Que o voraz luxo  
Embotelhou:  
Nem o que avaro,  
Lá de Constança  
Nos limpos tanques,  
Belga pisou.

188 ODES ANACREONTICAS.

Mas ha o vinho ,  
Que em seus lagares  
O Lavradio  
Ledo espremeo.  
Ha sobre tudo  
Para servir-te ,  
Lisio , o sincero  
Animo meu.

Por limpos copos  
De vulgar vidro ,  
Que por vil preço  
Collipo dá ,  
Bebello podes :  
Vem caro Lisio ,  
Que elle chamando  
Por ti está.

A Horacio lendo  
E Anacreonte ,  
O beberemos  
Em doce paz.  
Vem , e com elle ,  
Lisio , e comigo  
A' bella Aglaia  
O brindarás.

## O D E

## XXXI.

**R**icas baixellas  
 De altos florões  
 Todas lavradas ;  
 Ou porçolanas  
 De ouro esmaltadas ,  
 Eu não invejo :  
 Pouco me satisfaz , pouco desejo.

Modesta mesa ,  
 Sem arte ornada  
 De sãos guisados ,  
 Sem os estranhos  
 Vinhos , comprados  
 Por alto preço ,  
 Somente rogo ao Ceo , só apeteço.

Se estes meus votos  
 Puros , humildes  
 Elle comprira ,  
 Do rico Alcippo  
 Com desdem vira  
 A lauta mesa ,  
 Onde entre o luxo vão mora a tristeza.

Em torno d'ella

Comtigo , Aghia ,  
 Em paz sentado ,  
 De Carcavellos  
 O celebrado  
 Vinho gostára ,  
 E aos teus olhos gentis ledo brindára.

Amor comigo ,  
 Comtigo as Graças  
 Os frugaes pratos  
 Nos tornarião  
 Inda mais gratos ,  
 Mais saborosos :  
 Os brindes alternáramos gostosos.

Então de Téos  
 Ao Vate a lira  
 Eu pediria ,  
 As tuas graças  
 Descantaria :  
 Baccho e os Amores  
 A tecer me ajudarão teus louvores.

Em paz serena  
 Alegres horas  
 Então passára :  
 A crua Morte  
 Não receára  
 Ver escondida  
 Entre o fausto de esplendida comida.

## O D E

## XXXII.

Casta rola , que rolando  
 Ne se freixo aos Ceos subido ,  
 O parceiro teu querido  
 Tristemente estás chamando ,  
 O innocente teu parceiro ,  
 Que empolgou Açor ligeiro :

Ah ! comigo , casta rola ,  
 Essa dor , que te maltrata ,  
 A saudade , que te mata ,  
 Por hum pouco , sim , consola :  
 Pois os males allivia ,  
 Ter nos males companhia.

O tiranno injusto Fado  
 Contra nós igual conspira ,  
 Contra nós igual em ira ,  
 Seu furor se tem mostrado :  
 O parceiro a ti tirou ,  
 E Nerina me roubou.

Do Destino deshumano  
 Nesse ramo em vão te queixas ,  
 E eu também formo em vão queixas

Do Destino meu tiranno (1):  
 Ah! que á nossa intausta sorte  
 Só porá limite a morte.

Mas em tanto tu comigo  
 A tiranna dor modera;  
 Que eu tambem a pena fera  
 Consolar quero contigo:  
 Pois os males allivia  
 Ter nos males companhia.

## XXXIII.

**L**Eves Auras, que voando  
 Entre as flores mansamente,  
 Sobre a limpida corrente  
 Deste arroio andas brincando:  
 Leves Auras, por piedade  
 Mitigai minha saudade.

Susurrando lisonjeiras  
 Ide os olhos meus cerrando;  
 Hum tranquillo sono brando  
 Me trazei, trazei ligeiras.  
 Leves Auras, por piedade

---

(1) Var. Nesse tronco alto e frondoso  
 Do Destino em vão te queixas,  
 Eu tambem formo em vão queixas  
 Contra o Fado rigoroso:

Mitigai minha saudade.

Póde ser que o gentil rosto  
De Nerina em sonhos veja :  
E se Amor faz que assim seja ,  
Qual será então meu gosto (1) !  
Leves Auras , por piedade  
Mitigai minha saudade.

Então sua formosura ,  
Qual hum tempo já sohia ,  
Em prazer , em alegria  
Tornará minha amargura.  
Leves Auras , por piedade  
Mitigai minha saudade.

Seu suave rosto lindo  
Nesta ausencia ver desejo :  
Fartai , Auras , meu desejo ,  
Seja embora , ou não , durmindo.  
Leves Auras , por piedade  
Mitigai minha saudade.

Auras leves , se beninas  
Annús ao que vos peço ,  
Tom. III. N

---

(1) O Poeta escreveu por equivocação : Qual  
será minha alegria.

Vosso altar a ornar me off'reço  
 De fragantes flores finas.  
 Leves Auras, por piedade  
 Mitigai minha saudade,

## XXXIV.

**D**E mil Ninfas na innocente  
 E lustrosa companhia  
 Passeava o outro dia  
 N'hum vergel fresco e virente,  
 Onde a arte e a natureza  
 Competição na belleza.

Entre as varias lindas flores  
 Que viçosas abrolhavão,  
 E a verdura marchetavão  
 Com as finas vivas cores,  
 Hum rosal crescendo vinha,  
 Que mil rosas em si tinha.

Hum botão entre ellas vejo,  
 Que na graça os mais vencia:  
 De o colher a fantasia  
 Me excitou logo o desejo.  
 Para pollo no meu peito  
 Vou cortallo satisfeito.

Mas apenas lhe bulia,  
 De seu seio molle e brando

Tenro vulto sae voando ,  
 Leve abelha parecia.  
 E era Amor, que alí pousava ,  
 E em seu caliz repousava.

Das gentís Ninfas voando  
 Pelo meio foi ligeiro ;  
 Porem logo lisonjeiro  
 Torna entre ellas revoando.  
 Mas alí , caso estupendo !  
 O tiranno foi crescendo (1).

De Matilia nos cabellos  
 Ora salta velozmente ,  
 Ora vôa mansamente  
 De Micale aos olhos bellos :  
 De Nerina as faces toça ,  
 E de Aglauro a linda boca.

De voar em fim cansado  
 As purpureas azas teicha ,  
 E cahir de Egle se deixa  
 N ii

---

(1) Var. Das gentís Ninfas ligeiro  
 Pelo meio foi fugindo ;  
 Porem logo a ellas rindo  
 Volve o vôo lisonjeiro.  
 Mas então , caso estupendo !  
 Entre as mesmas foi crescendo.

196 ODES ANACREONTICAS.

Em o seio delicado :  
Onde embebe prestesmente  
No arco eburneo a seta ardente.

E o farpão adamantino  
A meu peito endireitando ,  
Foi comigo assim fallando :  
Vè agora, triste Elpino ,  
Que castigo sente enorme  
Quem desperta Amor que dorme.

Disse : e a seta despedindo ,  
Me trespassa o coração.  
Ai de mi ! que desde então  
Abrasar-me estou sentindo.  
Crece o mal , e não tem cura ;  
Pois de mi Egle não cura.

## O D E

## XXXV.

Suave Avezinha,  
Que de Egle formosa  
Arrojas ditosa  
No pé o grilhão:  
Tambem como tu  
Eu sou seu cativo;  
E como tu vivo  
Na sua prisão.

Mas oh quão diff'rentes  
Nos fez a ventura!  
Egle te procura  
Com extremos mil:  
E a mi, que a procuro  
Rendido e constante,  
Esconde arrogante  
Seu rosto gentil.

De teu terno canto  
De longe chamada,  
Vem leda appressada  
A ouvir tua voz:  
E deste meu peito  
Aos ternos gemidos  
Lhes cerra os ouvidos,

E foge veloz.

No seio te affaga,  
Te dá carinhosa  
Mil beijos gostosa,  
Mais doces que o mel:  
E a mi, que a procuro,  
Com baldões me trata:  
Offende e maltrata  
Esta alma fiel (1).

Ella te agradece  
O teu doce canto;  
Mas eu de meu pranto  
Não hei galardão.  
Suave Avezinha,  
Pois hes tão ditosa,  
Ah! canta gostosa  
Na doce prisão.

---

(1) Var. E a mi sempre irado  
Me mostra o semblante:  
Despresa arrogante  
Esta alma fiel.

## O D E

## XXXVI.

**H**Um tento Cupido  
 Sem tino saltava,  
 Dos outros perdido,  
 Por cima das flores:  
 Qual salta inquieta  
 Leve borboleta,  
 Que esmaltão mil cores.

Nerina, que o via,  
 Da sua belleza  
 Prender se sentia;  
 E para prendello  
 Corria teimosa.  
 Em fim n'hum rosa  
 Chegou a colhella (1).

---

(1) Var. Nerina encantada  
 Da sua belleza,  
 Correo appressada  
 No bosque a colhella.  
 E instando teimosa,  
 N'hum fresca rosa  
 Pòde em fim prendello.

Menalcas, que a via,  
 E por experiencia  
 Amor conhecia;  
 Ah Ninfa innocente!  
 Diz, larga essa fera,  
 Que o monte não gera  
 Mais crua serpente.

A Ninfa se ria  
 Do que o bom Menalcas  
 Prudente dizia:  
 Pois não receava  
 Que hum lindo menino  
 Fosse tão malino  
 Como elle bradava.

Amor affagando,  
 Mil mimos lhe faz:  
 E no seio brando  
 O mete contente.  
 Mas ai triste! logo  
 Toda em vivo fogo  
 Ardendo se sente.

Amor então quiz  
 Do seio lançar  
 Nerina inteliz:  
 Porem foi em vão,  
 Que o monstro raivoso  
 Se afferra teimoso

No seu coração.

Desde este momento  
 Que a Ninfa arde viva  
 Em fogo violento.  
 Porem he bem feito ;  
 Sofra tanto ardor  
 Quem o fero Amor  
 Meteo no seu peito.

## XXXVII.

**P**Intor destro e delicado  
 Em lugar de asp'ras batalhas,  
 De Guerreiro, que de malhas  
 Veste o corpo, e denodado  
 Sopesando a lança forte  
 Sangue espalha, horror e morte :

Em lugar do torvo Marte,  
 Que feroz tala a campanha,  
 E a carroça em sangue banha,  
 Sem que o seu furor se farte ;  
 E de campos alastrados  
 De Cavallos e Soldados :

Tu me pinta, Baccho, a fronte  
 Coroada de aureos cachos,  
 E mil Satyros borraches,  
 Que saltando em verde monte,

202 ODES ANACREONTICAS.

Do bom vinho de Bucelas  
Regão botes e guelas.

Pinta as Evias desgrenhadas  
Verdes thyrsos volteando ,  
Que Evohe andão gritando  
De furor arrebatadas :  
Que em mil saltos e mudanças  
Formão soltas livres danças.

Eu no quadro ver não quero  
Vivamente debuxado  
De Alexandre o braço armado ,  
O furor de Achilles fero :  
Mais que a Marte e seus rigores  
De Thyoneo amo os furores.

## O D E

## XXXVIII.

Qual flor formosa  
A quem falece  
Do Ceo o humor,  
Que o collo inclina  
E se emmurchece  
Co grão calor:

Tal em Cythera  
Triste linguaia  
O Deos de amor.  
E o mal crescendo  
De dia em dia  
Hia a peor.

Nos lindos olhos  
Se lhe não via  
Já sintillar  
Aquelle brio,  
Com que sohia  
Hum tempo olhar.

Do arco e das seras,  
Com que travesso  
Usa brincar,

Já não curava.  
 Tal era o excesso  
 De seu pesar.

Os doces Risos,  
 Terna Alegria  
 O deixão só.  
 Tão triste estava,  
 Que a quem o via  
 Causava dó.

Venus os olhos  
 Tornados fontes  
 De compaixão,  
 Medicas hervas  
 Nos altos montes  
 Buscava em vão.

Que do Menino  
 Nada allivia  
 A occulta dor.  
 Antes crescendo  
 De dia em dia  
 Hia a peor.

Então com votos  
 Mil fervorosos  
 Se volve aos Ceos.  
 Mas não aceitão  
 Os Ceos piedosos

Os votos seus.

Que com mais força  
O mal se augmenta  
Do terno Amor.

Então na magoa,  
Que a atormenta  
Toda furor ;

Em vão dos Fados  
Seus maldizia ,  
E seu rigor :  
Que o mal crescendo.  
De dia em dia  
Hia a peor.

Até que ao Templo  
Lá da Esperança  
Amor levou :  
É apenas entra ,  
Sem mais tardança  
Amor sarou.

Logo a seu rosto  
Tornou a viva  
Brilhante cor :  
Pois a esperança ,  
Oh Clori esquiva ,  
Alenta amor.

206 ODES ANACREONTICAS.

Como pois queres  
Ver no meu peito  
Amor crescer,  
Se o teu em iras  
Todo desfeito  
O faz morrer?

Da-me esperanças;  
E verás logo  
Crescer o ardor.  
Porque sem ellas  
Se extingue o fogo,  
Que atèa amor.

XXXIX.

Imitando ou parafraseando a Ode de  
Anacreonte Παρά τὴν οὐκὴν Βάδουλλε.

A<sup>s</sup> Sombra suave,  
Que esta arvore lança,  
Armia, te senta,  
E hum pouco descansa.

Como ella he formosa!  
E o Zephyro brando  
Os ramos lhe move,  
Entre elles brincando!

O rio, que cerca  
Sua agoa derrama,  
Com seu murmurinho,  
Pastora, nos chama.

As tenras hervinhas,  
Que em torno florecem,  
Oh que molle assento  
Cheirosas nos tecem!

Ah! que em tão ameno,  
Tão fresco lugar  
Amor nos convida  
Repouso a tomar.

## ODES ANACREONTICAS.

## XL.

A huma Rosa.

**A** Rosa he das flores  
A flor e Rainha:  
Tu Rosa, serás  
Somente a flor minha.

De Rosas seu arco  
Amor só adorna:  
E Venus com Rosas  
Mais bella se torna.

De Rosas se touca  
A candida Aurora:  
E as nuves de Rosas  
Com seus raios cora.

O Zephyro brando  
As Rosas festeja:  
E entre ellas lascivo  
Voando as bateja.

As Graças, as Musas  
As Rosas só amão:

De Rosas as tranças,  
E as roupas recamão.

De Rosas croado,  
E a Cithara minha,  
A ti cantarei,  
Das flores Rainha.

A ti cantarei,  
Oh bella flor minha:  
Pois hes das mais flores  
A flor e Rainha.

De Ressa

ODES ANACREONTICAS.

XLII

**Q**uem vio huma Ninfa bella  
 Que o coração me roubou,  
 E com elle de meus olhos  
 Não sei onde se occultou?  
 Se os sinaes querem saber,  
 Os sinaes a dizer vou.

Sobre branca neve Alpina  
 Seu cabelo desce ondado,  
 Onde tece aos corações  
 Mil laços o Deos vendado.  
 Brandos laços, em que Amor  
 Me tem para sempre atado.

São as negras sobranceiras  
 Arcos, d'onde fere Amor  
 Com mil frechas os que incautos  
 Contemplão o seu primor.  
 Oh formosas sobranceiras,  
 Arcos triunfaes de Amor!

Traz em seus travessos olhos  
 Duas brilhantes estrellas.  
 Quem as vê, em vão procura  
 Ver no Ceo outras tão bellas.

Não são do sol mais brilhantes  
As claras luzes , do que ellas.

Unidos os brancos lírios  
Com as encarnadas rosas  
Docemente a vista encantão  
Em suas faces formosas,  
Oh lírios , quanto sois bellos !  
Oh quáo frescas sois , oh rosas !

Os Risos , as gentís Graças  
Lhe morão na linda boca :  
Quando falla , oh quantos n'alma  
Ternos desejos provoca !  
Oh mil vezes venturoso ,  
Se algum dos mortaes a toca !

Se alguém a vio , por piedade  
Diga-me em que lugar e onde ;  
Que a tiranna por matar-me  
D'estes meus olhos se esconde :  
E por mais e mais que a chamo ,  
Se me escuta , não responde.

## O D E S.

**A** juntamos neste lugar as diversas Odes, que encontrámos nas tres Collecções originaes das Poesias de Diniz.

A Ode I. vem na primeira e segunda Collecção ; e naquella acha-se em dous diversos lugares : n'hum d'elles está dividida em Estrofes ou Estancias semelhantes ; e no outro, está escrita em verso rimado, e dividida em Estrofes, Antistrofes e Epodos, pela forma por que se inprime no fim do presente Volume.

A Ode II. vem tambem em ambas as ditas Collecções. O verso 4. da Estancia 7. falta na primeira.

A III. acha-se tão somente na segunda Collecção, e não era escrita pela letra do Author.

A IV. acha-se só na primeira.

A V. e VI. vem na Collecção primeira, e serão depois emendadas e reformadas n'hum moderno Volume original de varias Poesias, que nos communicou o Senhor Marechal de Campo Azedo, e d'onde tirámos para o presente Tomo, alem destas duas Odes e das duas seguintes, o Epithalamto e a Canção.

Da VII. vem na segunda Collecção

as primeiras nove *Estancias*, que d'antes formavão este breve *Poema*: depois he que o *Autor* a accrescentou tal como agora se imprime.

A VIII. he inteiramente nova, e acha-se só no citado *Volume* original.



Montano, e mais Pastores!

Hum occulto poder da humilde terra  
Suavemente me eleva: a minha frauta

Em som mais alto,

Qual armonica trompa, rompe o vento:  
Até o ar, que respiro, he mais sereno.

Ah! que entre as densas nuves

Eu vôo, eu vôo; e em circulos velozes  
Aguia do Sol ás luzes me remonto,

Batendo as crespas azas.

(pente

Mas que vejo, oh Ceos! que horrida ser-  
Naquelle inferior globo se sustenta!

Ai! que de mortes

Entre os seus habitantes semeando

Está o horrivel monstro! huns entre as

Furioso despedaça; (garras

Outros devora, e ainda palpitando

No immundo vêtre encerra; outros enlaça

Nos vinculos, que tece.

Em todo, em todo o globo se derrama

O seu mortal veneno, em toda a parte

Arde o contagio.

Que lastima! não ha quem lhe resista.

Tristes mortaes, não ha quem vos soccor-

Quem de vós se enterneça? (ra,

Mas que brilhante luz, qual a da Aurora

Na fresca madrugada, lá do Oriente.

Pouco a pouco apparece!

Oh Ceos ! oh nunca vista maravilha !  
 Huma pura Mulher , toda vestida  
 Do Sol brilhante ,  
 De nitidas estrellas coroada ,  
 Pisando a branca Lua , he quem espalha  
 A luz pura e formosa.  
 Já com seus raios o ar se purifica ;  
 E como com o Sol a densa nevoa ,  
 Se desfaz o contagio.

Oh que formosos passos que vem dando,  
 Toda de graça chea ! á sua vista  
 O Dragão tero  
 Da escamosa cabeça as grossas conchas  
 Horrendamente erriça ; os olhos tinge  
 De negro , immundo sangue :  
 Das entranhas respira hum vivo fogo ,  
 Que abrasando o contorno , o deixa cheo  
 De halitos venenosos.

Ai ! que contra a bellissima Donzella  
 (Tremo de horror ! ) furioso se arremessa !  
 Para tragalla  
 Já sobre o meio corpo se levanta ;  
 Com a cauda o ar açouta ; e assobiando ,  
 Vibra a farpada lingua.  
 Já , já para enredalla , em largos giros  
 Humas vezes estende , outras enrosca



## A formosa oliveira.

Entre as filhas d'Adão, qual entre espinhos  
 O puro e branco lizio, resplendesces  
     Toda sem mancha!  
 Tu dos Coros Angelicos hes honra,  
 Tu do Empireo alegria, e da triunfante  
     Jerusalem hes gloria.  
 Vem, oh flor de Jessé, nossa Rainha,  
 Esposa do Senhor, serás croada  
     De palmas, de açucenas.

## II.

Em louvor da Senhora, que se venera  
 no Cabo de Espichel.

L. 250

**S**antas Intelligencias,  
 Que ao Leão de Judá, ao Ineffavel  
     Nas azas luminosas  
 Firmando estais o trono formidavel;  
     E em divinas cadencias  
 Ao grato som das liras portentosas  
     O acclama o vosso canto  
 De Sabaoth Senhor, tres vezes Santo:

Vós, que a supplica ardente  
 Dos Justos offertais no Altar Divino

Do Cordeiro triunfante ;  
Batendo as azas d'ouro, este meu Hymno,  
Rude mas innocente ,  
Levai, levai ao templo sintillante,  
Onde como o Sol brilha  
A Virgem, de Deos Mãi, Esposa e Filha:

Purissima Senhora ,  
Cuja agradavel vista he mais terrivel  
A' Serpente enganosa  
Que na campanha Exercito invencivel ;  
Formosa, qual a Aurora  
Do Ganges surge na manhã saudosa (2);  
Alta e cheirosa, como  
A palma de Cadés, o cinamomo :

Do Barbarico monte ,  
Que hoje o Templo teu faz celebrado  
Dos que surcão o Oceano ,  
E donde o Nome teu sendo invocado ,  
De graças viva fonte ,  
Mandas de teu influxo soberano  
O raio coruscante ,  
Qual estrella do mar , ao navegante :  
Banhado de alegria ,

---

(2) O Poeta escreveu : Ao surgir do Gan-  
ges &c.

Qual aos tenros filhinhos mái piedosa ,  
A nós volve o semblante ,  
Com que a furia dos ventos pavorosa  
Em grata calmaria  
Aos naufragos convertas n'hum instante :  
E aceita os fieis votos ,  
Com que invocamos teu favor devotos.

Não te offereceremos  
O dourado metal , que o Tejo cria ,  
Nem o fino diamante ,  
Que o Sol gera onde nasce e morre o dia ,  
Que tanto não podemos :  
Nem lá da Siria a purpura brilhante ;  
Ou as gommas , que encerra  
Em seus bosques da Arabia a larga terra.

Mas em vez das riquezas ,  
De que pompa só faz ambição cega ,  
Prostrados te daremos (chega,  
Hum dom , a que outro dom algum não  
Hum dom , que tu mais prezas.  
A teus pés Virgem pura , te rendemos  
As almas abrasadas ,  
E em teu divino amor purificadas.

Em quanto o Sol brilhante  
Dourar a terra , e o horror da noute escura  
C' os froxos resplendores  
A Lua dissipar formosa e pura ;

Com zelo a todo instante  
 Formar em nossa lingua os teus louvores ,  
 Cantando-te á porfia (1)  
 Ou traga o Sol consigo , ou leve o dia.

## III.

Para celebrar o Nascimento do Senhor.

**E**Nxugai , enxugai o triste pranto ,  
 Que sobre as denegridas ,  
 Sordidas faces em perennes rios  
 Vos cae ha tanto tempo ,  
 Oh da santa Sião ditosas Filhas !  
 A pesada cadea ,  
 Que em vinculo tenaz vos cinge os collos ,  
 Em pequenos pedaços  
 Rompei , despedaçai , lançai por terra .  
 A antiga formosura  
 Torne a resplender nos vossos rostos .  
 Já a devoradora  
 Espada do Senhor , de sangue fatta ,  
 Na bainha descança .  
 Já os dias de paz , paz de justiça  
 São , oh mortaes , chegados .

---

(1) O Poeta escreveu : Cantar-te-hemos á  
 porfia. (segundo o original , 1841.)

Eu a vejo descer com rosto ledo  
N'huma dourada nuvem.  
A singella Amizade, a sã Justiça  
Lhe fazem companhia.  
De brilhantes estrellas recamadas  
Traz as candidas roupas :  
Oliveira immortal lhe tece á fronte  
Magestoso diadema :  
Na dextra mão em tremulos reflexos  
Serena luz lhe brilha :  
Vem com ella abrasando as duras armas  
Do carrancudo Marte.  
Espadas, capacetes, piques, lanças,  
Arcos, flechas, escudos  
Tudo a cinza reduz, tudo devora  
A radiante chama.  
Quem, desejada Paz, quem entre os ho-  
Entre os barbaros homens, (mens,  
Guia teus passos, e a deixar te obriga  
Do firmamento os tronos ?  
Oh pastores da Arcadia, quereis vello ?  
Voltai, voltai os olhos,  
O seio contemplai d'aquella lapa.  
Esse bello Menino,  
Que alí vedes chorar, do tempo exposto  
A' frigida inclemencia,  
He de tanta ventura o author supremo.  
Elle para nós nasce :  
E d'hum ardente amor todo abrasado  
( Amor, a quanto obrigas ! )

Já sobre os tenros hombros toma o peso  
De seu immenso imperio.  
Este he, este he, pastores, o Admiravel,  
O Forte, o Conselheiro,  
O Principe da Paz, Deos poderoso.  
Mas como o Rei da gloria,  
O Deos de Abrão, de Isac, do mundo to-  
Que sobre as sonoras (do,  
Azas dos Querubins o solio erige;  
A cujo santo aspecto  
Nos seus eixos se abala a immovel terra,  
E qual a branda cera  
Da crepitante chama ao moto exposta,  
Derretidos os montes,  
Das proprias eminencias se despenhão;  
D'hum vil, tosco presepio  
Pelo pobre agasalho os tronos deixa  
Do luminoso imperio (1)!  
Sagrados cumes do Sinai ditoso,  
Fallai; dizei se he este  
Do grande Jehová o filho amado,  
Filho de complacencia:  
Do grande Jehová, cuja terrivel  
Tremenda magestade  
Nas vossas eminencias contemplastes,  
Quando de denso fumo

---

(1) Talvez escrevesse o Author empyrio;  
ou imperio.

Encoruscantes chamas rodeado ,  
 Entre o horrído estampido  
 De raios , de trovões e de bozinas ,  
 O Decalogo santo ,  
 Ante o povo de Israel de horror tremendo ,  
 A Moyses promulgava.  
 Sim , sim , elle mesmo he. As soberanas ,  
 Sacras Intelligencias ,  
 Que do manso Cordeiro ao trono assistem ,  
 Com incessantes vozes ,  
 Ao doce som das armoniosas liras  
 A' terra o estão dizendo :  
 De Sabaoth Senhor tres vezes santo  
 Continuamente o acclamação.  
 Ventos do Septentrião , asperos ventos ,  
 Vós que ao rapido moto  
 Das negras azas sacudís furiosos  
 Pelos ingremes montes  
 O crespo caramelo , ah ! por piedade  
 Detende as vossas iras :  
 Furiosos não corteis do tenro Infante  
 Os delicados membros.  
 Prostremo-nos , pastores , sobre a terra ,  
 Prostremo-nos ante elle ,  
 Nós que somos do seu sab'roso pasto  
 As mimosas ovelhas.  
 O Senhor que nos fez , que nos sustenta ,  
 Humildes adoremos.  
 Mas que nova mudança resplendece  
 Em a face da terra !

Mordendo furiosa os torpes beiços mmi,  
 Foge a barbara Guerra,  
 E entre as sombras do Tartaro mergulha  
 A horrenda catadura.  
 De pesadas cadeas carregado  
 O duro Cativeiro,  
 A macilenta Morte, a voraz Peste,  
 A despida Pobreza,  
 E a do mal persuasora negra Fome,  
 Lhe fazem companhia.  
 Brotão os desertos mil cheirosas flores (1);  
 E chea de alegria,  
 Parece que a pesar do enorme peso,  
 A Terra está saltando.  
 O espantoso rumor o mar serena,  
 E a vasta superficie  
 De brilhantes escumas adornando (2),  
 Os lasso marinheiros  
 Está para que o surquem convidando.  
 Fogem as negras nuvens,  
 Que a luz do sol avaras encobrião;  
 E de repente os Ventos

Tom. III.

P

(1) A *Ecthlipse*, que he necessaria para ficar certo este verso, não he pouco usada nos nossos bons Poetas antigos, ainda que neste rarissima vez a temos observado. *Tulvez* elle escrevesse: Brota o deserto &c.

(2) *Tulvez* o Poeta escrevesse: adornada

Immoveis sobre as negras azas ficão.  
 Com benevolo aspecto  
 Nos desertos do Ceo brilhando roda —  
 Nova formosa estrella.  
 Oh dia venturoso! eternamente  
 Cantem os Ceos e Terra  
 Teu sublime louvor: eternamente  
 Te exaltem, te engrandeação.

## IV.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Se-  
 bastião José de Carvalho e Mello,  
 recitada na Arcadia aos 29 d'Outu-  
 bro de 1757.

**Q**ue sagrado furor, que estranho im-  
 Me incita a que deixando a agreste lira,  
 De mais nobre instrumento as cordas fira  
 A mão não costumada?

Que sublime varão, Clio sagrada,  
 Me mandas celebrar? que espirito raro,  
 A que a guerra, ou a paz fizesse claro,  
 Digno de eterna fama?

Acaso cantarei do illustre Gama  
 O sem igual valor, de que animado,  
 Por hum mar nunca d'antes navegado

O berço vio da Aurora ?

(ra (1),  
O Galvão , por quem inda o Ganges cho-  
Do valor e fortuna claro espeho ?  
Ou a ti , Luso Marte , alto Botelho (2) ;  
Liberal da grande alma ?

Não : outro heróe , q̃ a estes leva a palma,  
Cantar me mandas : hum por quem já vejo.  
Restituir-se ao nosso patrio Tejo  
A gloria já passada.

Hum , que na paz angelica e dourada  
Desde onde o Sol se esconde no Oceano  
Até adonde nasce , o Lusitano  
Nome faz respeitado.

O famoso Carvalho celebrado  
Lá onde corre o Tamisa orgulhoso ,  
E onde banha o Danubio caudaloso  
A terra em sangue envolto.

O famoso Carvalho , que do solto  
Vulgo a furia e licença retreando ,  
As desmaiadas artes animando  
Está com seu exemplo.

(plo ,  
Mas , Senhor , se as virtudes vos contem-  
Como ousarei louvar-vos ? com que alêto ?  
Se ao vosso singular merecimento

O estilo não se ajusta ?

Porem quem poderá d'essa alma augusta  
Celebrar dignamente a magestade ?  
Quem vossa rectidão ? quem a piedade  
Do animo generoso ?

Quem as leis santas ? quem o fervoroso  
Zelo , com que apartais da patria terra  
A ruina e o terror , que a crua Guerra  
Semea noutra parte ?

Por vós do nosso campo foge Marte ,  
E nelle , em vez da touce retorcida ,  
Não brilha na sanguenta mão despida  
A espada de aço fino.

Oh Fleury , oh Colbert , oh Mazarino !  
E vós outros , a que a grande experiencia  
Principes da politica sciencia  
Em todo o mundo acclama :

Se quereis ver quem hoje vossa fama  
Escurece , vede este heróe preclaro ,  
Cujo espirito grande , inclito e raro ,  
Cheo de santo zelo ;

As maximas do torpe Machiavelo  
Detestando , e do honesto só guiado ,  
Em o publico bem todo empregado

Cheo de gloria brilha.

Mas Ceos, que vejo! que alta maravilha!  
Onde estou eu! que maquina arrogante  
Sobre as nuvens se eleva! e que brilhante  
Raio de luz derrama!

Ah! sim, este o templo he da immortal Fa-  
E no mais superior trono sentado, (ma:  
Carvalho illustre, estás; e a teu lado  
A justissima Astrea.

Não podendo soffrer da nobre idea  
A activa luz que sempre está manando,  
De ante elle, os olhos có as mãos tapando,  
Se aparta a Negligencia.

(cia,  
Tambem tu, tambem tu, triste Indigen-  
Despreso dos que gosão rico estado,  
C' o torpe Ocio dos vicios rodeado  
Lhe fazes companhia.

E que doce, agradável melodia,  
Em quanto a mais resplendente croa  
Lhe tece o amor da patria, pelo ar soa  
Seu nome celebrando!

Viva Sebastião, que a patria ornando  
De innocentes costumes, faz eterna  
A sua gloria: o sacro coro alterna

E repete o Eco: viva!

Mas que estranho rumor de ouvir me priva  
O brando canto, oh Ceos! q̄ velho he este,  
De aspecto venerando, mas agreste,  
Que a musica confunde

(funde!

C' o rumor, com que da urna a agoa dif-  
Sim, sim, este he o Rio, a quem a fama  
Pela sua grandeza o Pará chama,  
Hoje tão celebrado.

O outro, que de manilhas d'ouro ornado  
O baço corpo tem, da ardente Sena  
Refresca os campos co' a corrente amena,  
Rica do metal louro.

O que turvo corre he o frio Douro,  
A quem no mundo faz claro e famoso  
O licor suavissimo e precioso,  
Que os cuidados desterra (3).

Oh como debruçados sobre a terra  
Dos tributarios Rios rodeados  
Beijão as santas leis, e alvoraçados  
Correm ao Oceano!

Lá lhe dizem que o Reino Lusitano,  
Pelo grande Carvalho dirigido,  
Torna a empunhar o cetro já perdido

De todo o imperio undoso.

E com quanto alvoroço , com que gozo  
Recebe o velho padre a feliz nova !  
Tres vezes , mas em vão , erguer-se prova  
Ao nome esclarecido :

Porque dos longos annos opprimido ,  
Tres vezes no espumoso leito cahe ;  
E entre tanto o festivo coro sahe  
Das humidas Deidades.

E que venturas , que prosperidades  
Cheo de gloria , cheo de alegria ,  
Ao cetro Portugues não annuncia  
O coro armonioso !

Oh feliz Portugal , Reino ditoso ,  
Que tal heróe creaste ! ah ! por elle vejo  
Correr coberto d'ouro o claro Tejo  
A dar ao mar tributo.

Já , já nos nossos campos brota o fruto  
De seu constante zelo e vigilancia :  
E com prodiga mão lança a Abundancia  
Os seus grandes tesouros.

Plantas do fresco Tejo , em verdes louros  
Todas vos convertei ; porque se teção  
Diademas immortaes , que lhe guarneção

A fronte soberana.

E tu, feliz idade, corre ufana,  
Corre, corre ao teu fim chea de gloria;  
Pois te illustra hum varão, cuja memoria  
Te ha de fazer famosa.

Dos seculos passados invejosa  
Não estejas; que nem vós d'aurea idade  
Claros dias, igual felicidade  
He certo que lograstes.

Espiritos felices, vós que ornastes  
Os seculos ditosos da innocencia,  
Dizei: houve entre vós tanta clemencia,  
Tanto horror da cobiça?

Tanto amor da igualdade e da justiça,  
Da rectidão, da paz, da singeleza,  
Tal modestia, tal fé, tal inteireza,  
Igual á que ennobrece

(dece,  
Este heróe, que entre os outros resplen-  
Como entre os mais metaes o fino ouro?  
Ah! ser não pôde! Seculo vindouro,  
Quando os grandes louvores

Delle ouvires, crè, crè que são maiores  
As virtudes, de que sempre assistido  
Adorado se faz, se faz temido,

Ou severo , ou piedoso.

Oh soberano Heróe ! e quão famoso  
 Vosso nome será na Lusa historia !  
 Quão cheo de louvores e de gloria  
 Voareis de boca em boca !

Eia , Espirito illustre , a vós só toca  
 Despertar do letargo em que jazia  
 A afflicta Lusitania , e de vós fia  
 A sua liberdade.

Por vós espera a antiga magestade  
 Cobrar a patria , e ver feitos pedaços  
 Os grilhões , que lhe poz aos fortes braços  
 A propria negligencia.

Acabe , acabe a perspicaz prudencia  
 As felices empresas meditadas :  
 Célebre entre as Nações mais apartadas  
 O vosso zelo seja.

Torça-se embora a macilenta Inveja ,  
 Brame raivosa , a boca em negra escuma  
 Inunde , as proprias mãos morda e cõsuma  
 C' os dentes venenosos :

(mosos  
 Em quanto , oh Senhor , sobre os mais fa-  
 Vos ides elevando , e o nome augusto  
 Desde a gelada Thule ao Nilo adusto

Espalha a heroica Fama :

(ma ,  
Em quanto.. mas q̄ he isto ! oh sacra cha-  
Onde , onde estás ? que já desafinada  
Sinto a voz , rouca a lira , a mão cansada,  
E o peito sem alento.

Por mais que temperar a lira intento !  
E a voz affino , que pouco sonoro  
Soa o meu canto ! Ninfas do Aonio coro  
Alentai meu espirito.

(cito ,  
Mas debalde vos chamo , e em vão me in-  
Que o canto que a cansada voz entoa ,  
Cada vez menos armonioso soa ,  
Menos digno de ouvir-se.

Oh Siveno , oh Alcino , oh brando Tirse,  
D'este varão cantai dignos louvores :  
Cantai , cantai por mi , sabios Pastores ,  
Que eu só não posso tanto.

E em quanto rompe o ar o vosso canto ,  
Aqui neste pinheiro levantado ,  
Para mi peso inutil , pendurado  
Deixo o rouco instrumento.

## N O T A S.

(1) Antonio Galvão foi hum dos mais famosos Capitães , que passarão ao Oriente: não só se distinguio pelo seu esforço, conquistando as Malucas, mas pela innocencia e santidade dos seus costumes. Voltando á patria, em premio das acções que por ella tinha obrado, morreo n'hum hospital.

(2) Nuno Alves Botelho, ascendente dos Condes de S. Miguel, e por cujos assignalados serviços se deo este titolo á sua Casa. Sendo Governador na India, destroçou a Lacsamana e Marataja, Generaes do Achem, que com vinte mil homens e dozentas e quarenta velas cercavão a Malaca. Morreo querendo apagar o incendio, que n'huma Náo Holandesa, que valerosamente tinha rendido, se ateára.

(3) Ao grande zelo e amor da patria, ao infatigavel espirito de S. Excellencia se deve a instituição das duas utilissimas Companhias do Grão Pará, e Alto Douro, e a separação, que do Governo e terras adjacentes a Moçambique se fez do de Estado da India para augmento e melhor administração das mesmas.

## O D E S.

Alcaica.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo Manoel Bernardo de Mello de Castro, então Marechal de Campo e Governador da praça d'Elvas; depois Tenente General, Conselheiro de Guerra, Governador das Armas da Provincia d'Alemtejo, conservando o Governo da mesma Praça, General de Infantaria, Visconde da Lourinhã &c.

**S**E pulso a Cithara de Alceo armonica,  
 O plectro altisono não rende prodigo  
 A' virtude falsa tributo:  
 Solida gloria he só quem o move.

Tu Castro celebre, dás a seus numeros  
 Assumpto esplendido: o profundo pelago  
 Surca ufana de teus louvores,  
 Sem as Syrtes temer da lisonja.

A longa serie de Avós clarissimos,  
 A rica copia de metal fulgido

Da fortuna são ricos mimos ;  
Mas não faz os heróes a fortuna.

Tu novo , intrepido , caminho incognito  
A' fama postuma mostras sollicito ,  
Da gloria seguindo a vereda ,  
Que vulgares espiritos não trilhão.

O zelo eximio , o valor inclito ,  
Que ornão teu animo, são sós os titolos(1),  
Que brilhante croa te formão ,  
Que da Fama te levão ao templo.

Campos da America , campos que prodigo  
Com larga copia de cristaes liquidos  
De preciosos fructos fecunda  
O Monarca dos rios famoso :

Em vozes públicas seu panegirico  
Tecendo candidos de immortal credito ,  
Meu hymno , que vòa ao futuro  
Sintillando, cobris entre as gentes (2).

---

(1) *No Original de Coimbra lê-se assim este verso: o Poeta quando corrigio a Ode, escreveu por engano: são só titolos.*

(2) *Assim no Original de Coimbra, o Poeta escreveu depois:*

De meu hymno , que vòa ao futuro ,  
Os accentos cobris entre as gentes.

Vós a policia , que crece prospera ,  
 Vós a abundancia , que lograis placidos,  
 Que obras são de seu puro zelo ,  
 Sem cessar publicais pela terra (1).

O povo idolatra , que habita misero  
 Seus bosques asperos , o culto barbaro  
 Sem temor deixando , o publica  
 Da liberdade no amavel seio.

Mas a nobre emula de vossos jubilos  
 Elvas belligera , já grata cinge-lhe  
 De louros eternos a fronte ,  
 Louros , que brota o campo de Marte.

Novos espiritos recebe impavida  
 Com seus auspicios : alça ao Zodiaco ,  
 Insultando Iberia soberba ,  
 A cabeça de torres croada.

Bellona attonita no Heróe magnanimo  
 A nobre pratica dos Villes inclitos ,  
 Dos Freitags o engenho sublime  
 Vè sintillar com raios mais vivos.

Cega obediencia aos preceitos Tacticos ,

---

(1) Assim no Original de Coimbra : a última lição he :

Publicando estais mudamente.

Do ocio aos prestigios rancor indomito,  
São as leis, que dicta severo,  
Que respeitar faz com seu exemplo.

Mas quem lauréola a teus grandes meritos  
A teer alça-se, Castro magnifico (1),  
Novo nome dará ás ondas,  
Nellas largando as plumas soberbas.

## VI.

A Pedro Antonio Joaquim Correa Gar-  
ção, chamado na Arcadia Coridão  
Erimanteo. Em 1757.

**B**Atendo as negras azas, o regelo,  
Sacode o fero Boreas pelos montes,  
C'o duro caramelo  
Gelão-se as fontes.

Despidos da viçosa e verde rama  
Das arvores se vem os grossos troncos,  
Nas rochas o mar brama  
Com feios roncros.

---

(1) *Este verso em ambas as Collecções lê-se de est'outro modo:*

A teer arroja-se, Castro magnifico,

Sae d'espantosas trevas rodeada  
Do Bosphoro Cimmerico a Noute escura :  
Cynthia esconde assustada  
Sua luz pura.

Cobrem-se os Ceos de negros nevoeiros,  
Horrorosos trovões a terra atroáo ,  
Carregados chuveiros  
Nos ares soáo.

Para os curraes do campo foge o gado ;  
E dos bois , que descansão da lavoura ,  
Não trilha o curvo arado  
A cerviz loura.

Nos fatos ao redor do sacro lume  
Os pelicos enxugão os Pastores ,  
Cantando por costume  
Os seus amores.

No socegado porto descansando  
O navegante está , e impaciente espera  
Que sopre o vento brando  
Da primavera.

Ah Coridão ! em quanto o Inverno frio  
Cresta co' as duras mãos plantas e flores ;  
Fogem do campo e rio  
Graças , Amores :

Com o cheiroso ponche em doce guerra  
 Quebremos o furor dos rijos ventos,  
 Que as folhas sobre a terra  
 Espalha aos centos.

Já na limpa poncheira o licor louro  
 Fervendo brilha: ledos a taça toma,  
 E com o liquido ouro  
 Seu rigor doma.

Enche-a, caro Pastor, bebe-a gostoso  
 Do Menalo em louvor, que eu outra bebo.  
 Oh Ceos! que immenso gozo  
 N'alma recebo!

Vè como o valentão, que nos roncava,  
 Que mil geladas setas despedia,  
 Que os beijos nos talhava  
 E as mãos teria;

Ao vellas empunhar, perdido o brio,  
 Sem ao menos ousar a defender-se,  
 Corre no polo frio  
 A recolher-se.

Bebe affouto, Pastor, que ainda chea  
 Do suave licor outra nos resta:  
 A' saude de Tresea (1)

Tom. III.

Q

---

(1) Se houver duvida de fazer aqui a pa-

Bebamos esta.

De Tresea gentil , de meu martyrio  
Doce e unico allivio , mais formosa  
Que o branco e puro lirio ,  
Que à roixa rosa.

Longe , longe a voraz malincolia ,  
De seus torvos espectros rodeada ;  
Reïne em nós a alegria  
Tão suspirada (1).

Tu ouves Coridão , ( ou eu m'engano )  
De timpanos e sistros o ruido ?  
Ah não , não he engano ,  
Ouço o sonido.

Eu vejo , sim , os Satyros saltantes  
Com o caprino pé ferir a terra ;  
As lascivas Bacchantes  
Cobrir a serra.

Desgrenhado o cabello , e furiosas  
Vibrão os verdes thyrsos ululando ,

*lava* saude de duas syllabas , pôde-se substituir a lição da primeira Collecção :

Bebamos de Tresea  
A' saude esta.

(1) Var. Do Riso amada.

Com vozes espantosas  
Orgio bramando.

Toma a lira , Pastor , cantemos ambos  
Em estilo , que os nossos nunca ouvirão :  
Os livres Dithyrambos  
Os ares tirão.

## V I I.

Saphica.

Celebrem outros as vorazes chamas ,  
Que pelas negras enxofradas taues  
Vomita o Etna ; de terror enchendo  
Toda a Trinacria.

Ou das montanhas , que fez tão famosas  
Pyrene bella , do Tyrinthio amada ,  
O vasto incendio , que inundou Iberia  
De aureas correntes :

Ou dos frondosos apraziveis Tempes  
Os frescos bosques , os amenos prados ,  
Onde as boninas com lascivo vôo  
Zephyro pinta.

(nuves  
Do grande Olympo , que entre as grossas  
A verde fronte magestoso esconde ,  
Outros publiquem pela redondeza

Dignos louvores.

Outros dos Alpes as immensas neves ,  
Inda banhadas no soberbo sangue  
Da loura gente , que nas fontes bebe  
Rhodano e Sena (1).

Outros descantem , Taprobana fertil ,  
Teu grande cerro , que goarda em seu pico  
Sagrada planta de varão insigne]  
Inda estampada.

Outros do Herminio , que a cerviz intonsa  
Cobre de nevoas , a robusta gente ,  
Que vio prostradas as Latinas Aguias  
Na aspera guerra :

Que eu só desejo , da sonora lira  
Ferindo as cordas , do gelado Arcturo  
Ao frigido Austro levar o teu nome ,  
Menalo claro.

Viva contente por fartar a sede  
De vãs riquezas , rasgando as entranhas  
Do celebrado Potosí precioso ,  
Pallido avaro.

---

(1) Esta Estancia não se acha no ultimo Original.

Nas longas horas da calada noute  
 A triste sala do Ministro austero  
 O que perrende poderoso cargo  
 Tímido pise.

(bosques,  
 Que eu entre as sombras de teus densos  
 Em quanto pulso com eburneo plectro  
 De Sapho a lira, de seus vãos cuidados  
 Noto a cegueira.

Na aurea carroça Senhor poderoso  
 Pise tirado por frisões soberbos  
 A triste plebe, que de toda a parte  
 Pavida foge :

Que os vãos cuidados, as azas batendo,  
 O vão seguindo muito mais velozes  
 Que o veloz Euro, quando sae furioso  
 Da horrida gruta (1).

O varão sabio na misera sorte,  
 Que avara estrella com elle reparte,  
 Vive contente, despreza constante  
 Titolos grandes.

A paz serena de sua alma grande

---

(1) Var. Que o veloz Euro, se do Eolio rōpe  
 Carcere as portas.

Temor violento jamais lhe perturba ;  
 Os brandos sonos não lhe rouba infame  
 Sordido lucro.

Na Regia mesa por Murrhinos vasos (1)  
 O reixo çumo da famosa Creta  
 Beba Damocles , que a pendente espada  
 Pallido o torna.

Do claro Febo na misera tina  
 A' luz se aquece Cynico famoso  
 Do terror da Asia a magnifica pompa  
 Placido insulta.

A sá fortuna não está no fausto (prego,  
 De hum rico estado , d'hum distincto em-  
 Mas na virtude: ditosos só pôde  
 Ella fazer-nos.

---

(1) Estes vasos erão d'huma pedra preciosa chamada murrha, da qual diz Plin. no Liv. 27. (al. 37.) cap. 2. que era insigne pela excellencia de seu cheiro, e pela variedade de suas cores; tendo algumas manchas, que segundo a reflexão da luz humas vezes erão purpureas, outras tiravão a cor de leite, e outras formavão huma meia cor entre estas duas. Augusto tomada Alexandria, das alfaias Reaes só reservou para si hum destes copos. Sueton. in August. cap. 71.

## O D E

## VIII.

Saphica.

Ao Illustrissimo e Excellentissimo D.  
Sancho de Faro, Conde de Vimieiro.

**E**U não te invejo, Clarissimo Faro,  
A rica pompa de teu alto estado;  
Nem a grandeza, que partio contigo  
Benefico astro.

Cargos, riquezas, que o povo ignorante  
Absorto admira, não cegão meus olhos:  
Outra he a meta, que meus passos guia,  
Que avido busco (1).

Só a firmeza, e valor te invejo,  
Com que fugindo da Corte aos prestigios,  
Em útil ocio no teu Vimieiro  
Vives contente.

---

(1) Var. Cargos, riquezas, do povo ignorãte  
Unica meta, não cegão meus olhos:  
Outro he o Norte, que no mar que  
Sigo constante. (cruzo

Da Natureza contemplando attento  
O grão tesouro , que os sabios estimão ;  
E que despresa , por não conhecello ,  
Rustica plebe.

Alí apprendes de ajudalla os modos  
Em suas obras , com que ella te paga ,  
Agradecida , de teus largos campos  
Rico tributo.

Alí de Breiner os cantos escutas ,  
E a lira de ouro ; lira que invejarão  
Saphos , Corinnas ; a quem eterniza  
Melico canto.

Breiner formosa , que á mente divina  
Soltando as azas , veloz se remonta  
Por entre as nuves , apòs si deixando  
Rapidas aguias.

Ledo e contente para ti só vives ;  
Longe da inveja , das intrigas longe ,  
Da paz gozando , que só gozar póde  
Animo puro.

Se a mão do Fado propicio a meus votos  
Igual destino comigo partira ,  
Oh quáo contente teu illustre exemplo  
Pronto seguira !

Então de hum bosque na sombra fria ,  
Junto de hum rio de serenas agoas ,  
Cingida a fronte de floridos mirtos ,  
Louros virentes :

A Eolia lira sem temor tomando ,  
Tuas virtudes ufano cantára ;  
Cantára as graças , que n'alma sintillão  
Da inclita Breiner.

E aos Ceos levando tão illustres nomes ,  
Nomes , que o Tempo , q' a palida Inveja  
Muda respeita ; com elles ornára  
Novas estrellas.

## EPITHALAMIO.

A's bodas do Preclarissimo Isidro de Almeida de Sousa e Lencastre, Senhor da Casa da Cavallaria, com a Preciarissima Senhora D. Anna Ifigenia de Barros Almeida Moura e Albuquerque, Senhora da Casa de Real, e Morgados de Moreira, e Ribeira de Litem.

*Este Epithalamio vem no Original de Coimbra, dividido em Estancias de oito versos, os quaes são rimados dous a dous. Depois o corrigio o Poeta, pela forma por que agora se imprime, no moderno Volume Original, já citado na Advertencia das Odes, e n'humã copia avulsa escrita de sua letra, que conservamos em nosso poder: e por esta copia se emendou o verso 6 da penultima Estancia, o qual no volume Original se lia: Brandindo a lança ardente.*

**A**Ccende, oh Hymeneo, a luz formosa  
Da tocha nupcial; e de virente  
E crespa mangerona coroadó,  
Sobre o viçoso prado,  
Que esmaltão liberaes de mil boninas

Correndo mansamente  
 Do Lis e Lena as agoas cristallinas ,  
 Dirige o vôo teu :  
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Ah ! bate ledamente as aureas azas :  
 Dous peitos , q̄ de Amor consume o fogo  
 Com reciproco ardor , com grato auspi-  
 cio Vem consolar propicio : (cio  
 Movão-te as ternas , innocentes magoas ,  
 Ah ! mova-te o seu rogo ! (1)  
 Vè q̄ insoffriveis são de Amor as fragoas !  
 Desce veloz do Ceo :  
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Olha com que impaciencia o terno joven  
 Os instantes , as horas conta ancioso ;  
 E entre os doces martyrios da esperança  
 Culpa a tua tardança :  
 E soffrer não podendo a voraz chama  
 Que o consume extremoso ,  
 Por ti sem ter descanso brada e chama ,  
 Implora o favor teu :  
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Do Eta já deixa 'o cume levantado

---

(1) Var. Movão-te seus suspiros , suas ma-  
 Seu innocente rogo : (agoas .

De Venus o planeta rutilante :  
 E tu , oh doce Nume apetecido ,  
     Do Helicona florido  
 A sagrada floresta inda não deixas !  
     Ah ! vem do terno amante  
 A consolar as magoadas queixas ,  
     Filho do bom Thyoneo !  
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

O nupcial anel , que ha tanto aguarda  
 A linda Esposa alegre e temerosa ,  
 Traze , Nume gentil , traze ligeiro.  
     Tu ledo e lisonjeiro  
 De teus mimos com a doce violencia  
     Da Ninfa vergonhosa  
 Os sustos vence , vence a resistencia.  
     Traze o sagrado veo :  
 Vem, oh casto Hymeneo, vem Hymeneo.

Mas que subito facho os ares fende ,  
 De immensa luz a terra povoando !  
 Que gratos , que suavissimos accents  
     Ferem os brandos ventos !  
 He Hymeneo , que brande as sacras teas ;  
     E das nuves calando ,  
 Vem , Colippo , alegrar tuas areas ,  
     Honrar o campo teu .  
 Já sintilla Hymeneo , desce Hymeneo.

De Amotes hum enxame copioso

As coruscantes achas vem guiando :  
 Huns o dourado laço vem tecendo ,  
     Os outros convertendo  
 Em liras os brilhantes passadores ,  
     Docemente cantando  
 Dos Esposos gentis vem os louvores ;  
     Cantão o seu trofeo.  
 Eis já chega Hymeneo , vem Hymeneo.

Já da cara Mãi arranca do regaço (1)  
 A bella Ninta alegre e temerosa  
 Das Graças , dos Encantos vai cercada ;  
     E leda e envergonhada :  
 Se Amor a incita , a prende o casto Pejo.  
     Da Ninta vergonhosa  
 Cobre com o teu véo , cobre o desejo ,  
     Que inflâma o peito seu ,  
 Lisonjeiro Hymeneo , doce Hymeneo.

Ao raiar da manhã nunca tão bella  
 Entre as flores que ardeão verde prado  
 Do cerrado botão rompeo a rosa :  
     Tão bella , tão graciosa ,  
 De aljofares e perolas toucada ,  
     Nunca do mar salgado  
 Sahir se vio a linda e delicada

---

(1) Mãi cara , faria o verso mais cozyente.  
 (2) O Poeta escreveo : Cobre cõ teu véo &c.



Do sagrado Hymeneo!  
 Oh mil vezes feliz, santo Hymeneo!

Do futuro rasgando a densa treva  
 Na vaga mente já se lhe figura  
 Do collo da consorte ver pendentes  
     Os filhos innocentes;  
 Que crescendo em virtudes e nos annos  
     Brandindo a lança dura,  
 De nova fama cubtirão utanos,  
     Darão hum novo lustre  
 De Barros e de Almeida á estirpe illustre.

Já de Marte no campo sanguinoso  
 Outro Francisco vê, outro Duarte,  
 Que as inimigas hostes derrocando,  
     Os campos arrasando,  
 Irão de incendios, mortes e ruinas:  
     Que do Orbe em toda a parte  
 Farão brilhar as Lusitanas Quinas:  
     Que eterna a sua gloria  
 Farão nos Fastos da immortal Memoria.

## C A N Ç Ã O.

*Vem no moderno Volume Original, e entre os Apontamentos tambem originaes do Author, que conservamos em nosso poder, e por onde se corrigirão alguns versos que por descuido estavam incorrectos no referido Volume.*

**N**Os campos, que cortando  
 Vem o Nabão sereno  
 C' o liquido cristal suave e brando,  
 Se alça hum bosque ameno;  
 Que todo matizando  
 De lindas flores vai o fresco rio:  
 Onde as plantas frondosas,  
 Ou já na primavera, ou já no Estio,  
 Sempre ledas estão, sempre viçosas.

Do placido remanso  
 Ao som surdo e sonoro,  
 De mil pintadas aves sem descanso  
 Canta o suave coro.  
 Zephyro leve e manso,  
 Batendo as frescas azas marchetadas,  
 Menea lisonjeiro  
 Mil arbustos, mil flores delicadas,  
 Que o ar perfumão de fragante cheiro.

De mil Pastoras bellas  
 He toda povoada  
 A deliciosa selva ; mas entre ellas  
 Por formosa e engraçada ,  
 Qual sóe entre as estrellas  
 De Venus distinguit-se a luz graciosa  
 Na noute escura e fria ,  
 Ou em culto jardim purpurea rosa ,  
 Jonia para meu mal se distinguia.

Pela Ninfa formosa  
 Os mais destros pastores ,  
 Que habitão na ribeira deleitosa ,  
 Suspiravão de amores.  
 Na margem arenosa  
 Huns com outros por ella ora lutavão ,  
 Ora soltando ao vento  
 As accordadas vozes , celebravão  
 De Jonia com as graças seu tormento.

A este bosque engraçado  
 Me trouxe astro malino  
 Do mal , que ali me aguarda, descuidado :  
 Tanto póde o Destino !  
 Dos Pastores guiado  
 Vi de Jonia infiel o lindo aspeito ,  
 E apenas o vi , logo  
 Dentro senti no innocente peito  
 Arder hum vivo , mas suave fogo.

Amor, que ha muito havia  
 Que atteiro me esperava,  
 De seus olhos com doce tirannia  
 O peito me falsava.  
 Eu que incauto sentia  
 Correr-me as veias huma chama inquieta,  
 Corria apòs a chama;  
 Qual na brilhante luz a borboleta  
 Corre aos estragos, e as ruinas ama.

Jonia, que então conhece  
 De meu mal o motivo,  
 De meu mal o motivo aumenta e crece (1)  
 Com hum repudio esquivo:  
 Novas prisões me tece  
 Em seu desdem ou falso, ou verdadeiro.  
 Que ás vezes vingativo  
 Quer para mais triumpho o Deos frecheiro  
 Que o repudio, de amor seja incentivo.

Quantas lagrimas tristes  
 As faces descoradas,  
 Nabanciades, então banhar me vistes!  
 Que queixas namoradas  
 Alí me não ouvistes!  
 Mas poderão meus ais, pòde o meu rogo

---

(1) O Author escreveu: O motivo de meu mal &c.

O pranto, que vertia,  
 Derreter, e tornar em vivo fogo  
 De seu gelado peito a neve fria.

Neste gostoso enleio  
 Minha alma embevecida,  
 Com ledas esperanças sem receio  
 Gastava a doce vida:  
 De immenso prazer cheio,  
 De Jônia na mimosa companhia  
 Sempre o Sol me encontrava;  
 Ou quando no Horizonte apparecia,  
 Ou quando no Oceano se banhava.

E ou fosse verdadeira  
 A paixão, que mostrava,  
 Ou que ella a simulasse lisonjeira;  
 Tão contente arrojava  
 Minha alma prisioneira  
 O grilhão, que por outro o não trocaria;  
 Nem hoje o trocaria,  
 Se astuta ainda agora me enganára  
 Como então me enganou a Ninta impia.

Porém Amor tiranno  
 C' o Tempo conjurado,  
 Longos dias não quiz que neste engano  
 Vivesse atortunado:  
 Elle para meu dâno  
 A carreira appressou, e trouxe o dia,

Trouxe as funestas horas  
De minha doce paz, minha alegria  
Inimigas crueis, e roubadoras.

Astrea então chamãva  
Os Pastores de Luso  
Ao certame annual, que celebrava  
Por antiga lei e uso  
Nas ribeiras, que lava  
Do Mondego a corrente cristallina,  
Onde na luta ardente  
Em premio do combate orna benina  
De immortal croa ao lutador a frente.

Eu que á palma aspirava,  
Que a Deosa offerecia;  
Da Ninfa suspirando me apartava:  
E (oh triste, oh cruel dia!)  
Em seus olhos deixava,  
Em seguro penhor da lealdade,  
Da eterna fé jurada,  
A minha alma cativa e a liberdade:  
Mas em q' mãos ficou, Ceos, empenhada!

Que excessos de ternura,  
Que extremos de constancia  
A perfida não fez, e me não jura!  
Quem vira então sua anciania,  
E' a não julgára pura?  
Q' trespassos, que accents magoados,

Amor, lhe não ouvias!  
 Que juramentos de mil ais troncados!  
 Mas delles e de mim, cruel, te rias.

Da Ninfa em fim me ausento  
 Sem tino e suspirando;  
 E mais do que ao cavallo, ao pensamento  
 As redeas affrouxando,  
 Caminhava sem tento.  
 Em toda a longa e então penosa estrada  
 A veloz fantasia,  
 De Amor nas soltas azas transportada,  
 A Jonia só voava, Jonia via.

Ora no pensamento  
 Traçava a antiga gloria;  
 Ora mudando a scena a meu tormento,  
 Pintava a triste historia  
 De meu apartamento.  
 Então de ardente amor arrebatado,  
 O rosto atrás volvia:  
 E de dor ao volvello transportado (1),  
 O cavallo talvez volver queria.

Então da dura ausencia  
 Provando todo o effeito  
 Me estalava da dor com a violencia

---

(1) O Author escreveo : E da saudade. &c.

O coração no peito :  
Morria de impaciencia.  
Porem logo as promessas recordando ,  
Que fez na despedida ,  
Novo espirito o coração cobrando ,  
Se animava a suster a amarga vida.

D'esta arte salteado  
De saudosas lembranças ,  
De hum pensamento mesto e magoado  
Entre susto e esperanças  
Em outro transportado ,  
Atravessando fui a larga estrada :  
E do fresco Mondego  
A' campina suave e dilatada ,  
Quasi sem o saber , absorto chego.

Alí croada a frente  
Do laurel glorioso ,  
Do claro rio a placida' corrente  
E o campo deleitoso ,  
Onde hum tempo contente  
A lira já tangi , deixo appressado ;  
E corro sem demora  
A buscar o lugar afortunado ,  
Onde meu coração minha alma mora.

Chego á floresta amena ,  
Onde n'hum doce engano  
Tão pago vivi já de minha pena.

A Jonia busco ufano :  
 Mas oh que cruel scena  
 Ali meus tristes olhos aguardava !  
 Ali minha esperança ,  
 Quando este golpe menos receava ,  
 Vi morta ás mãos da perfida mudança .

No peito de alegria  
 O coração pulava ,  
 Ao ver presente o venturoso dia  
 Que tanto suspirava :  
 O mais feliz se cria .  
 A' Ninfa corro , e quando a seu tormento  
 Minha alma o fim espera ;  
 Acho que dando meu amor ao vento ,  
 A fé , que me jurou , a outro dera .

Neste cruel instante  
 De mil fuzias cercado  
 Me vi morrer , e o coração constante  
 Em cem partes rasgado .  
 Sevo Deos inconstante !  
 Amor ! de tanta fé , tanta constancia  
 He este o premio dino ?  
 Mas oh ! que em tão cruel fea inconstancia  
 Mais parte tem a Mãi do que o menino .

Tu só , oh fera humana ,  
 Tu mulher tementida ,  
 Hes a causa cruel da dor tiranna ,

Que me consume a vida.  
Ah dura tigre Hyrcana!  
Assim goardas a fé, que me juraste?  
Mas ai Elpino insano!  
Quando em seus juramentos confiaste,  
Esperavas constante o Oceano.

Canção, as azas abre, bate e vòã.  
De Jonia o fingimento  
Pelo mundo apregoa  
De incautos corações para escarmento.

## H Y M N O S.

*Vem na primeira e segunda Collecção.*

## I.

A S. Donato Martyr, e Advogado contra as trovoadas.

**T**Eçamos, alma,  
 Ao grão Donato  
 D' eternas flores  
 Brilhante palma:  
 Os seus louvores,  
 Ou sombra fria  
 O mundo envolva,  
 Ou novo dia  
 De luz o croe,  
 A lingua entoe.

A Fé triunfante  
 Sua alma pura  
 De luz guarnece,  
 Quando constante  
 A Déos se offrece:  
 E o collo exposto  
 A' fina espada,  
 Com ledo rosto,

## H Y M N O S.

Que a Morte espanta,  
O Senhor canta.

Se hañendo soa  
Por cem gargantas  
Trovão ardente,  
Que os Ceos atroa,  
A afflicta gente  
Elle soccorre;  
E a voraz chama,  
Que á terra corre  
Da nuve fea,  
No ar enfrea.

Entre o Divino  
Cheiroso encenso  
Em seus altares  
Armonico hymno  
Povõe os ares:  
Louve seu Nome  
Todo o creado,  
E ao ouvillo dome  
A ira violenta  
Rija tormenta.

Martyr bemdito,  
Que entre os Archanjos,  
Virtudes santas,  
O nome invito  
De Adonai cantas,

Ouve propicio  
 Os teus devotos :  
 Teu beneficio ,  
 Se raios chovem ,  
 Teu favor provem.

II.

A S. Simão Estelita.

**C**eleste Lira , que nas frescas margens  
 Do Jordão santo aos soberanos Coros  
 De mil Profetas tecunda inspiraste  
 Hymnos sonoros :

As maravilhas do grande Estelita  
 Cornigó canta : leve ao firmamento  
 Os seus louvores nas serenas azas  
 Placido vento.

De grossas nuvens carregado o dia  
 Fea borrasca pelos ares brama ;  
 E em flechas solta , dos Ceos se despenha  
 Horrída chama.

Treme nos quicios assustada a terra :  
 A Syria gente do terror cercada ,  
 A Simão corre , e pelo seu auxilio  
 Misera brada.

O Varão santo, que seu clamor ouve,  
 Por elle orando logo em sacrificio  
 Se offrece ao Eterno, e o Eterno seus vo-  
 Croa propicio. (tos

Candida chama, sintilantes sulcos  
 Nos Ceos abrindo, de Simão envolve  
 O santo corpo; e da prisão terrena  
 A alma dissolve.

Pelos abismos das eternas luzes  
 Vò a o espirito, Jehová cantando:  
 Fogem as nuves, o dia se torna  
 Prospero e brando.

Do Immenso aos olhos táto preço encerra  
 Do justo a morte! Vibre a nuve densa  
 Farpões ardentes, que em Simão teremos  
 Firme defensa.

Ao som das arpas, de sonoros orgãos  
 Os seus louvores, oh mortaes, cantemos:  
 Do Eterno o braço, que nelle sintilla,  
 Nelle louvemos.

## H Y M N O

## I I I.

A S. Africano.

**E**Sprito illuminado,  
 Que commercio de fé e os Ceos conserva,  
 Do tigre marchetado  
 No deserto não teme a ira proterva ;  
 Nem os choques violentos,  
 Com que assaltão a terra os elementos.

O Povo Gallicano  
 Fé a meu Hymno dá com seu exemplo ;  
 Pois ao grande Africano  
 Em sua alma erigindo excelso tempio,  
 Com inteiro semblante  
 Ouve estalar o raio crepitante.

Tão celeste confiança  
 Sigamos, oh mortaes ; ao Varão santo  
 Võe nossa esperança ;  
 E na horrída tormenta sem espanto  
 Veremos sobre os riscos  
 Quebrar a furia indomitos coriscos.

Africano divino,

Bem que da tua dextra ás obras bellas  
 Teça mais brilhante Hymno  
 A eterna melodia das estrellas ;  
 Nossos votos attende ,  
 E dos vorazes raios nos defende.

## I V.

A S. Adoeno.

V<sup>oz</sup> Indé, oh mortaes, louvemos  
 Ao grande Sabaoth em os seus Santos,  
 Adoeno exaltemos  
 Em nossos corações, em nossos cantos.

O seu braço invencivel  
 Se da clemencia armado resplendece ,  
 Logo o espirito horrivel  
 Das sonoras bqrascas emmudece.

Ou pelos ares solto  
 Farpada cauda o raio desentrole ,  
 Ou suba o mar revolto  
 Em setras a tocar a etherea mole :

Se o seu presidio invoça  
 Timido mortal, no ar a voraz chama  
 Subito se suffoca ;  
 Enfrea o mar a furia, com que brama.

H Y M N O IV. 271

Oh Normandos, oh gente  
Entre as que o Sol illustra venturosa!  
Em ti brilha patente  
Esta do braço seu obra espantosa.

Arroja ardentes lanças  
Trovão horrendo, treme o globo mudo;  
Mas tu em paz descanças,  
Que o seu sagrado nome he teu escudo.

Vinde, oh moçraes, devotos  
Comigo celebrai o grande Nume:  
De nossos puros votos  
Cheitoso encenso seu altar perfume.

Espirito sagrado, (no;  
Onde, como em cristal, reflecte o Eter-  
Cujo braço, assustado,  
Teme o immundo Lusbel no escuro Aver-  
(no:

Sobre os desertos mares,  
Que surcados não são de humana gente,  
Manda que os grossos ares  
Despenhem o voraz raio estridente.

## CANTIGAS.

*Achão-se tão somente na primeira Collecção.*

## I.

**P**Or Marilia bella  
 Amiclas ardia :  
 Por ella vivia  
 Sempre a suspirar.  
     E sempre se ouvia  
     Marilia chamar.

O duro trabalho  
 De noute e de dia  
 Vencer não podia  
 O seu suspirar :  
     E sempre se ouvia  
     Marilia chamar.

Ou já com o remo  
 As ondas cortasse ,  
 Ou já destraldasse  
 As vélas ao ar ;  
     Marilia se ouvia  
     Marilia chamar.

Se no fundo pego

CANTIGA I. 273

O lanço deitava,  
Se as redes tirava  
Do fundo do mar;  
Marilia se ouvia,  
Marilia chamar.

Na praia colhendo (1)  
As redes em giros,  
Ardentes suspiros  
Se ouvia lançar:  
Marilia, Marilia  
Se ouvia bradar.

Marilia somente  
Na boca trazia  
De noute e de dia  
Sempre a suspirar:  
E sempre se ouvia  
Marilia chamar.

E a Ninfa tiranna  
Seus brados escuta,  
Qual a penha bruta  
Os roncões do mar;  
Que por humna ingrata  
He vão suspirar.

Tom. III.

S

---

(1) O Poeta escreveu: Se na praia colhia.

## CANTIGAS.

## II.

**N**As frescas praias,  
 Que o Tejo fende,  
 Em quanto estende  
 A rede ao Sol:

Ternos suspiros  
 D'alma arrancava,  
 E assim cantava  
 Hum pescador.

Agoás do Tejo  
 Suave e brando,  
 Que murmurando  
 O mar buscais:

Que o vosso Amiclas  
 Em mil ardores  
 Morre d'amores,  
 Vós o sabeis.

A doce, causa  
 De suas magoas,  
 Oh brandas agoas,  
 Vós o sabeis.

CANTIGA II. 275

Mas por piedade  
Goardai segredo,  
Que hei grande medo  
Que o saiba alguem.

Ninfa tão linda,  
Tão delicada,  
Tão engraçada  
Ninfa gentil;

Perdoe Doris  
E Panopea,  
A vossa area  
Nunca pisou.

He seu cabello  
Ondado e louro  
D' Amor tesouro,  
Melhor Ophir.

Traz em seus olhos  
Duas estrellas:  
Outras tam bellas  
O Ceo não tem.

Na breve boca,  
Que Amor inflâma,  
Amor derrama  
Graças sem fim.

No branco collo ,  
Faces formosas  
A neve e rosas  
Se vem brilhar.

A vida alegre  
Hoje exalára ,  
Se eu as tocára  
Huma só vez.

Mas tantas graças  
Dos cobiçosos  
Goardão zelosos  
Amores mil.

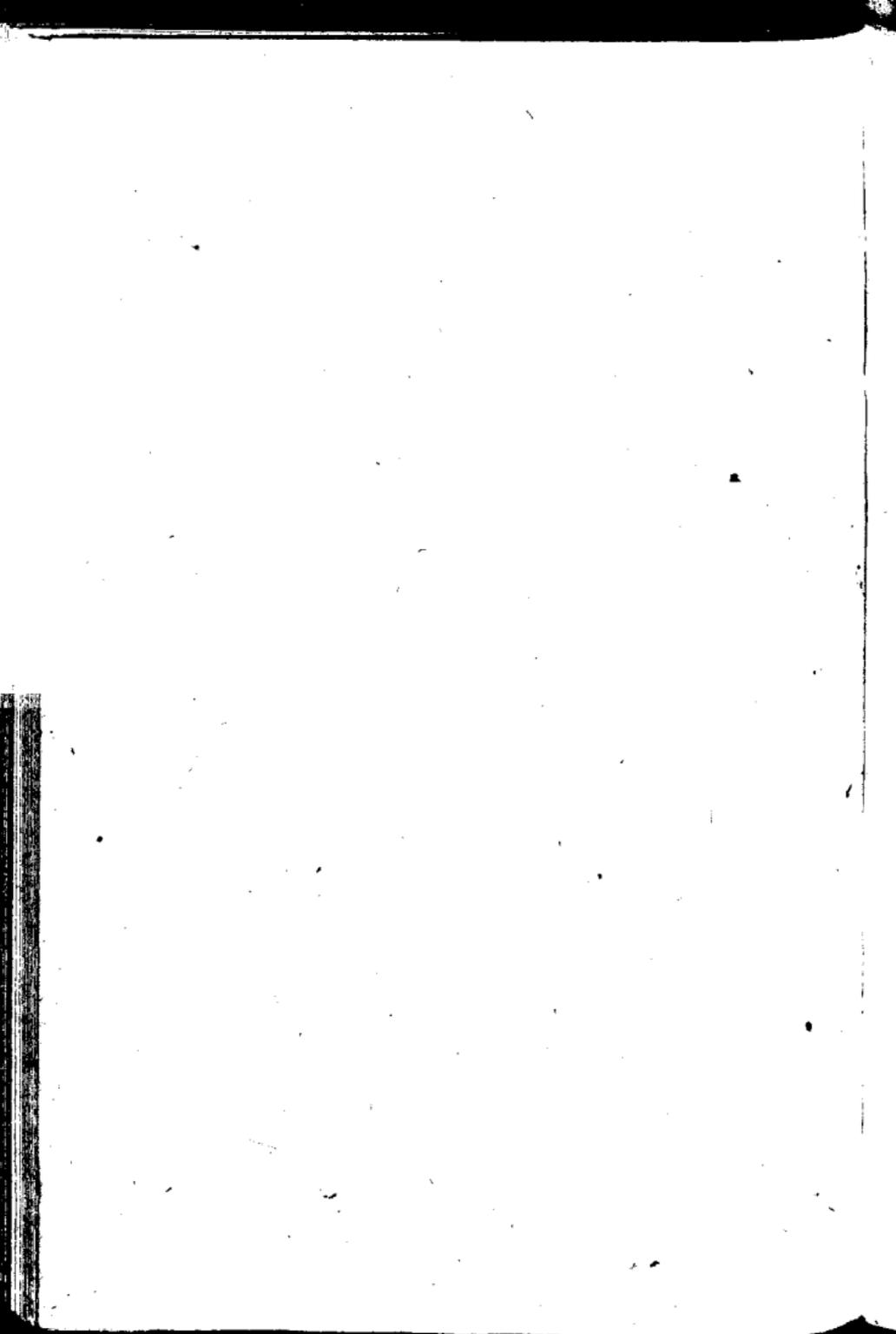
Amores feros ,  
Que em torno a cingem ,  
E as setas tingem  
Nos corações.

Amor na boca ,  
Nos olhos bellos ,  
Longos cabellos ,  
No seio traz.

Mas tem-te , oh lingua ,  
Não digas mais ,  
Que estes sinais  
Mui claros são.

CANTIGA II. 277.

Oh brandas agoas,  
Goardai segredo,  
Que hei grande medo  
Que o saiba alguem.



## V A R I A N T E S.

Variante da Ode I. á Immaculada Con-  
ceição de Maria Santissima.

## E S T R O F E I.

AH longe , longe deste fertil monte ,  
A Febo consagrado ,  
Vulgo profano ;  
Em cujo coração não alça a fronte  
Das santas Musas o furor sagrado :  
E vós , em cujo peito soberano  
Celeste coro seu furor inspira ,  
Atenção ; que hoje intento  
Novo tocar altisono instrumento.

## A N T I S T R O F E I.

Clara d'immensa luz brilhante chama ,  
Na rude escura mente  
Seus raios espalhando,  
A negra nevoa rompe , e já me inflâma :  
Transportar-se a minha alma já se sente.  
Ah ! nos campos que rega murmurando  
O Alpheo cristallino ,  
Já goardador não sou de pobre gado ;  
Noutra especie me sinto transformado.

## E P O D O I.

Occulta força  
 Da opaca terra  
 Entre os Ceos a subir me âni<sup>ma</sup> e esforça.  
 De brancas plumas  
 Cobrir me vejo ;  
 E qual de Thebas o Cantor sonora ,  
 Pelo ar vagando vou cisne canoro.  
 Já sacudindo as azas inquietas ,  
 Vejo sob os meus pés astros , planetas.

## E S T R O F E II.

Mas que serpe feroz se nutre e ceva  
 Naquelle inferior globo ?  
 Que estrago miserando  
 Em seus viventes taz ! na densa treva  
 Tanto não faz no gado cervical lobo !  
 Huns nas garras cruéis vai lacerando ,  
 Outros traga , e c'ò bato envenenado  
 Ainda os mais distantes  
 Subito mata ou deixa agonisantes.

## A N T I S T R O F E II.

Por todo o largo globo se derrama  
 O halito venenoso !  
 Em toda , em toda a parte  
 O contagio letifero se inflâma !  
 Gente infeliz ! no estrago lastimoso  
 Quem te pôde valer ? quem ajudar-te ?

Mas que brilhante luz lá vem raiando,  
 Qual a da roixa Aurora,  
 Quando em serena manhã as nuvens cora!

E P O D O II.

Que maravilha!  
 Do Sol trajada  
 Da progenie de Adão a melhor filha,  
 Que a branca lea  
 Airosa pisa,  
 E tece as soltas, crespas tranças bellas  
 Diadema immortal d'aureas estrellas,  
 He a que derramando vem briosas  
 A torrente de luz pura e formosa!

E S T R O F E III.

Oh! e que airosos passos vem formando  
 Toda de graça chea!  
 Ao vella o monstro horrendo  
 As salpicadas conchas eriçando,  
 De que espantoso o negro corpo atrea,  
 Tinge de sangue os olhos, e batendo  
 Com a comprida cauda a dura terra,  
 De pó nuvens espalha,  
 Ensaio horrivel da cruel batalha.

A N T I S T R O F E III.

Ai! que contra a Donzella delicada  
 (De horror gélo e desmaio!)  
 Silvando se abalança!

Já sobre a grossa cauda levantada  
 Dardeja da farpada lingoa o raio,  
 E para a devorar o collo avança.  
 Já em circulos mil, para prendella,  
     Humas vezes estende,  
 Outras em giro estreito o corpo prende.

## E P O D O III.

Mas á victoria  
 Em vão aspiras,  
 Serpe cruel, que chea d'alta gloria  
 A Mulher forte  
     Firme resiste,  
 Qual o guerreiro Exercito ordenado.  
 Ah! já deixas o campo ensanguentado,  
 Já foges, já te segue, e a sublime  
 Na indomita cêrviz planta te imprime.

## E S T R O F E IV.

Valerosa Mulher, tu só soubestes  
 Domar a horrivel furia  
     Da medonha serpente.  
 Entre as filhas de Adão tu só podeste  
 De teu sexo vingar a grande injuria.  
 Mas que formoso, que Esquadrão lusente  
 As nuvens rôpe, e em torno a cerca e croa?  
     Ah! dos celestes Côros  
 Estes são os Espiritos canoros.

ANTISTROFE IV.

Huns sobre ella ao passar lançaõ velozes  
 Hum diluvio de flores,  
 Outros ao som d'accordes instrumentos,  
 A seu alto valor, soltando as vozes,  
 Cantando vem celestiaes louvores.  
 Silencio, que já soã seus accentos.  
 Oh bemdita Mulher, q̃ entre as mulheres  
 Aos Ceos alçaste a fronte,  
 Qual o cedro do Libano no monte.

E P O D O IV.

A incombustivel  
 Carça entre o fogo  
 Tu Virgem foste, á culpa inaccessible.  
 Tu entre as filhas  
 De Adão brotaste,  
 Qual entre espinhos brota o branco lirio.  
 Tu dos Anjos hes gloria, tu do Impirio:  
 Tu filha, do Senhor, e Esposa amada.  
 Vem triunfante, vem, serás coroada.

*N. B. Nesta Ode se observão alguns leves defeitos, que seria preciso emendar para ficar certa ou a medição dos versos, ou a consonancia das Estancias. Assim poder-se-hia ler o verso 2. da Estr. 1. Fuja o vulgo profano. Os*

v. 7. e 8. da *Antistr.* 1. O cristallino  
 Alpheo na bella Arcadia, Não goardo  
 pobre gado. *Finalmente os v. 1. e 3. da*  
*Antistr.* 4. Taes sobre ella ao passar  
 lanção velozes: Taes ao som de instru-  
 mentos.

### VARIANTE DA CANÇÃO.

*He tirada da segunda Collecção.*

**N**As margens do sereno  
 Nabão suave e brando  
 N'hum bosque de altas arvores sombrio  
 Se vê hum sitio ameno,  
 Que todo matizando  
 De lindas flores vai o manso rio:  
 E sempre em fresco estio  
 As agoas cristallinas  
 Fazem durar viçosas  
 As cravinas, as rosas,  
 Açucenas, mosqueas e boninas;  
 Sem que do sol ardores  
 Se atrevão a murchar os seus verdores.

Alí ao som do manso  
 Cristal, que se despenha,  
 Sonoramente canta o passarinho,  
 Que corre sem descanço

O monte, o valle, a penha;  
 Procurando entre as flores o raminho,  
 Para tecer seu ninho;  
 Adonde descansado  
 Sem temores do astuto  
 Caçador, logre o fruto  
 De seus doces affectos desejado;  
 E consiga entre as flores  
 O suspirado fim dos seus amores.

Nesta alegre espessura  
 A's nuves se levanta  
 Com justa proporção raro edificio,  
 Em cuja architectura,  
 Que o primor da arte espanta,  
 Não fez falta de Escopas o artificio:  
 Porque no frontespicio,  
 Nas portas ext'riores,  
 Cimalthas, alquitraves,  
 Bases, columnas, naves,  
 De escultura feliz entre os primores,  
 Se vê a primazia  
 Da mais bem regulada simmetria.

Coro de Ninfas bellas  
 No seu recinto assiste:  
 A seus olhos, de amor gostosas fragoas,  
 Mais lindos que as estrellas,  
 O Nabão não resiste,  
 Abrasando-se em fogo as mesmas agoas.

Por ellas tristes magoas  
 A mesma Syques chora :  
 Do menino se queixa ,  
 Porque cruel a deixa  
 Pelas Ninfas , que tanto cego adora :  
 Sendo no seu sentido  
 Cada huma melhor Syques a Cupido.

A esta feliz terra  
 Me trouxe o injusto Fado ,  
 Quando o bifronte Deos , esse Deos Jano ,  
 Do templo á dura Guerra  
 Tendo as portas cerrado ,  
 As portas vinha abrindo ao novo anno.  
 Aqui para meu dâno  
 Vi entre as Ninfas bellas  
 Aonia , que a primasia  
 Das outras conseguia ,  
 Como a consegue o sol das mais estrellas,  
 E como entre os verdores  
 A alcança a rosa entre as outras flores.

Pela Ninfa formosa  
 Os rusticos pastores ,  
 Que o manso gado ali apascentavão ,  
 Na margem arenosa  
 Do Nabão entre as flores ,  
 Humas vezes de amor versos cantavão ;  
 Outras vezes louvavão  
 A rara gentileza ,

A graça, o luzimento,  
 De que a dotou a sabia Natureza:  
 Celebrando á porfia  
 A graça, 'o acerto, o garbo, a bizarrria.

Guiado dos pastores  
 Vi a pastora, e logo  
 Cupido que em seus olhos se escondia,  
 Como aspide entre as flores,  
 Setas de ardente fogo  
 Despede, com que o peito me feria.  
 Eu que incauto sentia  
 Que o peito se abrasava,  
 Provando o doce effeito,  
 O incendio no peito  
 Vendo a formosa origem augmentava:  
 Como o insecto na charna  
 Adora os estragos, as ruinas ama.

A Ninfa, que conhece  
 Dé meu dâno o motivo,  
 O motivo accrescenta de meu dâno.  
 Novas prisões me tece  
 N'hum doce olhar esquivo,  
 Em que á razão me enlea hum doce en-  
 De seu peito tiranno (gano.  
 As cristallinas agoas,  
 Que meus olhos lançarão,  
 O marmore abrandarão:  
 Pois lastimada em fim de minhas magoas,

Se deixou ver amante,  
Oh ! quanto cõsegue hum amor constante !

De mi proprio esquecido  
E de Aonia só lembrado  
Nos montes , valles , bosques e florestas  
Deixava andar perdido  
Sem goarda o triste gado.  
As serenas manhás , calmosas sestas  
Em praticas honestas  
Co' a Ninfa divertia ;  
Em agradavel luta  
Colhendo a doce fruta ,  
Que Amor do seu amor me' promettia.  
Mas oh injusto Fado !  
Que depressa se muda hum doce estado !

Era o tempo em que Apollo ,  
Deixando o vellocino ,  
Nõ roubador de Europa alegre entrando,  
No frio Arctico pólo  
Seu resplendor divino  
Liberal outra vez vinha espalhando :  
E Flora , matizando  
Os campos de mil cores ,  
Nos prados diffundia  
Quanta Zephyro cria  
Mimosa producção dos seus amores :  
Vendo-se em toda a parte  
Florido Adonis , a pesar de Marte.

As innocentes aves  
 Dos ramos espalhavão  
 Em confusa, mas doce melodia  
 Varios cantos suaves:  
 Os ribeiros quebravão  
 As prisões em que o gelo os suspendia:  
 Em todo o mundo havia  
 Doce contentamento:  
 Quando a cruel Fortuna  
 Instavel, importuna  
 Da roda no ligeiro movimento,  
 Fez barbara, inclemente,  
 Que em todo o mundo eu fosse descõtente.

Nos montes, que o Mondego  
 Brandamente rodea,  
 O certame annual se celebrava,  
 A cujo justo emprego  
 A Sacrosanta Astrea  
 Os pastores do Luso convocava:  
 Eu que á palma aspiravã,  
 Que Nemesis tecia,  
 Da Ninfa allí me ausento  
 (Oh duro apartamento!)  
 Deixando-lhe (oh cruel, oh triste dia!)  
 Em fé da lealdade  
 Coração, alma, vida e liberdade.

Cheguei ao altivo monte,  
 Onde a filha de Astreo,

Fugindo da maldade achou asilo :  
 E coroada a fronte  
 Co' a rama , que a Peneo  
 Fez de lagrimas ternas outro Nilo ,  
 Premio que antigo estilo  
 No certamen reparte ;  
 Da saudade excitado ,  
 Dos campos , onde o gado  
 Tantas vezes me ouviu , Amor , louvar-te,  
 Me ausento sem demora :  
 O Norte busco , que minha alma adora.

A' selva infeliz chego ,  
 Onde a formosa e cara  
 Deosa de Chypre , Gnido e mais Cythera  
 De amor no doce emprego  
 Feliz me coroara  
 Com grinaldas de murta , que tecera.  
 Busco a pastora : ( oh fera !  
 Oh barbara lembrança !  
 Tu cruel , tu impia ,  
 Me roubas a alegria !  
 Pois de Aonia na perfida mudança  
 Trazes ao pensamento  
 O motivo cruel de meu tormento ! )

Busco a pastora bella :  
 E quando nos seus braços  
 O premio espero a meu amor constante ,  
 Encontro ( injusta estrella ! )

Que presa em outros laços  
 Por infiel Pastor suspira amante.  
 Cruel Deos inconstante,  
 He este o premio justo  
 Que dás a quem te adora?  
 Mas oh! sem causa agora  
 Te reputo cruel, te chamo injusto:  
 Pois deste premio indino  
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.

Tu só, oh fera humana,  
 Com teu fingido agrado  
 Foste causa cruel do meu tormento:  
 De ti na dor tiranna  
 A' selva, á fonte, ao gado,  
 Plantas, aves, terra, agoa, fogo, e vento  
 Me queixo e me lamento.  
 Dize, oh Circe fingida,  
 Que he da té que juraste?  
 Assim desempenhaste  
 A eterna constancia prometida?  
 Mas oh! se em ti fiava,  
 Constante o vento, o mar firme esperava.

Vós Ninfas cristallinas,  
 Em cujas claras agoas  
 Assiste essa cruel nova Serea,  
 Se acaso ouvis beninas  
 Estas, funebres magoas,  
 Que ao som cantei da misera cadea,

292. V A R I A N T E.

Sepultai nessa area  
As queixas, que refiro.  
Assim vossa corrente  
Não turve grossa enchente!  
Pois não he bem que a dor por que suspiro,  
Quando meu mal contemplo,  
Da perfidia no mundo deixe exemplo.

Canção, se por ventura  
Alguem teus desacertos  
Accusar rigoroso, tu lhe diz:  
Que nunca a desventura  
Costuma outros acertos  
Despender a hum misero infeliz:  
E que a dor mais violenta  
Sempre menos discreta assim se ostenta.

*N. B. Na Est. 6. falta hum verso, para ella ficar semelhante ás outras Estancias.*

F I M.

## INDICE

Das Poesias, que se contém neste Volume.

### DITHYRAMBOS.

<b>B</b> accho imberbe , Baccho ardente , - - - - - pag.	42
Eis o sombrio , gelado Inverno -	48
Em cem negros cavallos procellosos	57
Este que hoje tocar ousado intento ,	5
Huma tarde de Maio serena - - -	74
Onde estou ? - - - - -	22
Pois que Noto ali-nevoso - - -	51
Que das sezões - - - - -	36
Tirse ditoso , - - - - -	39

### ODES ANACREONTICAS.

A minha Lira , - - - - -	151
A Rosa he das flores - - - - -	208
A' sombra suave , - - - - -	206
Aglaia bella , - - - - -	180
Amor , que fugia - - - - -	156
Amor , que ouvir desejava - - -	160
Aurea lira , lira amada , - - -	171
Borboleta que innocente , - - -	182
Casta rola , que rolando - - -	191
Da-me , Aglauro , essa poncheira -	167

Da-me o frasco, e da-me a lira, -	124
De meu triste cuidado - - -	164
De mil Ninfas na innocente - -	194
De seguir no alto monte - - -	120
De suor todo banhado, - - -	177
Em meu alvergue - - - -	187
Em seus cabellos - - - -	178
Essa linda borboleta - - - -	159
Eu vi a Baccho, - - - -	184
Hum tento Cupido - - - -	199
Huma pomba, mais que a neve -	157
Já a neve a calva fronte - - -	141
Já batendo a roixa Aurora - -	127
Já do Sol o raio ardente, - -	169
Já no Oriente - - - -	129
Já pelo verde monte - - - -	145
Já que o Inverno - - - -	173
Já vem a primavera - - - -	132
Leves Auras, que voando - -	192
Oh Lira das Graças amiga, - -	135
Outro cante embora utano - -	154
Pelo campo hum dia - - - -	153
Pintor destro e delicado - - -	201
Pois que o raivoso - - - -	139
Qual flor formosa - - - -	203
Que não sou o vento brando! -	143
Quem vio huma Ninfa bella - -	210
Ricas baixellas - - - -	189
Suave Avezinha, - - - -	197
Turva a chuva as claras fontes, -	122

I N D I C E. 295

Vês, Lisio amado, - - - - - 148

O D E S.

Ah! longe, longe deste fertil monte, 214  
Batendo as negras azas, o regelo - 239  
Celebrem outros as vorazes chamas, 243  
Enxugai, enxugai o triste pranto, 221  
Eu não te invejo, Clarissimo Faro, 247  
Que sagrado furor, que estranho im-  
pulso - - - - - 226  
Santas Intelligencias, - - - - - 218  
Se pulso a Cithara de Alceo armo-  
nica, - - - - - 236

E P I T H A L A M I O.

Accende, oh Hymeneo, a luz for-  
mosa - - - - - 250

C A N Ç Ã O.

Nos campos, que cortando - - 256

H Y M N O S.

Celeste Lira, que nas frescas mar-  
gens - - - - - 267  
Esprito illuminado, - - - - - 269  
Teçamos, alma, - - - - - 265

Vinde , oh mortaes : louvernos = 270

## CANTIGAS.

Nas frescas praias , . - - - - 274

Por Marilia bella - - - - - 272

## Erros.

## Emendas.

Pag. 34. l. 8. lêa-se	Διὸς ἐνυχίη :
35. l. 1. (Veja-se	Veja-se
75. v. 4. Ululando ,	Ululando ,
96. v. 9. embarco	embarco.
153. v. 17. escondido ,	escondido
194. v. 4. saudade ,	saudade.
246. v. 9. famoso	famoso ,
l. 18. al.	al.
253. v. 10. temerosa	temerosa.
v. 15. desejo ,	desejo (2) ,
263. v. 6. as mãos	às mãos

P. de C. no. 17. 6 de Junho  
de 1817.

